



Vitor Grabowski de Paiva

**CARTAS AO MAR –
uma encenação epistolográfica**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras / Literatura, Cultura e Contemporaneidade.

Orientador: Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz

Rio de Janeiro

Abril de 2016



Vitor Grabowski de Paiva

CARTAS AO MAR – uma encenação epistolográfica

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz

Orientador

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Daniel Fernandes Castanheira

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Roberto Corrêa dos Santos

Instituto de Artes - UERJ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas - Puc-Rio

Rio de Janeiro, 14 de abril de 2016

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Vitor Grabowski de Paiva

Graduou-se em Jornalismo na PUC-Rio em 2009. Trabalhou em diversas publicações como jornalista e escritor, principalmente para a área de cultura e música, além de outras atuações como produtor cultural e músico. Publicou três livros de poesia e participou de coletâneas na área de literatura. Foi um dos criadores e artistas do evento de arte CEP 20.000. Atualmente é redator do site Hypheness, editor do site Ornitorrinco e diretor de comunicação da plataforma de financiamento coletivo Embolacha.

Ficha Catalográfica

Paiva, Vitor Grabowski de

Cartas ao mar – uma encenação epistolográfica / Vitor Grabowski de Paiva ; orientador: Júlio Cesar Valladão Diniz. – 2016.

182 f. : il. color. ; 30 cm

1. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2016.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Epistolografia. 3. Movimento. 4. Coletivos. 5. Geração. 6. Autoetnografia. I. Diniz, Júlio Cesar Valladão. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

Para Ericson Pires, por ter
sido combustível e faísca de toda
essa troca, desde sempre, para
todos os sentidos.

Agradecimentos

A Júlio Diniz, meu orientador, pela condução, o olhar crítico, o incentivo à liberdade e o companheirismo.

À CAPES e à PUC-Rio, que me ofereceram os meios e as possibilidades de realizar esse trabalho.

Aos queridos participantes e coautores dessa dissertação, que me deram sentido, incentivo, força, e que são o sol dessa iniciativa: Amora Pêra e Pedro Rocha, Botika, Domingos Guimaraens, Ericson Pires, Fernanda Félix, Gabriel Pardal, Mariana Patrício, Mariano Marovatto, Pedro Lago, Thiago Vedova e Thiare Maia. Pelo porto seguro que são, pelo carinho e pela disposição em se jogar nesse projeto comigo.

A Guilherme Zarvos, por ter me mostrado o caminho, me tirado do caminho, por tanto que ensinou e ainda ensina, e pela amizade.

À Ana de Souza Dantas, pelo apoio, inspiração e incentivo, horas a fio, madrugadas a dentro.

Às professoras Marília Rothier Cardoso e Rosana Kohl Bines, e ao professor Frederico Coelho, pelos apontamentos e olhares que me foram fundamentais ao longo do mestrado.

A todos os companheiros de mestrado, que atravessarem comigo esse rico período, e também apontaram, iluminaram e deram suporte.

A todos os companheiros de CEP 20.000, que são muitos, mas que se fazem presentes sempre, e são parte desse trabalho.

A Michel Melamed, pela amizade e por ter me convidado a participar do CEP 20.000, me recebido e me ensinado a estar lá.

À Manoela Miklos e Rossini Viana, pelas conversas inspiradoras nos cafés de terça e pela vida a fora e por vir.

Aos companheiros da Embolacha, Bernardo Palmeira, Marcelo Callado e Melvin Ribeiro, pela paciência com minha ausência e pelo suporte afetivo e prático.

A Eduardo Sodré, Botika, Fabiano Ribeiro e Rafael Papel;, pelos anos que cruzamos juntos, e pela sorte de termos nos encontrado, feito música e aprendido tanto por tanto tempo.

À Margareth Hisse, pelo carinho, pela atenção, dedicação e parceria de tantos anos.

À minha família. Meus pais, Miguel Paiva e Malu Grabowski, e meus irmãos Caio Paiva, Adolfo Grabowski e Diego Paiva, pelo suporte, o afeto, o contorno, o sentido.

A todos, meu mais sincero e profundo agradecimento e amor.

Resumo

Paiva, Vitor Grabowski de; Diniz, Júlio Cesar Valladão (Orientador). **Cartas ao Mar - Uma encenação epistolográfica**. Rio de Janeiro, 2016. 182 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A dissertação procura realizar, através de uma rede de troca de cartas, um recorte hipotético do sentimento de uma época. Usando as cartas como registro daquilo que poderia se chamar uma “geração”, mas abandonando o sentido cronológico do termo para abraçar seu sentido “gerador”, o trabalho reúne em um diálogo epistolar um grupo de artistas que criam e criaram a partir de pontos de partida – experiências – que se cruzam, se influenciam ou se complementam. Tendo como ponto de partida o evento CEP 20.000 – importante palco de experimentação artística do Rio de Janeiro, que há 26 anos funciona como ponto de partida, ponte entre artistas e pista de decolagem para projetos artísticos diversos –, o trabalho encontra na morte do escritor Ericson Pires - um dos fundadores do CEP e aglutinadores principais desses encontros, circunscritos na Zona Sul do Rio de Janeiro – a faísca para a decolagem dessa troca de cartas coletiva. Buscando a sobreposição de vozes e a fricção de discursos a fim de ampliar qualquer noção que pudesse miopemente querer “significar” ou “totalizar” a ideia desse grupo selecionado como um “retrato geracional”, a dissertação não tem como ponto de chegada uma conclusão reveladora ou simbólica. Intercalar essas falas, encenar a epistolografia de um grupo em um período, um ponto de estímulo, uma natureza de diálogo – íntima ao mesmo tempo que ficcional, confessional ainda que crítica – é o que o trabalho procura alcançar.

Palavras-chave

Epistolografia; movimento; coletivos; geração; CEP 20.000 (Centro de Experimentação Poética do Rio de Janeiro); autoetnografia.

Abstract

Paiva, Vitor Grabowski de; Diniz, Júlio César Valladão (Advisor). **Letters to the sea - an epistolographic staging**. Rio de Janeiro, 2016. 182 p. MSc. Dissertation - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

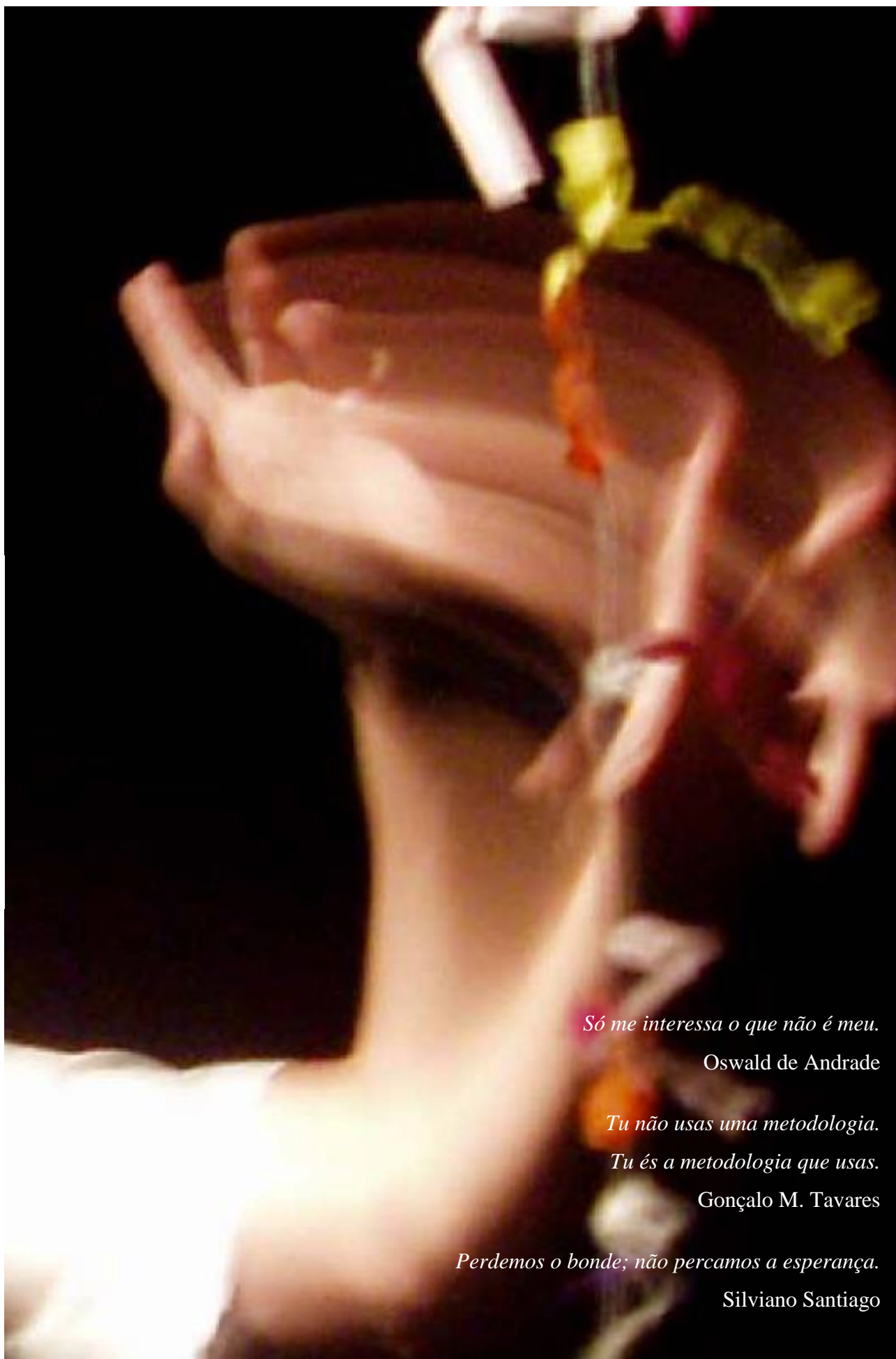
The dissertation attempt to create, through an epistolar network, a hypothetical portrait of an era. Using the letters as a document of what could be called a "generation", but leaving the chronological sense of the term behind and embracing its "generator" aspect, this work puts together an epistological conversation between artists that create from similar or complementary starting points – experiences. Using as a starting point the event CEP 20.000 – an important artistic and experimental stage in Rio de Janeiro, working as meeting and melting point to poets, composers and music acts, actors and performers since 1990 -, this dissertation finds in the death of Ericson Pires – writer and one of the founders of CEP 20.000 – the spark that lights the fuel to this collective trading-letters network. Using the overlap and friction of voices and speeches to expand any idea of "generation", the project doesn't really look for one symbolic conclusion. Merging these speeches, staging the epistolography of an group in a period of time, a point of stimulation, some kind of dialog – private and, at the same time, fictional; confessional but yet critical – are the goals that this project forward to reach.

Keywords

Epistolography; movement; collectives; generation; CEP 20.000; self-etnography.

Sumário

1 GARRAFA Nº 1 - À DERIVA	14
1.1 o uso de um símbolo em desuso	20
1.2 nosso repertório de gestos, nosso ritmo cardíaco	29
1.3 tentar catalogar a história	33
1.4 pequenas coleções de sensações	39
1.5 tristíssimo pedestal-guilhotina	43
1.6 não somos mórmons, somos mermão	46
1.7 entre o banal e o contundente	51
1.8 da rota de um possível fim	55
2 GARRAFA Nº 2 – CIDADE FANTASMA	59
2.1 nunca me secará a saliva da língua	68
2.2 precariedade é só uma palavra	70
2.3 já estive no Brasil	83
2.4 o medo de fazer	86
2.5 nada a ver com nostalgia	90
2.6 um movimento é um sentimento	103
2.7 uma resposta propositalmente mais falha	107
2.8 naquela esquina de uma época	113
2.9 há de haver um lugar ou um quando	116
3 GARRAFA Nº 3 - CARO CENSOR	124
3.1 Memória	134
3.2 cena é besteira	136
3.3 por uma escrita da falta	148
3.4 eu disse não	155
3.5 a banda acabou, muitas bandas acabaram	159
3.6 pra você que me esqueceu	160
3.7 não tenho mais a pegada do lutador	162
4 Referências bibliográficas	180



Só me interessa o que não é meu.

Oswald de Andrade

Tu não usas uma metodologia.

Tu és a metodologia que usas.

Gonçalo M. Tavares

Perdemos o bonde; não percamos a esperança.

Silviano Santiago

O desejo de personificar um corpo num rosto único, de dar ao rosto um nome próprio singular, não está em contradição com o estatuto do viver-em-linguagem, do ler e do escrever na pós-modernidade? (...)

Sem identidade, sem rosto e sem nome próprio estável, qual é a minha primeira pessoa que, para se exprimir neste preciso momento, devo invocar e convocar? Seria a primeira pessoa que, como querem Jacques Lacan e os psicanalistas, é a primeira na ordem cronológica, ou seja, a primeira pessoa que reconhece a si no "estágio do espelho"? Aquela que me colocou de cara no jogo da vida pela imagem do duplo de mim mesmo, isto é, pelo reconhecimento meu de mim no outro especular. Isso a que chamo de "minha experiência de vida" e isso a que chamo de "meus escritos", não seriam uma sucessiva e sempre interrompida e sempre retomada cadeia de escolhas narcísicas de objeto, de manufatura de manequins que, pela leitura e pela identificação a posteriori e, agora, neste meu corpo, são eu não sendo eu?

Silviano Santiago, *Eu & as galinhas d'angola*

Todos nós somos amigos e estamos aqui nesta tarde para voar e fecundar alguma coisa que nós nem sabemos o que seja mas que é melhor do que tudo aquilo que a gente pensou que pudesse ser

Carlos Emílio Corrêa Lima, *CEP 20.0000*

Ain't there one damn song that can make me break down and cry?

David Bowie, *Young Americans*

1 GARRAFA Nº 1 - À DERIVA



Fonte: Acervo pessoal do autor

Começamos essa travessia boiando sobre um barco furado. Um barco lindo, enorme, o barco dos nossos sonhos – principalmente por ser o único barco que tínhamos – porém, com um grande e visível buraco em seu casco. Era como um barco ferido, transportando animais igualmente feridos. O buraco não é nem nunca nos foi um problema, afora o pequeno detalhe de que um barco furado flutua fadado ao seu destino.

Escrevo à deriva, sentado sobre uma nesga de terra, cercado de páginas por todos os lados. Já não é mais possível enxergar o barco, absolutamente submerso e tomado por papel, e não é possível ter certeza se a tripulação ou os passageiros sobreviveram. Pelo som, pela sensação, tenho a impressão de que, para além do naufrágio, (talvez alheio ao naufrágio) a festa continua.

Apesar do que pensávamos sobre nós mesmos, éramos adolescentes somente, e essa podia ser a história de qualquer um: de um grupo de jovens nigerianos ao som de Fela Kuti, ou teenagers ingleses na swinging London dos anos 1960, brasileiros mesmo antes de saberem que eram adolescentes ou brasileiros (mas com música), sem sequer poder imaginar a chegada por vir dos europeus, cubanos enlouquecidos de hormônios pré ou pós revolução, norte-americanos desiludidos embriagados de apocalipse no início dos anos 1990 – e a história perderia um ou outro personagem, ganharia nomes diversos, mas seria fundamentalmente a mesma. Tocávamos instrumentos e escrevíamos versos (alguns encenavam, uns poucos desenhavam, raros eram os que já filmavam) definitivamente mais por necessidade do que por vocação (falo por mim em nome de todos, e cometerei injustiças diversas ao longo dessa travessia).

Sabíamos mesmo antes de partir que o navio trazia um furo. Não comentamos nada sobre, e fingimos uns para os outros não que o furo não estava lá - mantivemos nossa crença no desejo visceral de cruzar o oceano, e rapidamente descobrimos que simplesmente silêncio nem desejo são capazes de tapar buraco algum. A função, o destino, a missão de um navio furado é afundar. Devo confessar, no entanto, que estar à deriva, de uma maneira ou de outra, é o estado, o lugar exato onde deveria – onde quero – estar.

Talvez seja importante admitir certas reflexões críticas no instante em que tais brotam, aproveitando a contundência fresca das associações intuitivas e avaliações instantâneas de que somos capazes – o jogo de significações que nos faz animal peculiar. Sendo assim, admito que talvez nosso desejo não fosse, por fim, o de cruzar o oceano. Não havia um capitão, um piloto experiente, um marinheiro sequer entre nós. Talvez o desejo movedor fosse justamente o desejo movediço de naufragar. Vivenciar o naufrágio não como fracasso, mas como algo essencial – rumo único de toda embarcação, e início de nova travessia. O navio, quando se aproxima do porto lentamente, para enfim se escorar sobre as boias e desaguar seus ocupantes em terra firme, está sempre naufragando. Só o movimento sobre as águas não é naufrágio. Navio parado é navio morto. Todo barco está sempre furado. Todo aportar é um afundar.

Essa viagem é especial porque está sendo contada, e nada mais. Para além da convicção de que toda história merece um milhar de páginas em edição de luxo (ou um especial de TV, um documentário longo em perpétua exibição, uma coleção

de desenhos ou fotografias em exposição), um homem só em uma ilha com papel e pena e uma garrafa vazia merece que sua história seja lida, a fim de que essa história enfim deixe de ser sua. Apesar da solidão, do medo e da incerteza, a vista daqui é a mais bonita. O desejo é simplesmente o de seguir viagem – voltar, jamais.

É claro que aportamos algumas vezes, e chegamos a crer que alguns desses portos se tornariam moradas (e chegaram a se tornar, mas não definitivas, como poderíamos então querer). Nos despedimos de alguns marujos, recebemos outros a bordo, improvisamos rotas e destinos, e sabíamos, conforme cortávamos o mar e o horizonte, que o barco tinha seus dias contados. Começamos a construir, então, dentro do nosso barco, outros barcos. Outros naufrágios. Outras boas notícias.

Pois que fique bem claro que a festa a bordo jamais cessou. Não houve balanço do mar que tenha nos nauseado, nem instante sequer em que não tenhamos reconhecido terra à vista como uma nossa casa. As inundações que aos poucos começaram a tomar conta foram também comemoradas, e mesmo quando as páginas já pesavam sobre o fundo do barco de tal forma que era inevitável que saltássemos à deriva em botes menores - a fim de tentar vencer a inclemente violência das marés de páginas - mesmo isso se deu ao ritmo e ao som da festa.

Portanto, recomeço essa carta contornando tudo que escrevi até aqui, no sentido oposto, tonto no meio do mar de páginas, mas certo de que não estou à procura de porto para cessar a viagem. Fomos nós que afundamos o navio, felizes da vida, certos de que não queríamos aportar. A festa só acaba para recomeçar. Não creio que seja necessário lembrar que toda garrafa lançada ao mar é também (ou enfim) um pedido de socorro.

Rio, s/ data

Meus queridos,

Vocês não sabem como fico feliz de poder estar escrevendo pra vocês. Não sei quantas boas novas posso contar, como também não sei se existem tantas boas novas assim para serem contadas. Estou falando de um lugar perto de onde vocês estão. Talvez soe como pretensão, mas a realidade é que vocês se encontram muito mais próximos do que podem imaginar. (...)

Essa garrafa lançada no mar. O que mais surpreende é que não sei o que falar. Só sei que quero falar algo que continua, de algo que continua. Continua em vocês. Continua em mim. Continua nas coisas. Não sei, nem tudo está perdido... mas que papo furado! O que está perdido está perdido, deve ser perdido deve voltar a estar perdido. (...)

Ericson Pires, *Cidade Ocupada*

Rio, s/ data

Meu querido,

São seis horas da manhã, o sol está começando a nascer e, após horas inócuas insistindo em tentar dormir, resolvi finalmente lhe responder. E retribuo: você não sabe como, apesar de tudo, fico feliz em lhe escrever.

A boa nova que tenho pra contar é que cedi às suas investidas e enfim estou cursando o mestrado em letras que você tanto insistiu pra que eu fizesse - não abandonei a música, no entanto, contrariando parte das suas recomendações. O mundo da música é cruel, e sei como sua relação com ele era confusa, cheia de lados, amor e repúdio – e creio que a recíproca fosse verdadeira. Ao mesmo tempo, cada vez mais sinto que a música anda nos abandonando a todos por aqui, e assim, por um lado, lhe dou razão. Mas não, a vida não é um Fla X Flu. Vamos com calma.

Não que antes fosse fácil – e passou tão pouco tempo, afinal – mas parece que a coisa piorou ainda mais. Sempre tivemos essa diferença: cresci nos anos 1990, quando você já era adulto, ativo, militante de tudo. Tenho a impressão de que, pra quem cresceu então, havia, ao menos, o velho “motivo” cultural de procurar questionar o *establishment*. Feito um sonho ilusório, admito, mas ao menos isso havia. Só agora é que fazemos a revisão que provavelmente você fez enquanto nós sonhávamos – e, por nós, você sabe que estou falando de mim e do Botika, mas poderia incluir muitos outros. Hoje, não há mais *underground* enquanto força cultural, simbólica, ao menos não com o poder que havia quando eu era adolescente – pelo mero fato de que tudo é *establishment*, o braço único do mercado cultural. E ele não discursa mais, nem como farsa: não se sustenta, e se oferece somente, como os últimos produtos numa prateleira de supermercado, em que o consumidor compra o que tem, não o que quer. Mas isso não é novidade pra você.

No fundo, nenhum de nós existe de fato no mercado da música – talvez em lugar nenhum. Seria esse seu grande assombro? Vivemos no hiato entre o cruel e frio pragmatismo de uma perpétua crise e a pureza de mais um sonho – que talvez seja somente a covardia da inércia carioca; o sentimento ébrio do balneário que tudo nubla. Ou seria a presença, prática e simbólica, da Rede Globo aqui? A imobilidade moribunda do próprio mercado talvez possa simplesmente ser lida como a constatação de que as coisas não se deram como gostaríamos, pra ninguém. Em suma: parece pior, mas pouca coisa mudou. Prometo, no entanto, que não estou lhe

respondendo para reclamar de trabalho. Isso já fizemos demais.

Você se encontra muito mais perto do que pode e pôde imaginar. Lamento por dizer isso só agora, mas confesso que jamais pensei que você desejasse ouvir – por mais óbvio que hoje isso possa parecer. É claro que sei do seu carinho, do seu amor – aliás, me lembre de comentar algo sobre a dedicatória que você me escreveu no *Cidade Ocupada* antes do fim dessa carta – mas até hoje cria que não te interessariam essas afirmações de proximidade. Na esfera política, é evidente, assim como no afeto coletivo que nos afirmou e afirma enquanto grupo. Mas não diretamente de mim, ainda que aquela última vez que nos vimos, no bar Cabidinho, hoje sirva como mapa perfeito dessa admissão que aqui faço: fui duro naquela noite, talvez ainda sob a clave que fundou nossa relação, de admiração, carinho, diversão, porém enfrentamento, franco e frontal. Sempre senti que havia esse acordo tácito entre nós, de que éramos capazes de suportar o enfrentamento um do outro, e que isso era importante para ambos. Pra mim é verdadeiramente desconcertante recordar do Pedro me dizendo que havia sido duro demais com você. Esperei um pouco, me levantei e fui te dar um abraço. Você sorriu imediatamente, me abriu os braços e me deu um beijo suado no rosto. Estava tudo bem, tudo dentro dos conformes. Sorrimos, abraçados, e fiquei aliviado. Já havíamos discutido antes, assuntos mais sérios, mais densos, alcançando intensidades muito mais arriscadas do que a daquela noite, mas por algum motivo, naquele dia senti que tinha que te pedir desculpas, coisa que jamais havia sido necessária. E, no mais, concordo com você: Bruce Lee, Bob Marley, Che Guevara. Quis incluir o Pelé na lista dos heróis do terceiro mundo, mas acho que você tem razão: é diferente. É menor. E nem me importo com suas colocações sobre a obra do Roberto Carlos – se você visse as bobagens que ele tem dito e defendido sobre a questão da necessidade de autorização para biografias, no Brasil, me cassaria pela cidade, para retomar o papo do ponto e no tom em que paramos.

“Um pedaço de impossível” é um sopro poético contraditório em si, auto anulável – se é só um “pedaço” de impossível, que é um conceito absoluto, então é possível. Enfim, você entendeu – logo, isso certamente também aponta para algo de esperançoso. Mas trata-se de uma esperança que brota de espasmos de inviabilidade, pequenas desistências, pequenas mortes, grandes mortes, desejos de querer mudar justamente por ter que mudar – de mudar para além dos próprios desejos, e tentar curtir essa mudança necessária. Durou pouco o processo de ir embora, e não fez jus,

tampouco, à presença que confirmamos e descobrimos ainda mais ampla, conforme te perdíamos. É o contrário da resignação, e é também, como você afirma, se perceber no jogo, mas em outra parte da qual você escreveu sua carta. Porque o jogo com o tempo e o corpo muda quando você lentamente assiste um amigo partir – sim, foi rápido e lento ao mesmo tempo. É estranho falar com você sobre a sua partida, mas enquanto escrevo, finjo se tratar de uma ausência provisória. (...)





Fonte: <http://www.calder.org/>

Porque a arte precisa ser estática? Você olha para uma abstração, esculpida ou pintada, um arranjo inteiramente excitante de planos, esferas, núcleos, totalmente sem sentido. Seria perfeito, mas estão sempre estáticos. O próximo passo nas esculturas é o movimento. (Alexander Calder)

1.1 o uso de um símbolo em desuso

Tovarishch Paiva,

nestes últimos tempos em que não estamos assim tão frequentes

(eu tentei colocar uma trema em frequentes, mas o programa que simula a máquina de escrever está mais atento às normas atuais da língua portuguesa do que à liberdade estética, e mais, não permite o uso de um símbolo em desuso. Não que seja saudosismo, eu jamais perderia a alegria pela ausência de uma trema, que embora embeleze e traga algum senso de espaço no tempo, não faz tanta diferença na vida quanto o trem. O trem sim, me acumula uma certa sensação de que a vida poderia estar mais interessante. Não só mais coletiva e limpa, mas traria toda uma gama de sentidos. Quando a minha adolescência era coerente com os anos que eu tinha vivido, imaginava um trem urbano e contínuo, que era na verdade um objeto sem começo nem fim e que estava sempre passando. Era só espera-lo parar e subir. Seria como a imagem da cobra que morde o rabo, só que trem. Assim eu pegaria ele em Ipanema e ele já estaria no Catete, era só deixar o espaço passar e meu vagão preencher todo o caminho. Isso realmente aconteceu.)

, me ocorre pensar nos alicerces que nomeiam ou definem, seccionam um punhado de gente em geração. Diz-se ou dizia-se que o intervalo de aproximadamente dez ou quinze anos era ou é o espaço no tempo que decanta esse conceito e define as curvas na história. Claro que a história ainda é exclusiva dos vencedores e os vencedores nem sempre são os mais interessantes. Mas não é sobre esse dormente que se locomove minha comoção. Ou por outra, é sim. São 04 horas da madrugada do dia 30 de maio e, se estivesse vivo, Ericson faria 44. Estaríamos sentados ainda, essa hora, acumulando copos em algum lusco-fusco da cidade. Essa convergência entra no texto já com alguma ausência de pesar, e vale salientar que ele, com seus 5 anos de diferença pra mim, quando o assunto se extremava, comentava: "ah... mas você é de outra geração". A pergunta que se ergue não é outra senão essa: existe ainda vivo esse conceito geracional – no sentido de força propulsora de identidade que transmuta um coletivo em indivíduo plural?

Jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos, pode-se dizer, fazem parte da mesma geração. *Karl Mannheim* (1928). (...)



Fonte: Acervo pessoal do autor

Rio, 17 de maio de 2015

Zarvoleta,

Não poderia haver outro destinatário, outro destino e, ao mesmo tempo, outro ponto de partida que não essa flecha de afeto e de identidade – pessoal, coletiva, anônima, indecifrável. Silviano sussurra, em *Eu & as Galinhas d'Angola*, meio me confirmando, meio me contrariando: uma flecha que, “impulsionada pela corda do arco subitamente distendido, avança pelo espaço e o tempo, avança sem se deter porque não tem como destino um único alvo, pré-determinado”. Vou pelo meio: essa flecha tem e não tem um alvo – tem vários, tem todos e, por isso talvez,

nenhum. Começa cruzando a porta do Sérgio Porto, naquele meado perdido na memória do ano de 1999.

Éramos eu e Botika, mas éramos dois somente até adentrarmos o teatro. No instante seguinte já éramos vários, já éramos vocês – e, para nossa sorte e sobrevivência, fico feliz em crer que vocês também já eram a gente. A compreensão da rara (única?) experiência, da sensação aurática, mesmo que como farsa, é automática e indecifrável. Quero dizer: sabíamos que a coisa era especial – se apaixonar, ficar de pau duro, romper, gozar, se reconhecer, compreender algo profundo sobre si, etc... – mas só sabíamos no corpo. Não éramos ainda capazes de significar, codificar, refletir, como não poderia deixar de ser. Segue Silviano, iluminando a trajetória da flecha: “Tão desdenhosa e cheia de si, tão inapreensível é a flecha que, diante dos que a querem deter, escapole pela tangente, reafirmando que ninguém, absolutamente ninguém que interrompa o seu trajeto e se proponha como alvo é mais do que um leitor, tão fugaz quanto o seu percurso até então”.

Sempre soube e disse que **o CEP não precisa de ninguém**. Talvez de você, talvez do Chacal, ou quem sabe do Michel, mas mesmo disso não tenho certeza – e a nova turma, que passou a tocar o bicho sem o Chacal nem ninguém além da mais fresca galerinha nesse 2015 da onde falamos, que me deixe mentir em paz. É nesse lugar que reconheço minha geração como esse “leitor fugaz” dessa história. A flecha vinha assoviando, e nós abrimos o peito e deixamos ela entrar, com a certeza absoluta de que o alvo poderia ser outro, mas jamais um outro qualquer – e que bom que nos colocamos no caminho.

Quando digo “nós”, estou falando de mim, do Botika e do Tarso. Não posso falar por eles, mas já falando, adianto: nada foi tão importante quanto essa flechada, ou essa coleção de flechadas que nos crivou em São Sebastião orgulhosamente impuros, padroeiros de um Rio de Janeiro subterrâneo e invisível quanto um poste. A flecha da sua fala, disparada no ato da entrada: vocês são poetas? – e passamos a ser naquele instante; a flecha atirada do palco, de cada um dos artistas que subiu naquele dia – e a flecha do acaso, que fez com que o período de 1999 e 2000 reunisse a nata da nata dos dez anos de CEP que então se completavam; a flecha do Michel, que me convidou diretamente para produzir o evento, para entrar no bicho, vestir a máscara do Minotauro e trotar.

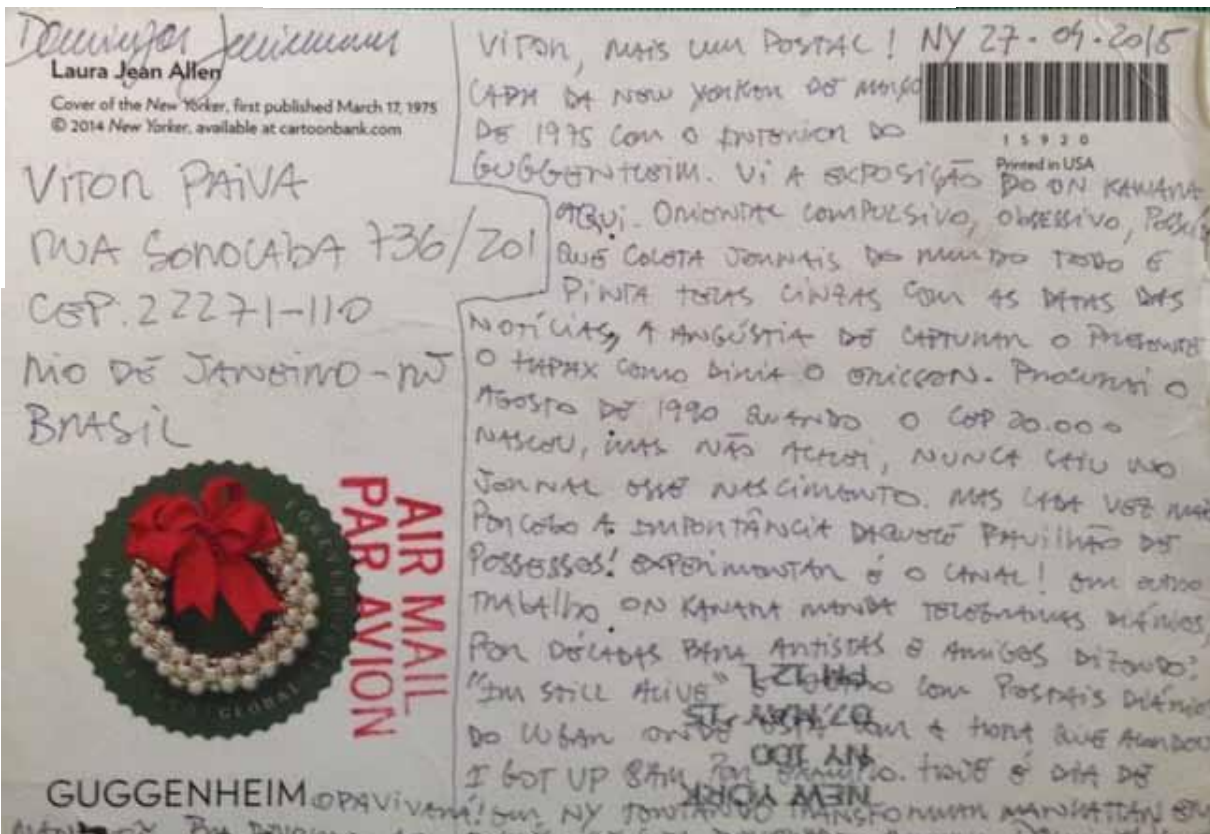
E sim, essa é uma carta de amor. Guardo as críticas mais aprofundadas para uma carta outra, pra você ou pra outrem, que prometo que virá – vide páginas por

vir dessa coleção que, enquanto escrevo esta, ainda se forma, ainda sem forma. Nessa, que penso que abrirá o compêndio, me despi do cético/crítico e me vesti do aprendiz grato, do justo que pretende partir de um necessário pingão no i. E o pingão é esse, Zarvoleta: mais uma vez, tudo começou ali.

(...)



Fonte: Acervo pessoal do autor



Fonte: Acervo pessoal do autor

NY 27/04/15

Vitor, mais um postal!

Capa da New Yorker com o interior do Guggenheim. Vi a exposição do On Kawara aqui. Oriental compulsivo, obsessivo, possuído, que coleta jornais do mundo todo e pinta telas cinzas com as datas das notícias, a angústia de capturar o presente - o Hapax, como diria o Ericson. Procurei o agosto de 1990 quando o CEP 20.000 nasceu, mas não achei, nunca saiu no jornal esse nascimento. Mas cada vez mais percebo a importância daquele pavilhão de possessos! Experimentar é o canal! Em outro trabalho On Kawara manda telegramas diários, por décadas para artistas e amigos dizendo "Im still alive" e outros com postais diários do lugar onde está, com a hora que acordou. "I got up 8 AM", por exemplo. Hoje é dia de Opavivará! em NY tentando transformar Manhattan em Manhatã pra devorar ao invés de ser devorado. Amorr.
Domingos Guimaraens

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412350/CA



Fonte: On Kawara

Rio, 13/05/15

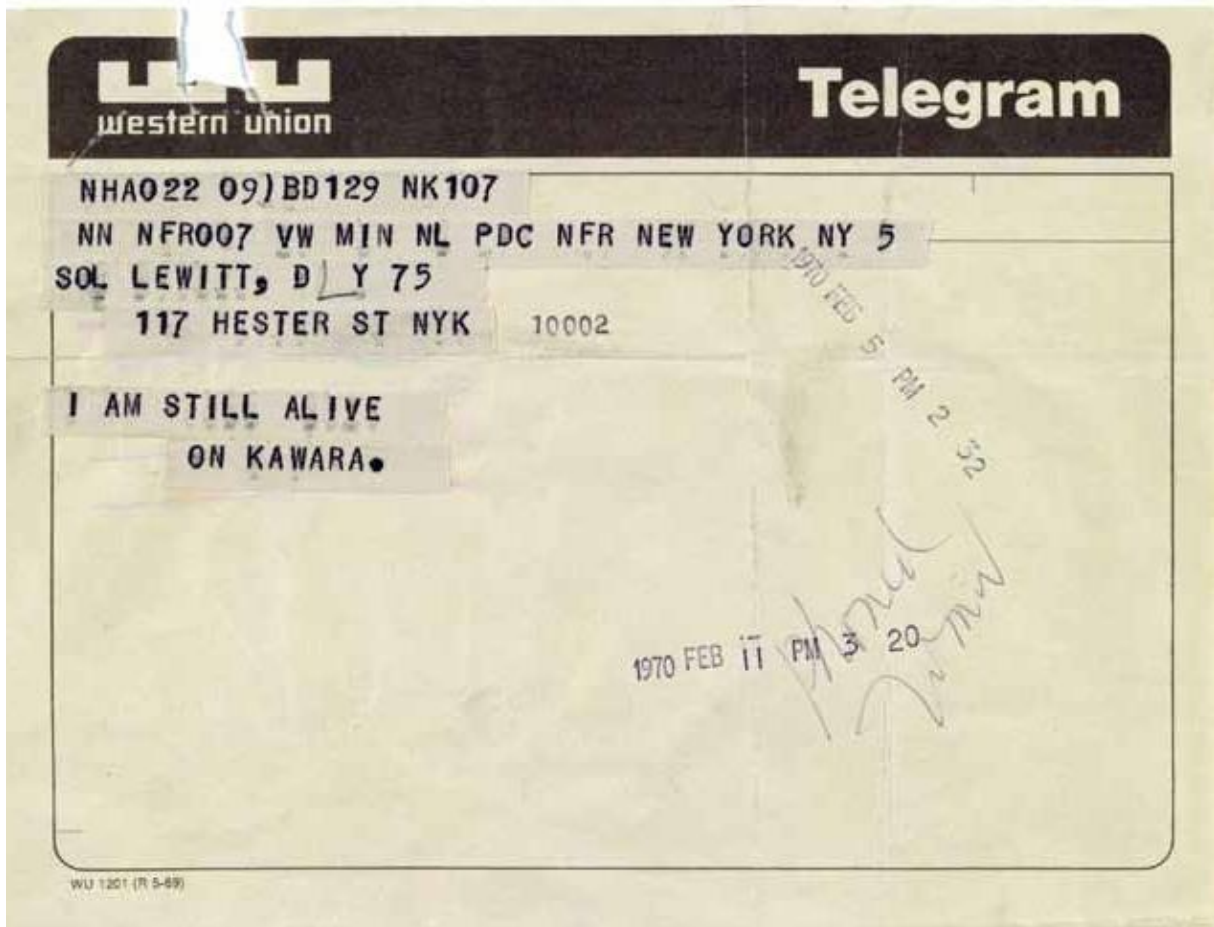
Domingueira,

No fundo, é isso que estou (estamos) fazendo: escrevendo cartas, postais, mensagens de texto, de fumaça, arquitetando encontros fortuitos, chopes, amores, casamentos, brigas incontornáveis, revoluções e discussões de bar, só pra dizermos: Im still alive - para além de se meu coração ainda bate e bombeia sangue para meu cérebro, coitado, prene de razão. E o amor. Gostaria de ter tido essa ideia, pintar datas em sobre telas cinzas - e tive. Eu sou um oriental compulsivo, obsessivo, possuído, tomado pela angústia de capturar o presente. Não tem jeito. Há algum outro ofício?

Daí o meu amor pelos travessões, que cortam o fluxo ao meio, feito uma represa, permitindo a entrada de novos carros alegóricos na contramão da avenida. Pois, para isso, é preciso que esteja claro (mesmo que emocionalmente, e ultimamente dei pra usar parênteses, um último tabu intransponível a qual fui obrigado a ceder, e me lambuzo todo, mas não resisto) do que diabos, caralhos, bucetas, orelhas e sobrancelhas estamos falando. Alguma pista?

Amo-te-vos-nós-lhes. Estou vivo.

Vitor



Fonte: On Kawara

Mais importante, Kawara não fez - ou sequer tocou - esses objetos. Mandar telegramas era um ato profundamente impessoal envolvendo funcionários em agências dos correios. Por isso, Kawara teve de renunciar rigorosos controles estéticos. Outras diferenças dizem respeito ao formato do telegrama, determinado pelo local de chegada (não pelo local de envio), e o selo, que significa o momento de entrega (e não de envio). (Daniel Wheeler, *I Am Still Alive*, em Weiss with Wheeler, On Kawara— Silence, 149. [Tradução do autor])

1.2 nosso repertório de gestos, nosso ritmo cardíaco

Se todo instante está carregado como um revólver, só é possível perceber o calibre do fato por vir após o estouro, quando a novidade, a revelação, o acontecimento já está minimamente despido, sobre a mesa. Só podemos ler o passado. O que fazemos com nossos tempos fortes e entre-tempos – o que consideramos tempos fortes e entre-tempos, inclusive – é o que define o calibre do instante que acabou de passar. E isso creio ser uma lição dura, diante dos fatos, mas inquestionável que você nos deixou, ao nos deixar: não gastar os tempos forte com entre-tempos. Só estou interessado no sertão, não perco tempo com veredas, afirma Haroldo de Campos, às gargalhadas, em entrevista perpetuamente veiculada em meu Youtube. Talvez percamos alguns amigos de ocasião, mas faremos a profunda e difícil manutenção dos grandes encontros – sem mitologia, pura experiência, sabor, colisão, movimento. O instante não para de insistir no movimento, foi você quem escreveu isso.

Você nutriu esses movimentos em você e em nós – através de nós, nos atravessando. Me apresentou o Waly, me levou pela mão, pelas ruas da lapa, até o Zé Celso, e depois sumiu – e fez o mesmo em Olinda, me largando de papo com o Zé para desaparecer e reaparecer só no dia seguinte. Mas sei que não devo fingir ao lhe escrever. Sabemos que, por detrás de tudo, você exigia que nos adequássemos às estruturas, entrássemos nelas, pra que, mesmo que silenciosamente, discretamente, as explodíssemos por dentro – e cá estou eu, te respondendo a partir de uma monografia de curso de mestrado.

Posso ouvir você dizendo: tem que deixar uma obra, bróder! Tem que documentar, estudar, meter bronca! Tem toda razão. Demorei pra perceber que não há justiça pros sonhos – e que sonho pode sempre se revelar um pesadelo; posso ouvir a voz de Allen Ginsberg dizendo o *Uivo*: “dream of life a nightmare, bodies turned to stone as heavy as the moon”. A maravilha do real há de estar escondida no vão entre os sonhos que se tornam pesadelos.

Mas não somos prisioneiros deles, jamais. É um tanto constrangedor, mas imensamente prazeroso abandonar esses sonhos. Me embaraça lhe escrever tamanho clichê, mas as coisas deram certo, meu irmão. Estavam dando, dariam, darão, deram. Me parece tão mundano que tenhamos esse papo, ao redor de algo

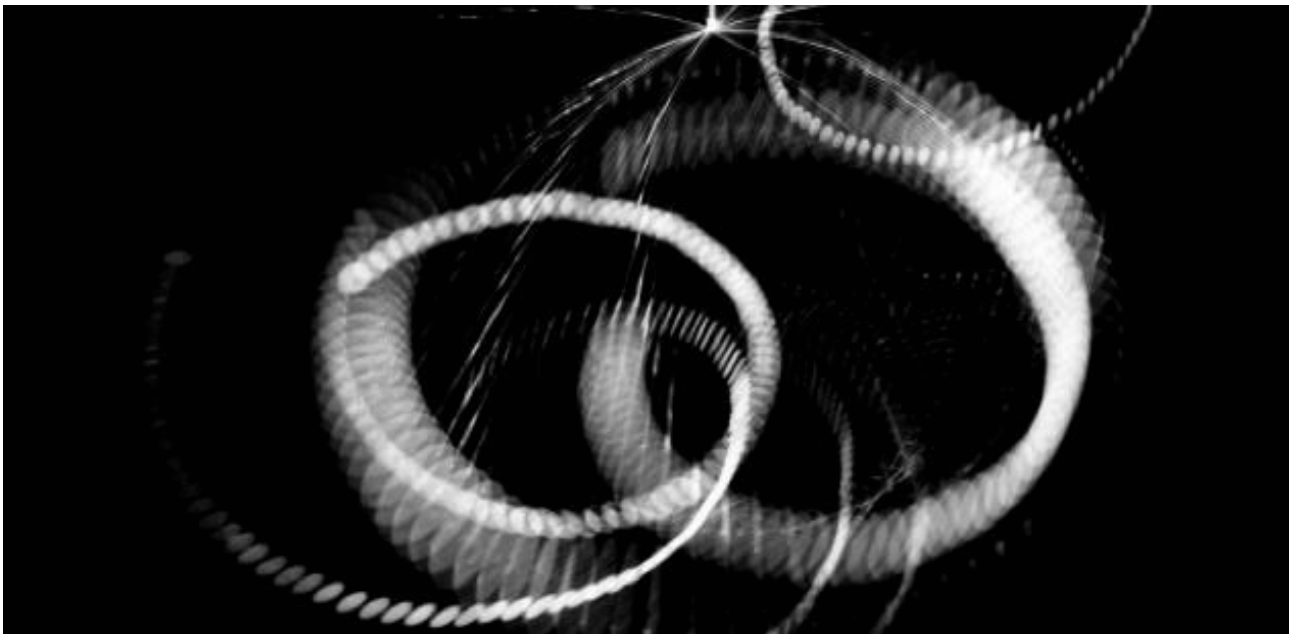
tão terrível quanto a ideia de “dar certo”, que sinto até medo no meio desse embarço. Se estivesse diante de você, numa mesa de bar, iria pro embate, pro deboche. Qual foi? Dar certo? Que papo é esse, bróder? E acho de fato terrível, mas te entendo. Estamos todos debaixo dessa marquise vazia. Talvez toda minha geração, que é também a sua, para além da idade cronológica. “Dar certo” é, em muitos sentidos, dar errado – mas é preciso coragem e mais para levar isso para a vida de fato, não só como um discurso de efeito, mas como uma afirmação do desejo profundo e corpóreo, que nos mantém de pé, no meio da guerra cotidiana.

“Tem que ser agora” é também assustador e um tanto duro. Não curto. Aí você me diz que o barato é que continua acontecendo. Não terminou. Todo instante é carregado também de ficção. Moldamos nosso jeito de agir, falar, nosso repertório de gestos, sugestões, nosso ritmo cardíaco e nossos próximos passos de acordo com a ficção que criamos sobre cada pequeno marco amorfo que se impõe sobre nós. Se há um possível dado de realidade inquestionável em cada novo instante, há também por debaixo uma camada inventada, que oferece valores específicos e tintas pontuais para o instante que acabou de explodir. Um fato histórico pode ser vivido como algo banal e descartável, assim como um momento abandonado no labirinto inclemente da memória pode se revelar inesquecível. Você lembra onde estava naquele dia em que nada de especial aconteceu? Quando foi mesmo que aqueles aviões bateram naqueles prédios em Nova Iorque?

Estou escrevendo de perto, bróder, porque você também estava mais perto do que pensava – talvez do que queria. Não só de perto porque me aproximei do cenário de parte importante de sua história acadêmica – que, pelo que fui capaz de compreender, você reconhecia, ao mesmo tempo, como enorme vitória e assombrosa derrota. Tornar-se um funcionário público, um mero professor – quem não sabe fazer, ensina – em detrimento do que? De ser o David Bowie? De ser o Caetano? De se tornar um intelectual popstar? Mas como desafinar o coro dos contentes e ao mesmo tempo, ter uma coluna no Globo, ou o disco mais vendido, o livro mais comentado, e namorar a atriz da novela? Não se tratam de perguntas retóricas; gostaria sinceramente de ouvir suas respostas. Discordo de tudo isso – e sei que você também - mas entendo essa sensação de derrota, porque talvez pense parecido.

É sinceramente desesperador não saber responder sobre o que estamos falando. Temos como praxe usar os raros momentos de força coletiva afirmativa como plataforma para que consigamos nos agarrar individualmente em qualquer

tipo de êxito - sem enfrentamento, sem nos diferenciarmos em quase nada daqueles que rejeitamos com toda força no que reconhecemos como o *establishment* artístico, político, intelectual. Na raiz da coisa, somos quase iguais: tentamos minimamente a coerência com os princípios menos exigentes que tivermos, para quem sabe emergir individualmente e poder viver com algum conforto – não só material – e ainda conseguir dormir à noite. Por outro lado, temos contas a pagar, sonhos e dívidas, etc, etc, etc... (...)



Date: March 20, 2015 at 11:59:00 PM GMT-3

From: Thiare Maia <thiaremaia@yahoo.com>
Reply-To: Thiare Maia <thiaremaia@yahoo.com>
To: Vitor Paiva <vitorpaiva@uol.com.br>
Subject: Re: cadê meu mail?

Vitor meu amor,

Pensei que seria lindo te mandar uma carta a cada quinze dias mas acho que ando num momento em que ir até o correio pode virar uma missão. Resolvi escrever pelo bom e velho email. velho mesmo. Essa conta de email que te escrevo já vai fazer mais de 15 anos... tenho aqui guardado uns emails que a gente trocou no ano desde 2001. E o título é MEU AMOR!!! De lá pra cá muita coisa aconteceu. muita gente morreu. muitos amigos. Eu tenho uma filha e o Brasil virou o país do futuro.

Eu confesso que tenho entendido bem pouco de política, fico muito triste quase sempre que entro nos meandros complexos desse nosso mundão.

Sempre pensei onde eu estaria há 40 anos.... em casa cozinhando pros filhos? trabalhando e muito ocupada pra pensar em política? armada e pensando em como libertar companheiros presos injustamente? a verdade é que eu faria a mesma coisa que faço agora com a mesma dificuldade e indignação, sem muitas convicções e a mesma tristeza. Faria muito pouco.

A vontade de transformar o mundo, o meu mundo, o mundo do outro, passou. Ando cética, descrente de tudo que não seja afeto. As minhas grandes conquistas e transformações até hoje foram pessoais, íntimas, sou uma doutoranda em mim mesma. Sou constituída pelos encontros. Meu grande desafio foi projetar a mim mesmo de dentro pra fora e de fora pra dentro. Ando em busca de novos desafios. Penso em voltar a estudar. Mas quando lembro que estou numa enrascada gigante que é educar alguém, esqueço de tudo. Tremo.

beijos com amor e muito sono

Thiare

1.3 tentar catalogar a história

Durante toda a década de 90 os poetas do circuito CEP ou daquela faixa etária entre os 17 (meu caso) e 26 (Cabelo), isso no mesmo ano de 93, publicavam em revistas como Urbana, Cep 20mil Quadrinhos, O Carioca, Espalha Fato, EtCétera, ZumZumZum, ou em livros xerox daqueles dobrados em cadernos de oito, por folha ofício – porque até termos impressoras em casa, usávamos folha tamanho ofício, que era mais interessante – ou então tentava-se a Sette Letras, hoje 7Letras. Poucos de nós conseguiram. O Silvio Barros conseguiu a Sette Letras em seu Poema Crime. Ou então entrava-se em antologias inventadas por gênios propulsores, como o 7+1, Cep 20 mil Calendário, organizadas pelo Guilherme Zarvos. Com a chegada do Sérgio Cohn e sua Azougue, a coisa esquentou. Alguém tinha interesse em bancar a publicação, ainda imensamente custosa, de livros de poetas jovens e desconhecidos. Outros como ele, outros como Cavi, agiram nesse mesmo sentido, e mais livros ganharam corpo. Em 2010, Pele Tecido e Chão Inquieto saíram pela 7Letras. A gente bancou a publicação. Eu paguei uns 7mil! Dinheiro pra caceta! Logo depois já era comum publicar numa tiragem qualquer a preços infinitamente mais baratos, porque a tecnologia nas gráficas finalmente mudara. O jato de tinta ou sei lá o que seja que tenha sido, tornava possível e viável a confecção de novos livros em nova realidade. Isso tudo já vai seccionando em gerações, os viventes-sofrentes desses problemas batendo com eles de frente?

Qual seria esse catalizador? Mais ainda: qual a importância de se tecer esse mesmo discurso, essa mesma problemática de se tentar catalogar a história nesses termos velhos, como galináceos bicando o chão e atentos apenas ao chão, mirando exclusivamente o chão, e que talvez por isso, de vez em quando, do nada, do centro de seu peito, um canto esdrúxulo e lindo, fuzil de oxigênio, queima o ar, o ar, no qual esse bicho não consegue se movimentar com voo. Quando será necessário criar um novo parâmetro? Aquele papo do Instante, do agora, do corpo única instância do agora, o agora que acontece no corpo. Os agoras/corpos que tecem a história/ instante. Aquele papo do Ericson no *Cidade Ocupada*.

O corpo é o espaço mínimo: é nele e a partir dele, que se dão os encontros possíveis na busca da execução e formas de ação. Propiciando combinações múltiplas comuns, o corpo realiza os encontros possíveis: o indivíduo, esse coletivo de experiências corporais. Os corpos serão o espaço de potência do porvir. Os processos de seleção dos encontros definem as possibilidades de transformação/conservação dos indivíduos. Linhas e caminhos abertos. A capacidade de realização das potências de transformação vai buscar a associação de redes de afeto: capacidade de encontro dos corpos de conformação do indivíduo com eventos e efeitos corporais outros, onde as configurações propiciam a experiência da transformação do indivíduo. Esses afetos detonaram processos de atividade e reação, que constituem a afirmação das diferenças como plano de imanência – espaço de ação das diferenças e conexão das potências, afetos e forças. Instauração do múltiplo. O corpo tem como necessidade sua desterritorialização: ao longo dos processos de construção/desconstrução de coagulações de controle, de mimetismos disciplinares, de catequese de subjetividades, a afirmação da diferença tem uma função ativa na formação da resistência de indivíduos. Os encontros: produção de diferença (...) Os deslizos, os movimentos, os fluxos, são caracteres informativos das potências corporais. Corpos: diferenciação. Essa informatividade diferencial produz a rede de intercomunicação ativa – potências configurando planos de imanência: campo de ação onde as máquinas de guerra contam suas histórias, histórias e devires. É aí onde o contágio acontece. A intensidade afirmativa das resistências é ativada: os olhos do furacão, as linhas do mar, os caminhos da floresta... muitos e múltiplos. Pág. 169

(...)

Date: April 27, 2015 at 10:38:18 PM GMT-3

Subject: Hoje.

From: Fernanda Felix <felixnanda@gmail.com>

To: Vitor Paiva <vitorpaiva@uol.com.br>

Rio de Janeiro, 27 de abril de 2015

Zeca,

Faz tempo que não sento pra escrever. O ano começou e eu achei que seria o ano que mais escreveria na minha vida. De uma certa maneira coloquei na cabeça que isso poderia ser até uma nova profissão. Uma maneira de colocar as coisas no mundo sem ter que aparecer. Essa coisa de ser atriz, de ter escolhido ser atriz, tem me matado um pouco por dentro. Nada grave. Uma dessas mortes que a gente vive todo dia e deixa acontecer porque mudar isso talvez seja mais difícil do que morrer um pouquinho. Tipo fumar um cigarro. E depois outro e outro. E Mais outro.

Entrou uma barata voadora agora na minha casa. Estava no banheiro, entrei pra fazer xixi e não liguei a luz. Talvez uma das coisas mais maravilhosas de morar sozinha é não ter que fechar a porta do banheiro pra fazer xixi, e por isso não ter que acender a luz. Quando eu peguei o papel higiênico ouvi um barulho e a

vi. Enorme e voadora saindo de uma parede e pousando na outra. Fiz tudo com muita calma pra ela não me perceber. Sai do banheiro e deixei ela lá. O interruptor do meu banheiro, não sei se você lembra, fica do lado de fora, na parte externa. Saí, fechei a porta, deixando apenas um espaço pra, caso eu dê muita sorte, ela resolva sair e voltar pro seu habitat natural. Não sei onde é o habitat natural de uma barata voadora, imagino que seja uma floresta, ou deveria ser, se as florestas ainda existissem como deveriam, mas de qualquer forma tenho certeza que não é o meu banheiro.

E agora estou aqui na sala, um copo de água de côco ao lado, o maço de cigarro, um copo de plástico que eu to usando como cinzeiro desde de sexta feira, o celular e uma havaiana - pro caso dela sair do banheiro e não encontrar a floresta. Sentei aqui esperando ela aparecer, sonhando com um mundo em que ela vá conseguir sair sem me atrapalhar, e sem que eu tenha que atrapalhar o seu percurso, e pensei em você. Primeiro pensei na Clarisse Lispector, claro. Depois pensei em você. Pensei que não dava mais pra adiar essa carta. Que não fazia nenhum sentido não te escrever.

Com certeza a pior coisa de morar sozinha é não ter a quem chamar pra matar a barata voadora. Isso é uma certeza. Entrou um morcego outro dia aqui em casa – pensando bem, talvez eu é que esteja no habitat natural deles – e pensei a mesma coisa. O que fazer nessa situação. Liguei pra minha mãe. Podia ter te ligado pra você e não faria diferença, porque você estaria aí e eu aqui.

De qualquer jeito, a iminência de ter que lutar contra um bicho desses me fez não mais adiar essa carta. E por isso talvez eu seja eternamente grata a ela. Tô com saúde. O martim tá com febre e eu espero que não seja nada. Que passe junto com a barata. Quase te liguei todos esses dias e não liguei. Soube que você viajou. Foi boa a viagem?

To precisando tanto viajar e pela primeira vez na vida não faço a menor ideia se isso é possível. Eu tenho um filho, Zeca. Uma loucura isso. Do tempo.

Andava pensando coisas doídas da vida. Você sabe. De um jeito estranho to achando a vida boa de novo. Continuo sem dinheiro e cheia de projetos futuros e dificuldade de sentar e escrever. A minha vó continua piorando dia após dia e os jornais que eu não leio continuam dando as piores notícias, eu continuo lendo pouquíssimo, mas tenho achado a vida melhor. Tenho ouvido mais música. Tenho colocado música o dia todo pra tocar. Pro Martim, eu acho. Acho que ouvi muito pouca música na minha infância. Eu não conheço o gosto musical dos meus pais. Isso é muito estranho, e não quero repetir isso. É engraçado. A gente pensa que não quer repetir uma porção de coisas, mas essa talvez seja uma das mais fortes pra mim.

A havaiana continua aqui do meu lado e até agora nada dela aparecer. Baratas voadoras deviam ser proibidas longe da floresta. Ou não deveriam construir prédios onde antes tinha floresta. Mas de qualquer jeito, independentemente da ordem da equação eu continuo com o mesmo problema e ninguém pra me ajudar.

Eu descobri que gosto de estar sozinha, sabia? Acho que sempre gostei, mas agora tenho certeza. Gosto da sensação de que não tem ninguém me olhando e que eu posso fazer as coisas do meu jeito. E o meu jeito nem sempre é o mais bonito. Acho que o que estraga as relações é ficar vendo o jeito não bonito da pessoa todos os dias. Sempre é.

Em boa parte do meu dia eu me sinto uma adolescente com o casaco amarrado na cintura com medo de se expor. Tão estranho essa coisa de crescer e continuar se sentindo dentro do mesmo corpo, meio errado, meio estranho, como se

todo mundo tivesse te olhando. A responsabilidade de ser alguém interessante que tem coisas pra dizer e que deveria saber ganhar dinheiro, pagar as contas em dia, se promover, fazer sucesso, ser linda, boa mãe, estar sempre com a libido em alta, falar coisas interessantes, tirar boas fotos, comer coisas saudáveis, ser bacana com as pessoas, mas ao mesmo tempo pensar sempre primeiro em você sem que os outros percebam e ainda por cima saber matar uma barata voadora e lidar com todas as suas angustias sem perder o senso é uma responsabilidade excruciante.

To me sentindo perdendo a virgindade escrevendo essas linhas. Só que agora é bom. Muito bom. E precisou a barata vir até aqui pra isso tudo acontecer.

Te amo. Me fala de você. Daí. De dentro e de fora.

Podia chover agora. Eu ia ficar feliz. Mas to usando meias e isso já é bastante coisa.

Até já,

Com amor,

Nanda.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Os movimentos mudam, no nível dos esportes e dos costumes. Por muito tempo viveu-se baseado numa concepção energética de movimento: há um ponto de apoio, ou então se é fonte de movimento. Correr, lançar um peso, etc.. é esforço, resistência, com um ponto de origem, uma alavanca. Ora, hoje se vê que o movimento se define cada vez menos a partir de um ponto de alavanca. Todos os novos esportes – surfe, windsurfe, asa-delta – são do tipo: inserção numa onda preexistente. Já não é uma origem enquanto ponto de partida, mas uma maneira de colocação em órbita. O fundamental é como se fazer aceitar pelo movimento de uma grande vaga de uma coluna de ar ascendente, “chegar entre” em vez de ser origem de um esforço. (Deleuze, 1992)

1.4 pequenas coleções de sensações

Pois o que hoje entendo como a questão verdadeira é o lance de fazer antes de analisar – talvez seja isso que queira dizer, quando nos acuso de não termos muito o que falar. Falar é fazer, afinal. Há o papo de que o CEP nos anos 90 não lançou um livro sequer – a não ser o Guilherme e o Chacal, mas que já vinham alçados de outros horizontes – o que nos enveredaria para a questão da obra física, material, em oposição a obra ocorrida, experimentada, que nem feita de memória é, pois só pode ser sentida na tal instantaneidade do instante da qual você tanto falou – na qual você tanto se colocou, e da qual o CEP é feito. Talvez, porém, nisso você tenha notado uma diferença entre essa primeira dentição do CEP – você, Pedro Rocha, Guilherme Levi, Michel Melamed, Viviane Mosé e tantos outros – e a minha turma: vocês de fato fizeram valer essa instantaneidade do instante, enquanto lugar da obra vivida, que desaparece no instante seguinte – ou, ao menos, essa é a leitura, romantizada talvez, que tenho de vocês. Pura aura. O mais contundente discurso. A turma que entrou no CEP comigo – eu, Tarso Augusto, Botika, Domingos Guimaraens, Mariano Marovatto - de cara se preocupou com o registro. Fizemos a coleção Séc. XXI, o jornal O Tempo, as filipetas criadas pelo Diego, meu irmão, participamos ativamente do documentário do Daniel Zarvos, lançamos nossos próprios livros, e no entanto, parecemos ter tão pouco a dizer. Fizemos compêndios de poemas, quase todos buscando compreender a si, na esperança de que outros identificassem-se também, vissem nessa busca as próprias buscas, e os livros fizessem sentido, para além de nós mesmos.

Talvez essa auto-referência existencial e amorosa seja uma pista para a questão de que falamos. Uma garrafa lançada ao mar. Se tudo já foi dito, vivido, pintado, cantado – eu sei que isso não é verdade, mas ao mesmo tempo é, você sabe disso – só resta nós mesmos como tema, personagem, discurso, causa – sob a certeza de que ao menos nós somos inéditos. Eis aqui eu. Essa é a obra (me pareceu bastante triste isso agora). Que bom que você me garante que as coisas estão seguindo seus caminhos. As vezes parece que nada vai dar pé, nada vai restar, nem como memória – que nada vai respirar nesse mar de vacas sagradas de museu, amontoadas sobre cantores imaginários, vivendo de glórias imaginárias.

Naquele dia, também no Cabidinho, o pior bar do Rio, o mais caro, mas o bar

infinito, que nunca fecha, lembra? Estávamos eu e Thiare, papo suave, a vida real, pequenas coleções de sensações, poucos chopes, o que será, carinho, silêncio, bar vazio. E você chegou, sempre de longe, como a promessa de um furacão em formação. Mas chegou sorrindo, pedindo licença, um chope, e conversamos a noite toda, sem nem sinal de tremor, de dor, ou como diria Leminski (sobre quem falamos naquela noite, você sempre fascinado, intrigado pelo meu amor por ele, pelo significado que isso poderia ter pra nós, pela diferença entre nós, entre gerações, assim como o meu amor pelos Beatles, pelo Kurt Cobain), como diria o Leminski, sem nem sinal da palavra glória. Essa noite foi o que *também* somos, enfim: mais assim do que loucos, aos berros, afastados pelos braços que giram – aproximados pelos braços abertos. A casa é o corpo.

Eu tive vergonha, mas já passou. Prometo não mais tocar nesse assunto. Tenho medo, mas sei que já passa, e por isso o medo é quase bom. Das adversidades viemos. Nunca precisamos nos explicar, não vai ser agora. Estamos todos diferentes, e mais fortes, quero crer. Nada foi moleza.

Deixamos em aberto aquele papo de fazermos uma canção juntos – você sempre falou disso defendendo- se tanto de uma possível rejeição que acabava decretando-a de véspera, antes mesmo que eu pudesse responder que sim. E quando eu o fazia, dizia que sim, você não acreditava. Fiz uma canção para você, mas sei que, nesse caso, não vale. De qualquer forma, eu gosto – não de que ela exista, mas do que fiz diante da necessidade dela existir. E isso é que importa, não é? O que fazemos diante da guerra entre a necessidade e o desejo.

Já que não podemos combinar de nos falarmos, te prometo falar. Vou falar. Vou falando. Vou gritando o que puder. Prometo que farei mais do que penso que posso. Como tenho certeza que você fez – mas sem morrer.

Sobre a dedicatória, ao chegar de São Paulo, no dia seguinte à festa em sua homenagem que houve em minha casa ,mas que não fui – e que, feito um milagre da tecnologia, pude assistir, maravilhado, no clipe do Negro Léo, e que música boa, você teria gostado, Jovem Tirano, Príncipe Besta, você tá ferrado, que a Ava filmou e me mandou o link sem avisar o que viria – resolvi abrir seu *Cidade Ocupada* para tentar achar alguma pista ali, do tesouro que não sabia qual. No canto da página, no meio dos rabiscos quase intraduzíveis da sua dedicatória, você escreveu e sublinhou o escrito, separou com um quadrado, algo que não me lembro de ter visto antes, como se tivesse brotado ali no instante em que abri a página naquele dia: te amo. Foi

uma surpresa tão boa, que o tesouro se fez claro. Te devolvo a garrafa, e o amor. Te amo. Um beijo, do alto do avião

Vitor

CARTA AO MAR

(Vitor Paiva)

Essa canção tá tocando
De dentro de uma garrafa jogada ao mar
Feito uma carta aberta
A quem primeiro a escutar

Pode falar sobre mim, pode falar Pode
falar sobre um beijo, pode falar Alguém
estará escutando o mar

Essa canção tá falando
De coisas muito pequenas pra se enxergar Feito
um olhar atento
Ao tempo tramando um tropeço

Pode notar algo em mim, pode notar
Pode notar outro beijo, pode notar
Alguém estará se afogando no mar

Essa canção tá gritando
Aqui nesse instante diante do fim do mar Sobre
um amor que acaba
Um tiro que erra o alvo

Pode cessar algo em mim, pode cessar
Pode cessar esse beijo, pode cessar Pode
faltar algo em mim, pode faltar Pode
faltar esse beijo, pode faltar

Alguém estará sufocando
Alguém estará gargalhando
Alguém estará lembrando
Alguém estará começando
Alguém estará devorando o mar

1.5 tristíssimo pedestal-guilhotina

Diferentemente da turma que fundou o CEP, a partir de agosto de 1990 – que talvez tenha nutrido desejos ampliados para o efeito ou reconhecimento que esse movimento poderia ou deveria alcançar – nós entramos naquela vivência-arte, naquela experimentação-finalidade, naquela experiência-discurso já com o aguçado olhar crítico sobre e a partir do impacto que o CEP havia alcançado na cidade desde sua fundação – e sobre nós. Era algo raro, ainda que eventualmente, sob a grande lente do tempo, mero: algo que parecia importante, que parecia aurático. Era o século XX dando adeus, talvez em seu mais importante tentáculo, justamente o da importância, do significado. Ali era a fronteira final em que algo valia – a pena, o risco, o suor, a juventude, o sacrifício eventual. Digo isso com a tristeza cortante da nostalgia, e a alegria sufocante do pertencimento. Colocamos mais gente lá dentro, novas gentes, mais artistas, novos artistas, e a lâmpada não queimou, pelo contrário: brilhou mais forte e mais quente. Eram sacis, duendes, et's, pulando num pé só, como disse o Chacal em sua *História à Margem*. Eu fui revitalizado no ato.

Não adiantava mesmo você ir contra à energia, e o único caminho era o que Chacal chama de “transformar a força antagônica em sua própria força”, e principalmente “se impor sem se opor”, para “jogar aquela capoeira invisível com as energias mais alteradas” - e não posso deixar de pensar no Ericson, e retornar à minha primeira lembrança ao pisar no palco do CEP como um dos produtores – palavrinha cansada essa – : lá estava o Ericson, de braços cruzados, me olhando fundo nos olhos de seus olhos de poeta, mas estático e ereto como um totem em seu corpo de lutador de jiu jitsu, silenciosamente – e amorosamente, que fique bem claro – me recebendo num desafio. E aí, maluco? Tá aí por quê? Pra quê? Tem coragem? Os gestos iniciais do Ericson em nossa direção, inicialmente compreendidos como excludentes, em questão de tempo se clarificaram como a bandeira viva da fala do Chacal, transformada em um desafio ao amor. Uma intimação ao afeto mais profundo. E, de certa forma, o rito de iniciação daquela estadia no paraíso infernal.

A certeza que resta é que, no instante em que pela primeira vez vi o CEP acontecendo também através de mim, entrei – e creio que posso falar pelos meus companheiros – no fluxo experiencial, na cachoeira-vivencial na qual ainda hoje me

encontro, como uma refundação de mim mesmo. E de cara entendemos que deixaríamos para trás, feito folhas secas que naturalmente caem das árvores pelo efeito do tempo, o protagonismo dos cânones – da poesia, da literatura, da música – no espaço das nossas influências e dos nossos gatilhos criativos mais diretos. A influência na criação então deixava de ser uma relação vertical, invisível, unilateral, deixava de ser um monólogo para se tornar algo real, despido da crueldade das idealizações, tomada pela inclemência do carinho e do amor presencial. Minhas influências mais diretas passavam a ser meus parceiros de bar, de vida, de CEP. Escrevia não mais para querer ser o Leminski, o Drummond, o Bandeira, o Gullar, mas sim para agradar, dialogar, responder, discordar, provocar ou embarcar na do Pedro, do Ericson, do Michel, do Zarvos, do Chacal, do Domingos, do Marovatto ou do Levi – nosso João Gilberto de estimação.

E tudo isso mudou todo o resto: o tempo pregresso, o tempo por vir que já veio e o tempo futuro que ainda virá. Nada mais era puro, mas tudo enfim possuía alguma pureza. A não seriedade era a seriedade. O real era o artifício. A arte mesmo se tornava enfim o jogo. A gente pensava estar jogando moralmente, com a arte, ou politicamente com a arte, quando na realidade estávamos jogando artisticamente com a moral, ou artisticamente com a política.

Fomos jogados – iluminados! – em uma “fogueira das heresias” que nos formou. Já tínhamos vasta experiência com drogas em geral, colecionávamos algumas boas noites de alucinação, questionamentos, mergulhos, certos traumas irrevogáveis, mas o CEP e você nos lançaram à experiência do convívio, à absorção do outro, tanto em forma de arte quanto em forma de convívio de fato – de papo. Nos fez ver que a homossexualidade tinha a ver diretamente conosco, heterossexuais convictos; nos fez compreender que o papel do louco isolado, acorrentado, é o mesmo papel do homem são, liberto, acorrentado ou não; nos fez olhar de olhos abertos para a cara do outro, do louco, do sujo, do perdido – e muito mais talentoso do que todos nós juntos. Nos fez descer do tristíssimo pedestal-guilhotina que havíamos construído para nós – no qual ou seríamos coroados e elevados aos céus feito o Moloch do *Uivo*, cujo nome é a mente (e não há maior acusação do que essa), largando milhares de homens de costas quebradas pelo caminho, ou perderíamos nossas cabeças por não termos nos feito dignos dos louros que seriam nosso único e natural destino; nos fez conhecer níveis diferentes de vínculo, de tempo, como um tutor, um pai, um brother, um mestre. Nos fez

descobrir e nos obrigou a lidar com nossa “capacidade negativa”, como diz Keats, mas que aprendi com Allen Ginsberg como sendo a capacidade de manter ideias contraditórias sem tentar resolver o dilema e sem transforma-lo em sabedoria redutora, moral. A habilidade de atuar para além do conhecimento que nos precede

– de tentar ao menos ser um pouco mais livres, naquilo que a liberdade tem de cotidiano, de banal, de imediato, de alcançável, de palpável e mensurável. A habilidade de ser tolerante. Como essa carta poderia não ser uma homenagem? (...)



Fonte: Acervo pessoal do autor

Como a arte pode se dar?

A partir de volumes, movimentos, espaços delimitados pelo grande espaço, o universo.

A partir de diferentes massas, leves, pesadas, medianas – indicadas por variações de tamanho e cor – linhas direcionais – vetores que representam velocidades, acelerações, forças, etc... – essas direções criando entre elas ângulos e sentidos, juntas definindo uma grande conclusão ou várias.

Espaços, volumes, sugeridos pelo menor dos sentidos em contraste com suas massas, ou até as incluindo, justapostas, atravessada por vetores, atropeladas por velocidades.

Nada disso está resolvido. (“Comment réaliser l’art?” por Alexander Calder, em *Abstraction-Création, Art Non Figuratif*, no. 1 (1932), [Tradução do autor])

1.6 não somos mórmons, somos mermão

Não sei exatamente, e não é pra você que eu direciono esse dissabor. Quero que você pense isso comigo. Desembrulhe esse território. É tão contraditória essa necessidade de criar espaços e existência dentro do catálogo tradição e ainda assim enxergar a traição disso como única ferramenta capaz de envergar esses pilares cristalizados. Participar, não é isso? A gente não é gueto. "Nós não somos mórmons, somos mermão". Zarvos disse isso ao seu lado, num bar em 2010. Eu filmei, o vídeo tá aqui: <https://youtu.be/ELPzVKGa3V8>. A gente dedica todo tempo, toda vida, todos os espaços existentes dentro dos dias à construção de subjetividade, mundos, portas e o cânone continua com a mesma ladainha. Cê sabe que eu também não estou querendo pagar de sublime, longe disso, mas algum desdobramento mais significativo, um reconhecimento, um rechaço mesmo que seja, porque não falo de louros e de vitória mas da contrução de toda essa composição, vagão por vagão, pelos menos duas décadas e mais um pouco, quase três, toda essa significância deixada insignificada pelas insígnias, as quais não servimos, porque também não as significamos. Mas deixa-las de lado não pode ser estar abraçado a nada. Como vamos construir esse algo que apoie nossa arquitetura. Fazendo uma peça de teatro contando a própria história? Nesse instante vou dar uma gargalhada bem babada na barba já branca que me adorna o queixo de Quixote e tomar um chope no Cervantes. Mas antes disso termino essa missiva. Tenho a dizer ainda, que não há nada de errado com o teatro, ou discutir esses erros são para outro palco, apenas vigora que um espetáculo autópsia não deve se propor a ser o recorte recriação recreação de uma história que merece ser levada à dramaturgia com mais minúcia. De outra forma, ou da forma que foi, desmorona-se o que nem se ergueu, inda mais num nicho cidade desocupada de interesse. Aqui me desculpo, sim, contigo e com tantos, pois eu estava lá para isso e não paciente e insistente o suficiente para fazer minhas proposições permanecerem na construção do texto. É verdade que tentei algo, você sabe disso, mas não obtive resultado, não fui capaz de realizar toda a demanda. De toda inércia que mirei explodir, acho que somente houve êxito para com o Guilherme. Nem Ericson, nem Levi, nem Falapalavra, nem você ou Botika, Domingos, Tarso, Viviane,

nem mesmo eu. Você tem todo o direito e razão de ter se sentido abusado no papel de coro e apoio a um slogan promocional de uma única personalidade. Mas paisagem se move como se viva e o trem ganha novos espaços e carros em sua composição. Este é mais um novo.

Meu trem passa por paisagens que dialogam mui desconfortavelmente com todo esse tema. Escuto esse termo "geração" ser usado tanto e de maneira tão tosca e aleatória por pessoas de dentro do CEP, por exemplo, tentando localizar sem nenhuma tentativa de criar relevância que não seja salvaguardando a si mesmo, e escoando o resto em primeira geração, segunda geração, terceira geração e colocando quem que seja em qualquer lugar, porque na verdade não importa a construção da coerência e sim da exaltação da experiência pessoal e rasa que uma estrela pode ter na celebração e postulação das asas que se deseja dentro dessa sequência de nominhos. *Adiós, Nonino, Desde una estrella al titilar... Me hará señales de acudir, por una luz de eternidade. Cuando me llame, voy a ir. A preguntarle, por ese niño. Que con su muerte lo perdi, que com "nonino" se me fué... Cuando me diga, ven aquí... Renaceré... porque... Soy...! La raíz, del país que amasó con su arcilla, Soy...! Sangre y piel, de "tano" aquel, que me dió su semilla... Adios "nonino"... Que largo sin vos, será el caminho. Dolor, tristeza, la mesa y el pan...! Y mi adiós... ay...! Mi adiós, a tu amor, tu tabaco, tu vino. Quié...? Sin piedad, me robó la mitad, al llevarte "nonino"... Tal vez un día, yo también mirando atrás... Como vos, diga adiós... no vá más...! Y hoy mi viejo "nonino" es una planta. Es la luz, es el viento y es el río... Este torrente mío lo suplanta, prolongando en mi ser, su desafío. Me sucedo en su sangre, lo adivino. Y presiento en mi voz, su próprio eco. Esta voz que una vez, me sóno a hueco. Cuendo le dije adiós... adiós "nonino". Soy...! La raíz, del país que amasó con su arcilla, Soy...! Sangre y piel, del "tano" aquel, que me dió su semilla... Adiós "nonino" ...! Dejaste tu sol, em mi destino. Tu ardor sin miedo, tu credo de amor. Y ese afán... ay...! Tu afán, por sembrar de esperanza el caminho. Soy tu panal y esta gota de sal, que hoy te llora "nonino". Tal vez el día que se corte mi piolín, Te veré y sabré... que no hay fín.*

(...)

Rio, 05 de agosto de 2015

Pops,

Li e reli seu email muitas vezes antes de começar a responde-lo. Sua carta me provocou (me ofereceu) sentimentos necessariamente contraditórios. Não, porém, no sentido de coisas que se anulam, se forçam uma contra a outra, mas sim, sentimentos que se complementam, se tornam outros, pela contradição.

Foi difícil pescar o fio solto, o ponto móvel, o hiato da onde poderia continuar o papo. Mesmo agora, já escrevendo, ainda não tenho certeza se me sinto apto – quase não tenho certeza se deveria. Esses sentimentos contraditórios me pareceram muitas vezes absolutos, ou ao menos sem qualquer necessidade de complemento. Não por nada, quero dizer: sempre fomos, e ainda somos, eu e você, fluidos como poucos, como ninguém, na hora do papo – e na hora da vida, como sabemos bem. Não há nenhuma outra pessoa nesse planeta com quem eu tenha mantido relação estreita, íntima, amorosa e presencial por tanto tempo quanto você. Mas a carta – mesmo o email – assim, escrita, tem a força do documento, do registro, e talvez tenha sido isso que tenha me paralisado até um instante atrás: a sua coragem. Não só a coragem de documentar sua dor, seu medo, mas a coragem de ter um filho – e de se deixar diluir pela força desse acontecimento. Sentia como se não fosse você escrevendo, e é por isso mesmo que era.

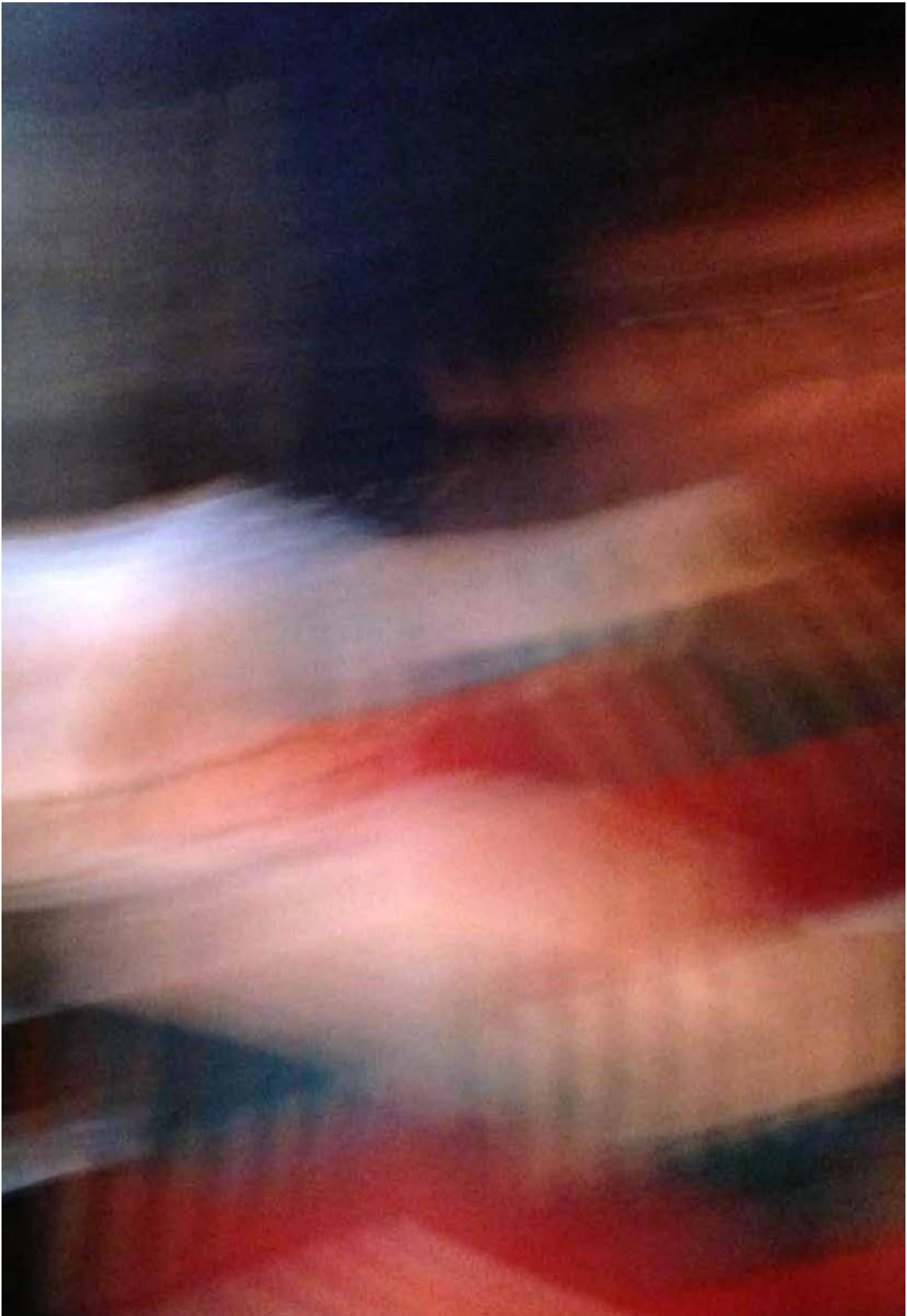
Pois foi assim que senti sua carta: como sendo sobre medo. Não o medo paralisante, fantasmagórico – pois fantasmas necessariamente não existem; se o motivo do medo existe, então é possível de se lidar – mas sim, o medo justamente diante de algo real, palpável e verdadeiramente ameaçador. Me fez crer, nesse caso, no medo como um gesto de amor. Medo, ou registro do medo, como um gesto de coragem. E foi desse ponto que enfim consegui começar a responder.

Me saltou aos olhos de cara o fato de você não ter nenhuma vez escrito sequer a palavra ‘teatro’. Bem da verdade é que também não escreveu nenhuma vez a palavra ‘trabalho’ – e digo isso sem qualquer juízo de valor, ou mais: digo isso com um elogioso olhar de interesse. Há a palavra ‘trabalhando’, e seu gerúndio oferece efeito empírico, factual, quase natural diante da distância de qualquer reflexão mística ou transcendental sobre o valor das coisas e de nós mesmos, como sempre adoramos fazer, ao longo desses tantos 30 anos em que nos convivemos intensamente. Gostei dessa direção, que um pouco se opõe, ou se eleva à sensação

de medo ou tristeza, e que, em uma primeira leitura, se impõe sobre mim de sua carta – o pragmatismo como beleza, mais um deslocamento de sentido pra essa pequena coleção particular que começamos a cultivar em missivas.

Certa vez comecei um texto – talvez tenha até terminado, mas jamais publiquei – sobre a hipótese do teatro precisar entrar em extinção pra poder voltar respirar – morrer para voltar a viver -; de que o teatro precisava, talvez, “acabar” (seja lá o que isso quer dizer), diante da falta de interesse popular que sustentasse esse meio de expressão, e da necessidade quase essencial que o teatro possui do investimento de editais e outros dinheiros ‘protegidos’ dos desejos do mercado para que possa seguir existindo simplesmente. Hoje me espanta o quão neoliberal é essa minha afirmação – não concordo sob hipótese alguma que o mercado deva ser juiz de algo, até porque não é possível sequer considerar que o mercado seja algo democrático, aberto, minimamente horizontal para que esse juízo possa ser justo.

(...)



Fonte: Acervo pessoal do autor

1.7 entre o banal e o contundente

Daquele dia, no Alfa, que depois de tanto tempo – meses, talvez anos – conseguimos nos sentar um diante do outro e fumar e beber para falar, como nos velhos tempos, o que ficou em mim foi o único momento em que concordamos completamente a respeito do dilema da péssima ou nula herança que permanece em nós da escola: para além da experiência do convívio, das diferenças e frustrações – que não considero nada mera, tão ou talvez mais importante do que a regra de três ou o complexo de golgi -, a possibilidade (necessidade) de se inventar uma nova escola. E, diante dessa possibilidade necessária, me abraço em clichê e vou além da Escola da Ponte, ou da mistura de classes, gêneros e matérias entre alunos (além da própria escola): Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome (é uma lindeza essa frase, e por isso é que tem toda a cara e coragem de um clichê). Ao mesmo tempo é pura utopia, parece possuir aquele cheiro de mofo dos desejos redentores e absolutos - essa contradição me significa em grande parte de todo esse caminho epistolar: século XX, século XXI, seus amores, horrores, vazios, contundências, encenações, utopias e realidades.

Digo tudo isso pois talvez pense o mesmo não só do teatro (ainda que principalmente, talvez), mas de todas as artes: é preciso que elas cheguem a nós (e a partir de nós) em estágios emocionais, estéticos, discursivos que nem somos ainda capazes de supor ou falar (ou seriam pouco – mesmo que esses estágios sejam somente novos efeitos e consequências de coisas que supostamente já conhecíamos antes, feito a Nina Simone cantando Mississippi Goddam).

Sua carta, na realidade – e essa menção à Nina Simone (e não sei ainda muito bem por quê) – me levou ao *Cronópios e Famas*, do Cortázar. Primeiramente, ao Instruções-exemplos sobre a forma de sentir medo, mas não só por esse texto. Não quero usar aqui de uma retórica poética e evasiva, mas sim algo mais próximo do científico e objetivo para tratar de uma sentimentalidade provocada justamente por um texto um tanto poético. Parece evidente, e é: that's my point. Porém, diferentemente de outras mil obras diante das quais podemos experimentar esse tipo de sensação, o *Cronópios* do Cortázar apareceu como um fato, uma revelação, um diagnóstico, um cheiro; como se fosse, sem querer ser, verdade, coisa, palatável, cheiro, cor, topada na quina da cadeira, tosse, espirro, pau duro, buceta molhada,

medo, desejo.

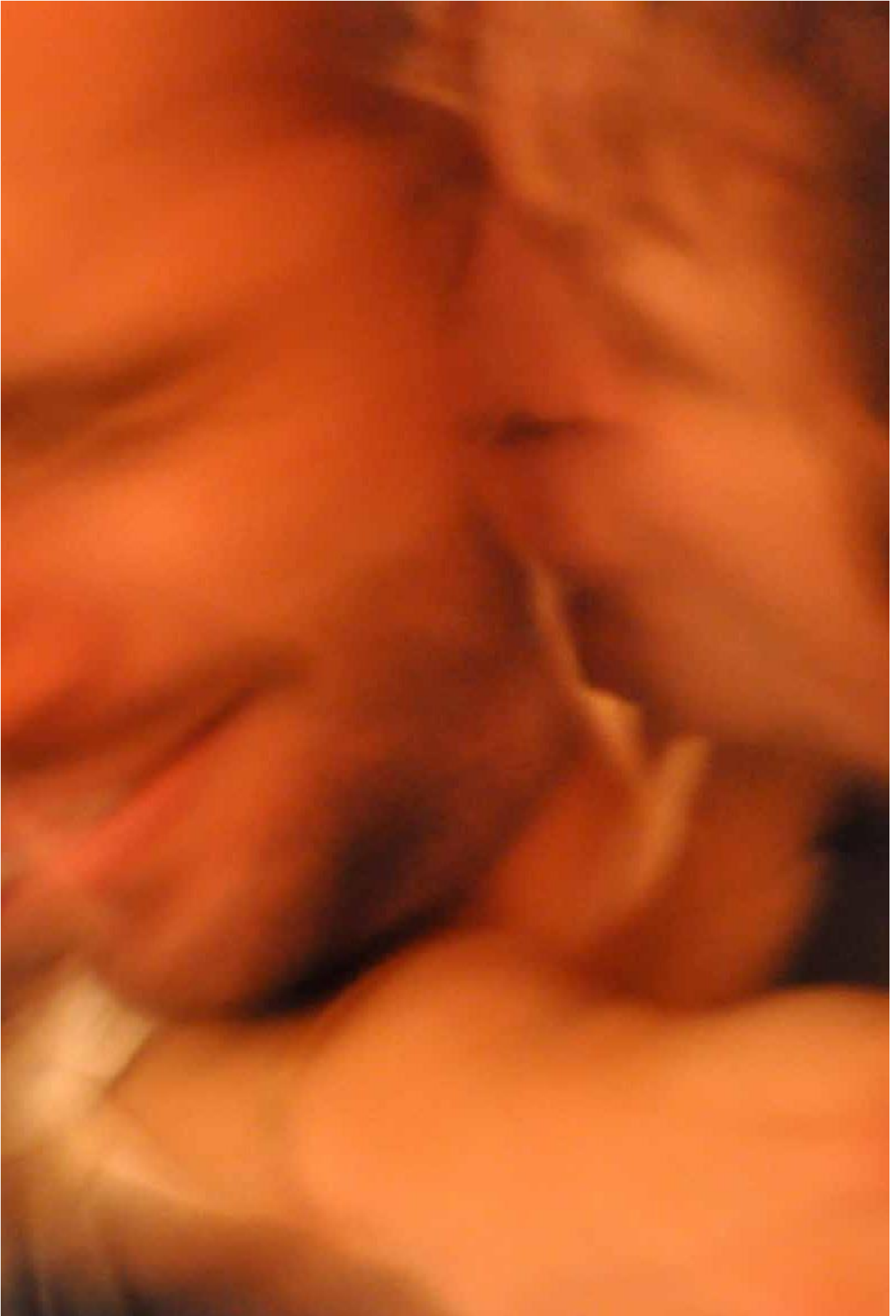
Diz o monstro: “Ao abrir o armário para apanhar uma camisa, cai um antigo calendário que se desmancha, se desfolha, cobre a roupa branca com milhares de sujas traças de papel”. E o último, e mais assombroso, exemplo: “O médico acaba de nos examinar e nos tranquiliza. Sua voz grave e cordial precede os remédios, cuja receita ele escreve agora sentado à mesa. De vez em quando levanta a cabeça e sorri, animando-nos. Não é nada demais e daqui uma semana estaremos passando bem. Nos refestelamos no sofá, felizes, e olhamos distraidamente em volta. De repente, na penumbra debaixo da mesa, vemos as pernas do médico. Ele arregaçou as calças até as coxas e veste meias de mulher”.

Talvez *Histórias de cronópios e de famas* deva ser lido como uma literatura utópica. Um Mini Manual do Guerrilheiro Urbano, só que do susto, do espanto, do surpreendente – realmente um guia empírico para se ver as coisas dentro das coisas – e assim, entender a superfície delas novamente e enfim. Ele próprio diz, falando da Argentina, algo que talvez aproxime, através de seus olhos, nossos hermanos como quase gêmeos de nós: “Nesse país onde as coisas se fazem por obrigação ou por fanfarronada, gostamos das ocupações livres, das tarefas sem importância, dos simulacros que de nada adiantam” (Não sei dizer o que difere essa escritura do Cortázar, que me parece tão forte, contundente, quase política, de um mero blá blá blá esvaziado e fugas, defendendo coisa nenhuma como se fosse, por ser coisa nenhuma, uma maravilha verdadeira. Mas o fato é que há uma diferença violenta. Talvez seja a aprovação prévia – de crítica, público, amigos, referências, etc... - que me permite ver além das lentes, mas prefiro crer que não; que há algo de verdadeiramente violento, mesmo que invisível – e, relendo a carta antes de lhe enviar, lembrei daqueles 15 dias que passamos em Buenos Aires, do Réveillon que você estaria mas não esteve porque perdeu o passaporte, ou algo assim, e de como chegou depois, protagonizou um pouco tudo, atenuou nossa briga, e confesso que sorri escrevendo esse apêndice de parêntese).

Tipo ter uma filha. Entenda que, nessa diferença entre o banal e o contundente, podemos encaixar qualquer coisa – assim penso eu – e tudo estará também sobre esse fio imperceptível, essa fronteira invisível – inclusive, e principalmente, a política. Afinal, qualquer maneira de imaginar é uma maneira de fazer política. Claro que, entre a arte e a política formal, partidária, há um gigantesco, quase total, hiato de frustração. Sendo a arte o jeito mais ineficaz de se

chegar, somente com uma migalha de sentido, ao mais fundo sentido, e a política, a mais eficaz maneira de se atropelar os sentidos sem sequer tomar conhecimento de quem os sente, porém na mais superficial camada do sentimento, é natural que, passados tantos anos, ainda não saibamos onde chegar com todo aquele papo sobre política que levávamos semanalmente – e ainda levamos, mesmo sem ser um diante do outro. Não dá mesmo, e você tem razão: tal qual o próprio Cortázar dizia que se o romance vence por pontos o conto vence sempre por nocaute, sua filha derruba tudo isso no primeiro round com um sopro (“Esqueço de tudo. Tremo”. Achei lindo, e novamente, suave e violento – tranquilo e desesperado). E é assim que deve ser – o que, naturalmente, não nos impede de pensar, questionar, se frustrar igualzinho a sempre, ou, como me questionou o Domingos dia desses: mas e aí? Vai ser só isso mesmo? Trabalhar em pânico para conseguir pagar as contas e tomar uns chopos?

Talvez o seu lado sobrevivente fosse, desde sempre, a grande diferença entre nós. Você era um animal raro no grupo – continua sendo – e a necessidade que sempre teve de conseguir sobreviver fazia de você exótica e peculiar. Essa diferença, contudo, é provável que tenha sido também o magnetismo que nos manteve grudados, feito fôssemos um só; passei a ter de sobreviver também, em você (na sua sobrevivência) e na sua ausência, nas vezes em que ela enfim surgiu, dura como metal. Mas as perguntas feitas pelo Domingos permanecem (assim como as feitas pelo Cortázar, veladas em cada letra, cada sílaba, cada palavra, frase, página, livro). Não tenho dúvidas que preciso escrever mais algumas coleções de cartas para você, para sentir que consegui superar a superfície que seja de tudo que temos e somos – e ainda estamos no começo. Por algum motivo que não sei se sei explicar, nunca tive dúvidas de que você jamais deixará de ser parte de mim. Todo amor, e até o próximo instante. Me responda logo. Quero sempre saber de você. Um beijo, e o meu coração.



Fonte: Acervo pessoal do autor

1.8 da rota de um possível fim

Ao fim desse primeiro CEP que eu e Botika assistimos juntos, você cometeu conosco o mitológico e cerimonioso gesto de se aproximar e nos perguntar se éramos poetas. A reação foi em ambos a mesma: dissemos que sim, ainda que aquela fosse a primeira vez que tenhamos respondido a uma convocação dessa natureza. E fomos dali para casa, revirar gavetas atrás de escritos que pudessem fazer sentido àquele lugar, àquelas pessoas, àquela tra(d)ição, e afinar nossas penas para enfim produzir algo que pudesse fazer vale-las, pois seria dito, soaria em voz alta, amplificado, para um público do CEP.

O segundo “relógio” era o que salvava o CEP da rota de um possível fim – como acontece agora, com a nova turma que tomou o poder cedido pelo Chacal -, pelo motivo tanto da necessidade pessoal dos envolvidos de que o CEP continuasse a existir, quanto da necessidade que se entendia de que a própria cidade precisava do CEP funcionando, como um termômetro de liberdade, um espaço de respiração, a experimentação como algo circulatório, sanguíneo - aquilo que permite que a cidade siga pulsando sem que nenhuma veia se entupa ou exploda (talvez essa necessidade desenhasse nossa cidade imaginária, o Rio de Janeiro inventado que, dentro do Rio de Janeiro real, nos desenhávamos pra nós).

Por fim, o terceiro nível de vínculo soprado por você no gesto de nos trazer para as entranhas do CEP era o que impulsionava uma nova “geração”, um novo grupo – a “minha” geração, não em seu senso temporal, mas sim no sentido de unir pessoas contemporâneas que estejam “gerando” ao mesmo tempo; que estejam “gerando a geração”. Essa instância de tempo diz respeito, me parece, ao que Deleuze se refere, nos “Intercessores”, como o super contemporâneo gesto de “surfear uma onda que já vinha em movimento”, e disso se criar – ou se definir – uma nova onda. Zarvoleta, você sabia muito bem que fundar nossa “geração” era também ampliar seu espaço – era também refundar você. Você sabia, vestia a tal aura que já/ainda carregava, e, sob essa capa – e com seu talento inquestionável para compreender, diagnosticar, vaticinar e engendrar pessoas - você sabia que o convite era infalível, irrevogável, feito pólvora e faísca.

Claro que se trata de uma ciência inexata – jamais feita de véspera – e há de haver um grupo irremediavelmente inteligente, irremediavelmente jovem para

refazer esse caminho, mas a necessidade que sinto de falar sobre isso ou de experimentar essa perfeita interseção novamente, ainda que adaptada aos finalmentes de agora, me parece pungente (perdão pelo excesso de rimas).

É que acho que a coisa se dava mais naquilo que o Ginsberg reconhece como a função primordial – ou característica essencial, não lembro bem – do poeta: tornar a vida privada, pública (Whitman diz, na abertura da primeira edição do *Leaves of Grass*, que torcia para que os poetas americanos desenvolvessem uma nova tendência de franqueza, um tipo de despreocupação, uma sinceridade não manipulada, não manipulável, como uma franqueza espontânea). Talvez eu esteja sendo incrivelmente ingênuo, ou talvez esteja simplesmente sendo eu o ator. Mas isso não muda a franqueza e crença absoluta na última sentença. Você não dizia que eu e Pedro éramos “formalistas líricos”, que ainda escreviam poemas de amor? Então. Lírico é sinônimo de mentiroso.

Como podemos batizar isso? Zarvolismo? A dança da Zarvoleta? Tropicaleza gauchebeat? (tudo isso sob o sol tropical da gargalhada e do deboche) Antropofagia suja – se opondo à assepsia clean dos nossos heróis modernistas do início do século - ? “Se você não mostra a ninguém, pode escrever tudo o que quiser. E é por isso que o poema era bom”, diz o fantasma de Allen no youtube, direto do ano de 1994. Se o CEP foi nossa “semana de 22” – nosso “dever cumprido” com a agenda da aura, ou da farsa aurática, e que esperança é essa que insiste em nos acometer, como se essa farsa fosse mesmo nos salvar, como uma dupla farsa?

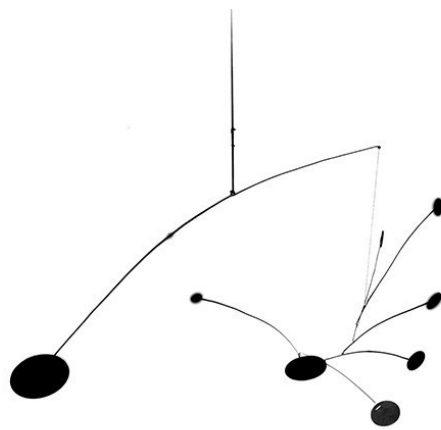
– o que podemos tirar do CEP para formar nosso discurso próprio e destacado, nosso símbolo temporal, nossa “curtição”? Puro afeto, retalhos de arte, a instantaneidade do instante, *No Future* como libertação e abertura, apocalipse punk e boa notícia, a despedida de heróis, poder conhecer os heróis antes que eles se vão, o egoísmo vazio porém definidor – capaz de erguer uma vida inteira – da vivência, tardia ou precoce, pura “narrativa de marinheiro” com a encarnação palpável de uma “narrativa de camponês”, um possível repertório de realizações (mesmo que não saibamos para quem), retalhos de arte, a história forjada à porradas na pedra, o puro acaso, a injustiça, as escolhas, o apego total ao tempo que não cessa em passar, retalhos de arte, desalinhavados, o descarrilamento que é individual, para além de sua comprovação ou registro, a arte enquanto espaço do possível, nada se cria, tudo se descobre, o fogo nas entranhas, no ventre, na cara, no pau, no cu, no pai, na mãe, a fúria maravilhosa de fazer tudo errado ser certo – e o amor, o afeto,

retalhos de arte, puro afeto, afeto puro.

Sim, pois não vou permitir que essa carta termine na frieza da reflexão nem no gélido balé da prosa poética. Não. Isso aqui é um palavrão. A história mais bonita que já vivi sem estar presente é saber que você foi o cicerone do enterro-performance do Ericson – e que meu nome e do Botika, ausentes pela mais inclemente e impressionante força das circunstâncias – foi devidamente chamado e respondido por todos: “presente”. Ali eu soube. Eu ouvi. Eu vi. E ficou tudo bem, mesmo estando tudo mal, tudo merda, tudo porra, tudo caralho, tudo vai se fuder - tudo é nosso. Toda gratidão minha pra você, Zarvoleta, o puto que nos pariu, meu grande amigo.

Um beijo, com amor e gratidão. Vitor.





Fonte: <http://www.calder.org/>

2 GARRAFA Nº 2 – CIDADE FANTASMA

Mesmo antes de sair de casa, tive certeza: a cidade estava vazia. Deserta. Abandonada às pressas, aos restos, como se subitamente todos tivessem tido de largar tudo como estava - a luz acesa, a água no fogo, a discussão em suspensão, o dilema sem solução - e batido em retirada imediata, o mais rápido que pudessem. Menos eu.

Logo na porta do edifício, podia ver um Alfa Bar irreconhecível, às moscas, como se já fosse o signo de algo a ser lembrado – a bandeira de uma memória de um tempo dourado que aparentemente ainda é hoje, mas que não parece jamais chegar de fato (que parece sempre ontem). As centenas que se reuniam noite após noite ali agora eram somente o assovio do puro silêncio. O sibilar da ausência.

Na Mena Barreto, não importava o sentido que o destino seria o mesmo: Praia de Botafogo, Aterro, Catete, Glória, Lapa e Centro, tudo era cenário deserto, e a mesma sensação de que um só som ensurdecador haveria de vir para nos redimir daquele estranho gosto na boca. As janelas abertas nos apartamentos do Centro permitiam que o vento fizesse em suas dependências íntimas o que quisesse. Pombos passeavam em rasantes ou em passos curtos, cagando livremente por onde quisessem ou pudessem.

Na outra direção, descendo rumo ao Humaitá, o mesmo gosto de chumbo ou sabão – e ninguém para me ouvir gritar. Os sinais de trânsito iluminavam suas ordens sem automóveis para obedece-las ou desrespeita-las. O lixo volta e meia cruzava a rua, embalado pelo vento, subia as calçadas, até ser impedido por uma grade ou muro, em plena via arterial da Real Grandeza até o Cemitério São João Batista, e ali jazir, a espera de um chute, uma sobrevida que não virá. O lixo, como os mortos, lá estavam, mas eles não podiam ser vistos. Naquele momento, os mortos e os vivos do Rio de Janeiro eram igualmente invisíveis.

Na Cobal do Humaitá, nada além de grades e portas fechadas, como se anunciassem uma bomba, um terremoto ou tsunami. O Espaço Cultural Sérgio Porto, condenado ao burburinho – assim como o postinho, sobre o qual se apoia o teatro – que muitas pessoas chamam simplesmente de “CEP”, mesmo quando o que lá está é uma peça de teatro ou uma exposição -, como se precisasse descansar de bebida e poesia, também quedava em absoluto silêncio, não fosse a estranha

música que subia de volume em minha cabeça.

Ali comecei a correr. Toda a Jardim Botânico me acompanhava igualmente abandonada – as coisas, algumas mesas, certas lâmpadas acesas, davam a impressão de uma grande fuga. Os muros baixos do Parque Lage assustavam pelo prenuncio invisível de algo que, se viesse, os olhos conseguiriam ver. Atrás de mim, e à minha frente, no entanto, nada além do som dos meus passos e de minha respiração.

Assim cruzei o bar Jóia, a Lopes Quintas, todo o Jardim Botânico, até chegar ao Baixo Gávea, onde a escuridão já havia se decantado para meus olhos, e era possível ver a silhueta preta da cidade sem ninguém. Da mesma forma, e além, até o baixo Leblon. Nenhuma vivalma tentava morrer naquela noite, naquele quadrilátero – Diagonal, Pizzaria Guanabara, o fantasma do Real Astória, mais pra frente o Jobi, e pouco adiante o Itahy. Ninguém alí queria nada. Ninguém ali.

Tal qual o Leblon Ocidental – que tinha como fronteira e muro invisível a Afrânio de Mello Franco, mas que não saberemos o que restará dessa cartografia com o fim das obras napoleônicas por lá – o Leblon oriental também quedava vazio. Eu não corria mais pois poderia morrer sem ar, e não haveria ninguém para ao menos rir de mim. Assim me arrastei fantasmagórico até Ipanema. E Copacabana. Urca. Aterro. Catete. Glória. Lapa. Centro. Av. Brasil – e ninguém. Fui e voltei. Embarquei na Praça Quinze. Naufraguei.

[...]escrita automática, cadáveres requintados, performances de uma só pessoa sem espectadores, contraentes, escrita a duas mãos, a três mãos, escrita masturbatória (com a direita escrevemos, com a esquerda nos masturbamos, ou ao contrário, no caso de quem é canhoto), madrigais, poemas-romances, sonetos cuja última palavra é sempre a mesma, mensagens de apenas três palavras escritas nas paredes (“Não aguento mais”, “Laura te amo”, etc...), diários desmedidos, *mail poetry*, projective verse, poesia convencional, antipoesia, poesia concreta brasileira (escrita em português de dicionário), poemas policiais em prosa (com extrema economia se conta uma história policial, a última frase a esclarece ou não), parábolas, fábulas, teatro do absurdo, pop art, haicais, epigramas (na realidade, imitações ou variações de Catulo, quase todas de Moctezuma Rodríguez), poesia-desesperada (baladas do Oeste), poesia georgiana, poesia de experiência, poesia beat, apócrifos de bp-Nichol, de John Giorno, de John Cage (*A year from monday*), de Ted Berrigan, do irmão de Antoninus, de Armand Schwerner (*The Tablets*), poesia letrista, caligramas, poesia elétrica, poesia sanguinária (três mortos no mínimo), poesia pornográfica (variantes heterossexual, homossexual e bissexual, independentemente da inclinação particular do poeta), poemas apócrifos dos nadaístas colombianos, horazerianos do Peru, catalépticos do Uruguai, tzanticos do Equador, canibais brasileiros, teatro nô proletário... Até publicamos uma revista... Nos mexemos... Nos mexemos... Fizemos tudo que pudemos... Mas nada ficou bom. (Bolaño, 2006)

Sem crítica literária.

fica o texto só?

Um beijo, Lygia Bojunga

Araras, 07 de setembro de 2015 Nanda,

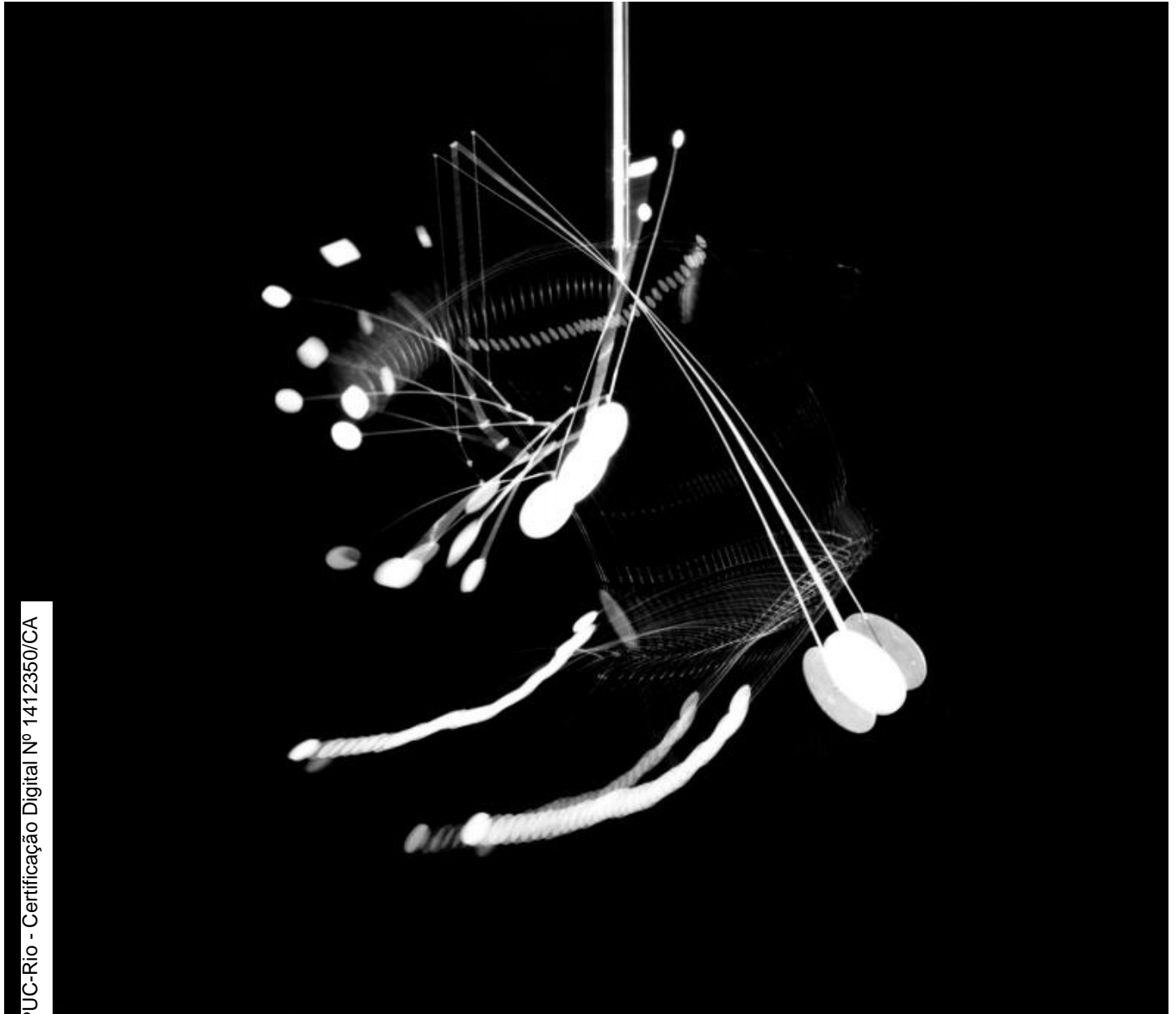
Penso que, para além da profissão, essa coisa de escolher ser qualquer coisa é de foder de difícil (talvez a mais difícil). Desde sempre, e até hoje, há aquela sensação de que deveríamos ser uma coisa só, nos dedicarmos a ela (oh Hamlet, mas que chatice esse fantasma de cinco séculos que não desaparece jamais, repetindo, repetindo, repetindo!), para vivermos enfim a glória plena de alguma confirmação que essa profissão (existência) oferece – ou, é claro, (e essa é a dura outra face da moeda), o horror do fracasso retumbante. O negócio é que sabemos que nada disso existe ou é real; não precisamos perder nenhum parágrafo para termos certeza (ao menos uma certeza racional), de que esse papo de glória ou fracasso é furado (ah, mas as certezas emocionais, essas nos matam diariamente também, paulatinamente, feito um cigarro, e mais outro, e mais outro).

Eu não saberia dizer o que é preciso para ser escritor (se é que sou, ou que digo, ou que posso), mas tenho certeza de que não se trata de conhecimento técnico, teórico, gramatical ou horas de leitura acumuladas (ainda que seja difícil discordar do Mariano quando ele diz que toda a classe artística carioca está uns dois livros abaixo do necessário. Falta livro). Acho que tem a ver com ser capaz de suportar a coisa toda – suportar fisicamente a dor e o esforço, sabendo que a recompensa não será financeira e provavelmente nem visível. A recompensa a gente inventa – a gente acredita. Mas certamente para ser escritor não é preciso ser capaz de enfrentar uma barata (nem concreta nem metafórica, afinal, é aquela história: somos nós que colocamos a barata sobre Gregor Samsa, e não Kafka: ele só o transformou num “terrível inseto”, simbólico, sem especificações, puro sentimento, e nada mais – mesmo, pois, passado o primeiro parágrafo, não há acontecimento algum a não ser o lento e incessante zoológico humano - o livro lendo o leitor).

Acho que é preciso amor. Amor pelo buraco. Pelo que falta, pela sensação de que falta algo – dá pra entender? Deve ser um troço zen budista, um clichê de auto-ajuda o que estou dizendo, mas há algo sobre tentar mais do que conseguir; sobre gostar de tentar mais do que efetivamente querer conseguir no ofício de escrever que, pensando agora, é em muito o que me faz continuar tentando. Eu amo tentar, amo chegar perto de alguma coisa que eu nem sabia que seria o mais próximo possível de conseguir. Por isso que intuitivamente (já faz um tempo que sinto isso) acho intrigante, excitante, reconheço em você essa escritora que você é e será –

mais do que a atriz, talvez. Mesmo que essa escritora não venha a ser uma escritora em qualquer estrito senso da palavra – como uma roteirista ou coisa que o valha – mas sinto, ao falar do amor pelo buraco, que você entendeu aí – eu aqui – o que eu quis dizer. Não me sinto apto a dar mais conselhos a não ser aqueles que já dei e dou – muda isso aqui, pensa naquele negócio, corta todo esse parágrafo, que esse aqui é lindo. E ler. Ler até morrer. E amar o buraco.

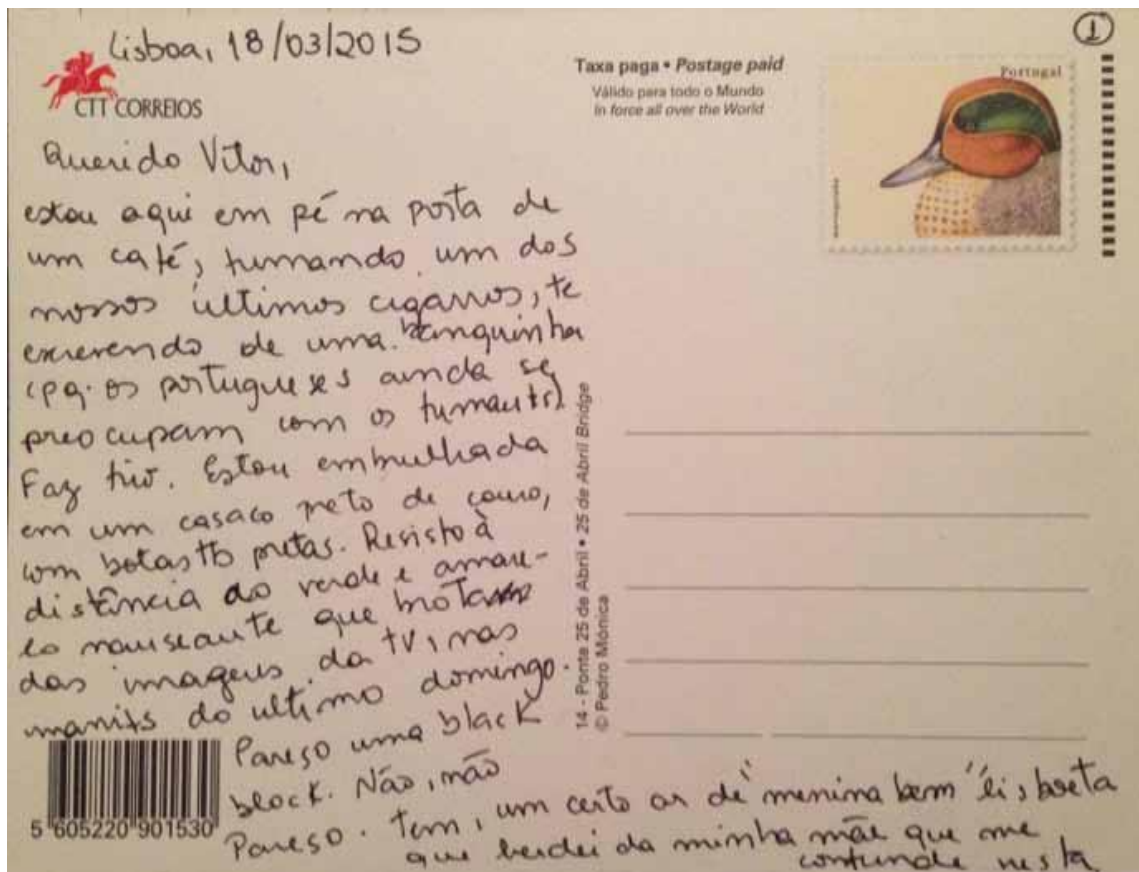
Aqui em Araras está chovendo pra caramba. Você sabe que é preciso muito mais do que meias para se estar em Araras, o lugar mais bonito do mundo – será que enfim envelheci? – especialmente quando chove e faz frio. E aqui eu produzo mais. Mas aqui é preciso conviver com eventuais aranhas, escorpiões, sapos barulhentos e até cobras. Tudo que existe, menos eu. Talvez seja a iminência de lutar contra todos esses bichos que me faz produzir tanto aqui – e aí escrever se torna um gesto selvagem, de bicho, pela sobrevivência ancestral. Deve ter um pouco disso aí nisso aqui. E acho sim que você é escritora. Que vale a pena você ser escritora – e me agrada a ideia de alguém que eu conheço tanto, tão desde sempre moldada por si para ser atriz (e bonita como uma atriz de hollywood dos anos 1950), silenciosamente decidir mudar, ir para atrás das câmeras, das máquinas, das folhas. Você se torna um segredo – algo bem mais complexo. E aí o fracasso retumbante lá do primeiro parágrafo vira uma delícia – ou coisa nenhuma é uma delícia, e que tudo mais vá pro inferno. Gente é pra brilhar – este é o slogan do sol, do Maiakóvski, e deveria ser o nosso. Que tudo mais vá pro inverno. (...)



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412350/CA

Fonte: <http://www.calder.org/>

Com materiais baratos e franzinos, com ossinhos ou estanho ou zinco, ele constrói estranhos arranjos em caules e folhas de palmeiras, em discos, plumas e pétalas. Eles são ressonadores, armadilhas; eles pendem ao fim de um fio como uma aranha no final de sua trama, ou são empilhados sobre uma base, sem vida em seu falso dormir. Algum tremor errante passa e, capturado em sua labuta, assopra vida neles. Eles a canalizam e a dão uma forma fugaz - nasce um móbile. (Jean-Paul Sartre, “Les Mobiles de Calder,” In Alexander Calder: Mobiles, Stables, Constellations, exh. cat. (Paris: Galerie Louis Carré, 1946), 9–19. [Tradução do autor])



Fonte: Acervo pessoal do autor

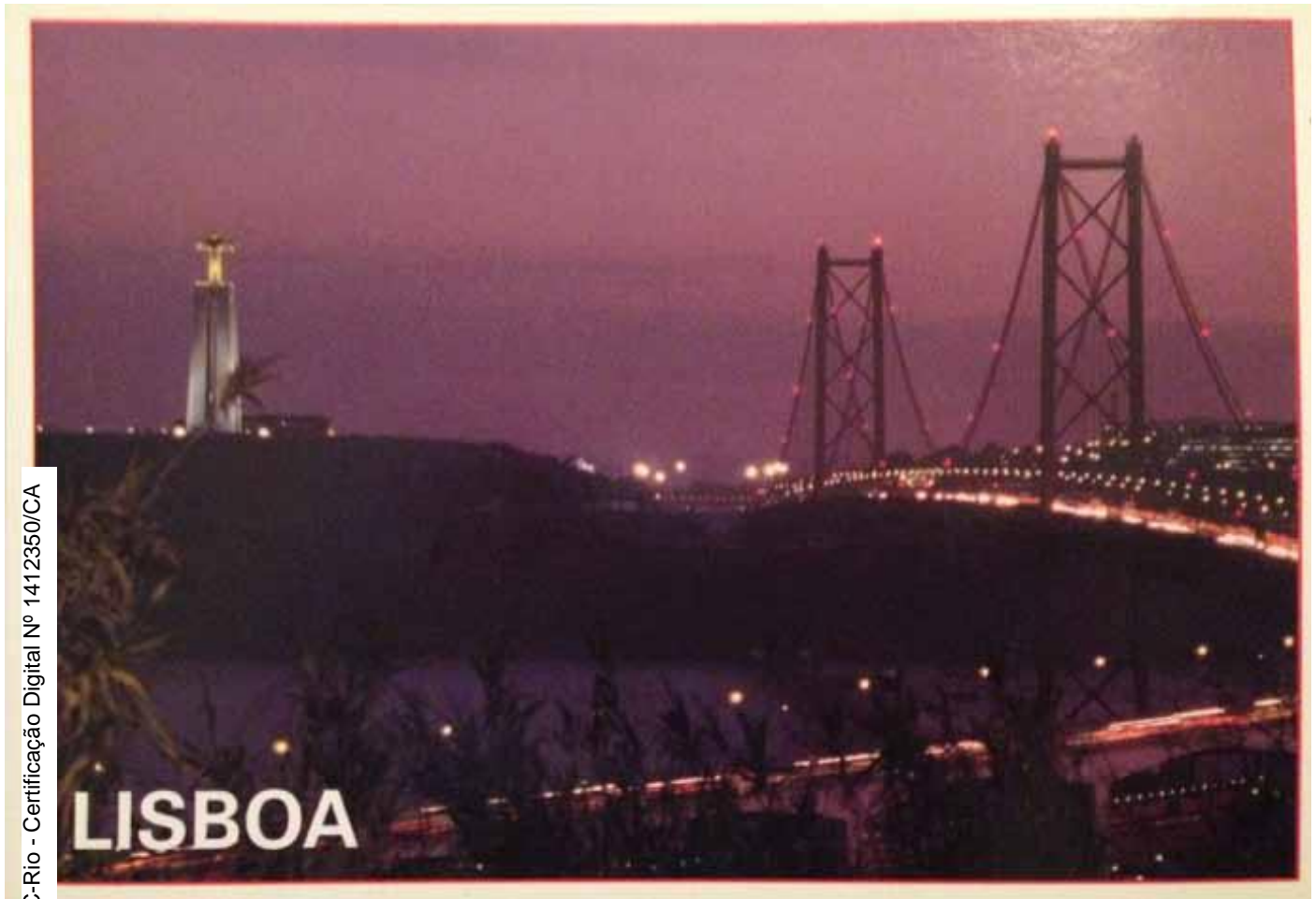
Lisboa, 18/03/2015

Querido Vitor,

Estou aqui em pé na porta de um café, fumando um dos nossos últimos cigarros, te escrevendo de uma banquinha (pq os portugueses ainda se preocupam com os fumantes). Faz frio. Estou embrulhada em um casaco preto de couro, com botas tb pretas. Resisto à distância do verde e amarelo nauseante que brota das imagens da TV, nas manifestações do último domingo. Pareço uma black block. Não, não pareço. Tem um certo ar de “menina bem” lisboeta que herdei da minha mãe que me confunde nesta embalagem identitária

sou uma black block ou uma menina bem? Leio os posts das minhas amigas que foram à passeata verde e amarela, cheios de ódio contra os petistas que nasceram em berço de ouro e se acham mais inteligentes do que o resto da população. Visto um pouquinho a carapuça. Mas logo a tiro, pq sei que o ouro desse berço é falso. Em primeiro lugar, pq sou uma recém doutora não concursada, que me viro nos 30 em editais e freelas p/ continuar trabalhando no que gosto. Em segundo lugar, pq se sou black block não posso ser petista. E é nesta confusão subjetiva, política e afetiva

que considero esse momento que estamos vivendo rico de possibilidades ainda que extremamente angustiante. Vai precisar da gente muita força de criação, de erotismo, de uma certa violência até, p/ resistir e não desaparecer. (...)



FUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412350/CA

FUC-Rio :: Acervo pessoal do autor

2.1 nunca me secará a saliva da língua

Vitor meu infinito flambado amiguirmão,

Escrevo aqui um breve textícuo pensando sobre o que você me pediu. Demorei pra escrever não foi à toa. Tô com a cabeça e o resto do corpo atiçados e ocupados com variadas funções e informações.

Como você bem sabe estamos eu, Ana Maria e as pequenas indo viver (experimentar viver) em Bananal, cidade bem tranquila e bonita no pé da Serra da Bocaina, SP. Hoje é novembro e partimos para essa mudança em dezembro já, sem previsão de volta.

Eu e Ana Maria estamos indo com o sol chapando no rosto e na alma, apesar da atenção e ansiedade naturais que circulam vez ou outra por dentro quando tentamos vislumbrar um horizonte ainda a ser desenhado após uma mudança tão considerável no eixo em que se gira.

Estamos pulando fora pois estamos muito insatisfeitos aqui no Rio de Janeiro. Insatisfeitos e infelizes enquanto habitantes da cidade, apesar de ainda circular muita paixão e calor em nossas artérias e canais em geral. Aquilo que nos desanima e nos fere não é nada particular ou diferente daquilo que incomoda muitos dos habitantes dessa cidade.

Há também um amálgama de fatores e sensações internas acumuladas para que a gente se mova desse jeito pra fora, a começar quando pensamos em Helena e Odete, que terão uma infância bem mais tranquila e longe da estressante rotina da cidade maravilhosa (?), além de vaga fácil na única escola pública da cidade, onde estudam na mesma sala filhos da prefeita e do açougueiro, além de contato 24h com a roça, a queridíssima natureza e os muito comunicativos e variados bichos que vivem no sítio. Espécies muito cativantes e, garanto, nada vaidosos.

E há eu e Ana Maria, que estamos juntos por que nos amamos demais e temos diversas afinidades, entre elas a identificação de ideias e desejos, que vem se proliferando em debates caseiros intensos, ou calmos (sempre na ordem do afeto e da vontade), que sempre acabam por desaguar em braços dados e elucubrações compartilhadas e abertas para uma próxima tentativa de significações ou produção de questionamentos, raramente, ou nunca, procurando-se por respostas definitivas e pontos finais.

O lance é que a gente começou a se sentir esmagado pela violência que banha o dia-dia em seus pequenos detalhes perversos, e claro, também pela violência extravagante que assusta fácil e rapidamente qualquer um de nós. Eu comecei com o tempo, e esse processo tem alguns anos, a me sentir uma pessoa pior. Me tornei mais agressivo e ranzinza, como quem espelha uma enxurrada de buzinas e esbarrões que na verdade ficam contidos na flor da pele, prontos para transbordar em possíveis erupções desastrosas. Claro que quando consegui me enxergar colocado num lugar tão mal atravessado, fiquei infeliz. Na mesma soma, é importante dizer que continuamos a experimentar uma sensação pouco confortante das sequelas do episódio bizarro com o prefeito. Continuam a existir alguns impedimentos ou negações (desdobramentos) direcionadas a nós, muitas vezes por gentinha próxima, quando estamos simplesmente muito bem intencionados. E isso também é uma grande bosta, entender que alguns não colam mais pertinho por que podem ficar meio “queimados” ao nosso lado. Parece paranoia, né? Mas não é. Nem está aqui hoje o romântico falando. (...)

2.2 precariedade é só uma palavra

Envelhecer (sem dramas, no sentido de já reconhecer o tempo passando simplesmente) é em muito sobreviver simplesmente. E para sobreviver não pode haver nem destruição radical nem redenção final, isso é que é foda – de bom e de difícil – ao menos para o meu nariz grande. É assim que me sinto, por dentro e por fora: tendo que me acostumar com esse estranho balanço, de não haver destruição nem redenção (me lembro que uma vez estava escrevendo uma canção, e por algum motivo inclui nela a frase “as coisas são o que parecem” como uma provocação a você. Não me lembro porquê). Conviver com esse pouco troco. Eu também vi o que Didi-Huberman conta que Pasolini viu (e vejo a mim mesmo também): jovens falarem de Cézzane, e tinha a impressão de que falavam de suas aventuras amorosas, com os olhos brilhantes e perturbado. E aí me lembro da Manoela me dizendo que a classe artística carioca está sempre uma dose acima ou abaixo do ansiolítico. Difícil de discordar.

Não lembro muito da gente, enquanto vivíamos juntos, ouvir muito música. Ouvíamos? Mas me lembro da gente assistindo um documentário sobre o Clash com atenção, e essa é uma memória deliciosa. Escutar música para e com um filho é a coisa mais bonita que posso imaginar – assim como não saber o gosto musical dos pais me parece das coisas mais tristes e desérticas que não seria capaz de pensar como frase de abertura de um filme. O Martim é lindo e sensível, e nada poderia ser melhor, não é? (mesmo que nesse pacote venha dor, como não poderia deixar de ser). Amo com força o fato de você gostar especialmente de David Bowie, The Modern Lovers, de “Daydream believer” dos Monkees, e lembro do Kinks. Você gosta de Kinks? E Devo? E Sérgio Sampaio? E escrever uma canção? Quantas perguntas ainda posso fazer a alguém que conheço tanto? Todas?

Porque as coisas são mesmo o que parecem, e a gente pode escolher fazer delas o que quisermos, não é? A gente, eu e você, inventamos um mundo, e esse mundo existe. Rejeito com asco a ideia de que devemos aderir a coisas novas simplesmente por elas serem novas. Ontem vi um filme sobre a vida do Brian Wilson (e o Pet Sounds? Você ama?), e não tive dúvidas de que precariedade é só uma palavra – assim como tecnologia. Gosto de música (de coisas) feitas por seres humanos, com cheiro de seres humanos, gosto de seres humanos, jeito de seres

humanos. Eu não gosto de ficar sozinho, você sabe – mas, ao mesmo tempo, amo demais os momentos em que fico.

La falar muito mais sobre medo, pois achei que sua carta era sobre isso. Acho que ainda acho. Mas talvez preferir (ser) uma pequena luz, no lugar da esperança (redentora e/ou destruidora) das grandes luzes (fascistas) é algo que só se sabe vivendo, sem jamais um ponto final satisfatório. Ou seja: é difícil pra caralho. Por isso que a redenção e destruição são tão sedutoras. Mas somos jovens, não sabemos ainda coisa nenhuma sobre a consequência, o lastro, o eco das coisas – ao mesmo tempo que já passamos tempo suficiente para saber que as coisas passam, maldita ciência inexata. Não vou me arriscar na clareza da fala. Raramente consigo ser (ainda que tenha desejado isso a vida inteira) um Mário de Andrade (ou raramente consigo me satisfazer, o que é completamente diferente, e ao mesmo tempo é a mesmíssima coisa).

Aqui parou de chover enquanto escrevia, mas ainda faz frio – e as últimas gotas das árvores batucam sobre o telhado, o vidro das janelas e o chão. Você também não escreveu uma vez sequer a palavra “teatro”. Mas não é preciso que nada disso seja uma decisão – a maravilha de escrever é que é sempre simplesmente um gesto, como amar, cagar, trepar, acender a luz ou dormir – que, para mim, e você sabe muito bem, dormir não é somente um gesto, mas é claro que é. Eu continuo com o mesmo problema, e ninguém para me ajudar. E tudo bem (tudo bem simplesmente porque escrevi aqui que tudo bem). (...)



Fonte: Acervo pessoal do autor

Que força é essa? Não sei! Não sei que forma ela tem. Ela não é colorida, tropicalista, presumo. Muito menos bicolor, verde e amarela (argh!). O minimalismo, por sua vez, me parece demasiado elitista p/ lidar com o momento. Será que é uma coisa meio punk? Meio tosca? Não sei mesmo. E talvez a força esteja nesse não saber. Posição muito difícil p/ quem lida c/ o pensamento. Tá faltando senso de humor da esquerda p/ lidar c/ esse momento. Mas te conhecer esse ano foi uma das coisas que me fez acreditar q é possível viver. Não p/ seguir a lógica do nós X eles das bandas fofas da nossa geração, mas p/ expandir esse nós. Fazer vibrar. Ousar lutar. Ousar vencer (de onde vem isso?!)

Amo-te VITOR BEIJOS!!!

PS: Podia + de um cartão?

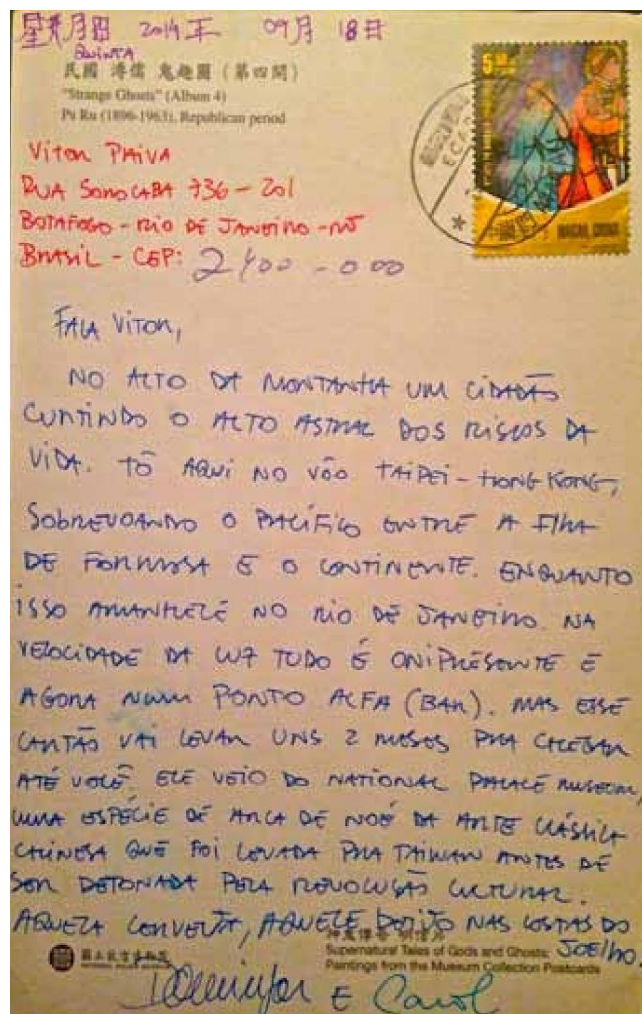


Fonte: Acervo pessoal do autor

Fala Vitor!

Do alto da montanha um cidadão curtindo o alto astral dos riscos da vida. Tô aqui no voo Taipei - Hong Kong, sobrevoando o pacífico entre a ilha de Formosa e o continente. Enquanto isso, amanhece no Rio de Janeiro. Na velocidade da luz tudo é onipresente e agora num ponto alfa (bar). Mas esse cartão vai levar uns dois meses para chegar até você. Ele veio do National Palace Museum, uma espécie de arca de noé da arte clássica chinesa, que foi levada para Taiwan antes de ser detonada pela revolução cultural. Aquela conversa, aquele beijo nas costas do joelho.

Domingos e Carol



Rio de Janeiro, 01/05/2015

Maricota,

Pude sentir o frio de Lisboa aqui no ainda infernal outono carioca, e toda a deliciosa melancolia portuguesa com seus cartões. Tive vontade de chorar, mas não o fiz – não sei chorar na frente dos outros, aquele papo do pai marxista, lembra?

Perdão pela demora. Não que essa coisa de tempo exista de verdade, mas como um possível espaço de afeto o tempo me interessa. Quero dizer: a demora não significa coisa nenhuma. O tempo de se estar junto, de gasta-lo em companhia, de responder de prontidão, de construir memória coletiva, esse é que é o nosso tempo. Para além, portanto, da falta de tempo dos ponteiros, precisei desse tempinho outro para poder te responder com o devido corpo inteiro.

Apesar de nossa promessa, não paramos de fumar (ainda), e por isso é bom saber que os portugueses se preocupam com os fumantes. Se o Marovatto levar a sério sua pretensão de ter um filho russo em Portugal, e se o Brasil insistir em sua eterna tendência ao fascismo sorridente-tropical - travestido de carnaval – (identidade mais profunda do que qualquer samba, futebol ou mulata?), talvez devamos acompanhá-lo e desfazer o caminho de nossas caravelas fundadoras. Estamos à deriva no Atlântico, cruzando a contramão dos navegantes que viriam a nos descobrir. Estamos fumando na proa do barco. Mas a promessa de deixar de fumar juntos permanece – ainda que me pareça imensamente mais difícil largar o hábito na Europa. Mas amanhã é logo ali. Combinado?

Só estive uma vez em Lisboa, onde fumei um cigarro chamado Português, numa noite em que o Marlboro Lights acabou. Minha mais forte lembrança de lá é de justamente chorar na frente de estranhos, quando subitamente fui tomado por uma emoção óbvia e imperativa, ao chegar em Belém, ver a torre, e olhar o Brasil da onde ele começou – ao menos enquanto conceito. Confesso que chorei, na frente de todos os turistas que também visitavam Belém. Era como estar em casa sem estar – estrangeiro aqui, como em toda parte – ou estar ainda mais em casa, justamente por não estar. E penso que esse é também um sentimento profundo sobre o Brasil – um país inventado pelos portugueses, em que ninguém é daqui como são os europeus de seus devidos berços, mas no qual todos se sentem em casa. Um lugar feito de estrangeiros, para estrangeiros, em que tudo é casa por nada ser. Uma coisa nem lá nem cá. Índios? Quem?

Essa tensão/dúvida entre ser uma “menina bem” ou uma black block me parece precisa – e linda – mesmo que em sua absoluta imprecisão e, como você mesma apontou, impossibilidade. Para muito além da tática de ação direta em protestos, black block se tornou também um recurso narrativo, o novo comunistas-comem-criancinhas. E aí sim, a tensão é precisa: se black block, tornou-se um termo usado para tentar diminuir e/ou apagar a luta de daqueles que se levantam contra a cruel naturalização dos horrores e injustiças sociais e de costumes – nessa contra narrativa você é uma black block perfeita. Tipo o canto da torcida do Flamengo sobre a festa na favela.

Falando em século XX, me lembrei da nossa conversa que não terminou sobre esse século que insiste em também não terminar. Quando foi que seu século XX começou? O meu foi em 1986, em um comício na Praça da Sé, em São Paulo. Estava nos ombros do meu pai, com 3 anos de idade, rodeado por uma multidão, assustado vendo uma pessoa falar no palco. Eu não sabia quem é que falava, rouco, ao microfone – desconfio que, no meio daquela multidão, só sabia quem era meu pai.

Era como um pequeno Edgar Allan Poe, porém às avessas, olhando o século XX terminar através da sensação da multidão. Em minha lembrança, o mar tumultuoso de cabeças não me encheu de uma nova e deliciosa emoção, mas sim de um velho e assustador mal estar. O homem da multidão de Poe migra suas observações de “um curso abstrato e generalizante”, olhando os “transeuntes em cachos” para uma observação de pormenores, contemplando com “minucioso interesse as inúmeras variantes de figura, de traje, de aspecto, de andar, de rosto e de expressão fisionômica”. Já eu - na menor versão de mim mesmo de que sou capaz de me recordar - não conseguia, em minha memória, se fixar em nada além do seu mais imediato foco, meu pai, e disso migrar para o desfocar não só “abstrato e generalizante”, mas desobjetificador (palavra que creio ter acabado de inventar). Nada restou, objeto algum sobre o qual sequer possa refletir. Da multidão só restou o borrão. Fiz o caminho oposto do Poe: migrei de um homem para essa mancha, em que nada é coisa nenhuma a não ser a ideia que inventamos a respeito - o que conceituamos sobre. Me lembro também de um helicóptero que muito me impressionou, de uma enorme bandeira vermelha, e nada mais. O homem da multidão foi acometido pela doença do século que se anunciava então: a solidão. Na minha memória, só a sensação da multidão resta, mas como um sinônimo de

solidão.

É essa minha mais antiga memória. Dia desses descobri que quando lembramos de algo, não estamos acessando o primeiro registro do acontecimento em nosso cérebro, mas sim o registro da última vez em que lembramos de tal coisa. É claro que grande parte do complemento reflexivo que envolve essa minha mais antiga memória eu fui adicionando à vivência em si, conforme acessei a última vez em que lembrei da mais antiga coisa que sou capaz de lembrar. A memória não é só uma ilha de edição, como também uma ilha de efeitos especiais. A vida real é puro croma key, fundo verde para servir de suporte. Todo homem é uma ilha de edição rodeado de efeitos especiais por todos os lados. Dia desses o Rossini disse que achava bonito o fato de que você parecia não se incomodar em mudar de opinião em um eventual debate; que era como se você sempre estivesse completamente presente nos embates, ouvindo com ouvidos virgens e sinceramente cogitando as coisas que o outro diz, com as quais você em princípio não concordava. Achei uma grande coisa para se ser. Pode parecer que estou tentando arrancar de você, por puro esporte, sua confissão de amor pelo século XX, mas é tudo verdade.

É um amor bandido, confesso, um amor de malandro(a), mas é amor. De lá pra cá – e de trás pra frente – esse nosso século de estimação só fez acabar, feito um cão velho ou um ente moribundo, que estremece mas insiste em não morrer. Vivemos quase 20 anos desse século sob a sombra do que ele foi (do que gostamos de pensar que ele foi, é claro), mas sempre sob a tensão da do tombo eminente e fatal. Cuidamos desse século, que tosse e que geme de dor, reclama e nos xinga toda vez que precisa se mover um milímetro, com impaciência e dedicação exemplares, péssimos enfermeiros que somos – um pouco como o filho que por fim deseja a morte do pai ou da mãe, passados tantos anos de sofrimento emburacados sobre uma cama, um pouco como o médico que precisa ser absolutamente frio para suportar os ossos literais do seu ofício. De qualquer forma é, portanto, também um amor fadado ao fim próximo. Na carta que Zé Celso escreveu para o Abujamrão quando esse morreu, Zé diz que os “férteis vestígios vivos de suas criações” ficarão mais do que “amor de pica”. Talvez assim seja meu amor pelo século XX: um amor repleto de vestígios, de ecos, de estilhaços, para o bom e para o mal sentido. Ficam os vestígios férteis, fomentando, fermentando, fertilizando criações, ao mesmo tempo que os vestígios inférteis parecem significar o regozijo desse século em nos ver paralisados diante da sombra daquilo que sonhamos que ele tenha sido mas que jamais foi – e que, dessa forma, como encenação, acabou sendo. Ufa. (...)



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412350/CA

Fonte: Acervo pessoal do autor

Eu diria que na arte é necessário um entusiasmo, uma força que empurre para algum lado, e, portanto, um desequilíbrio qualquer. Nesse aspecto, a alegria pode ser um desequilíbrio. O que penso ser importante: na arte, o ponto de partida não poderá ser um ponto morto, um ponto neutro; pelo contrário, ele deverá ser um ponto em andamento. Entretanto, eu não colocaria tanto peso na questão da alegria ou da tristeza, mas, sobretudo, na questão de encaminhar continuidade a um movimento. Eu pensaria mais, portanto, em conceder intensidade artística a um movimento intelectual que já exista. O ponto de partida não se daria, pois, a partir do zero, e o tédio não é nada produtivo. (Gonçalo, 2011)

Rio, 12 de dezembro de 2014

Fala Domingueira,

Recebi seu cartão postal chinês e tropecei sentado. Quem fala? De onde fala? Ninguém pergunta “de quando fala?” ao atender o telefone, mas essa foi a pergunta que fiz ao seu cartão, que insistiu em permanecer intacto, imóvel e silencioso, sem alterar uma letra sequer a fim de esclarecer minha dúvida. Era o Domingos de dois meses atrás quem falava. Quem era eu quando esse cartão foi escrito? Hoje em dia todo mundo sabe quem está telefonando. Menos um mistério no mundo.

Rapidamente descobri que o cartão era, enfim, uma máquina do tempo. Já era hora. Você mesmo levantou essa questão: resolvemos tão bem o deslocamento no espaço, quando é que vamos resolver a questão do deslocamento no tempo? Quando vamos poder passar o ano novo em Saquarema, mas em 1982? Ou foi Arpoador em 1972 que você falou? Londres em 1966? De qualquer forma, bastaria escolher para estar, novamente, pela primeira vez.

Como o próprio cartão profetizou, recebi-o dois meses depois do enviado. Então precisei escolher a qual Domingos responder: o de dois meses atrás, ou o de agora? Em nome da não linearidade, da mistura entre tempo e espaço - do melhor uso de sua máquina do tempo - falo com os dois. Você que se vire para escolher quem responde. Calcular é preciso. Voltar para frente. Seguir para trás.

Queria escrever a história de alguém que vive aqui mas que nunca viu o mar. Como diz o Botika, nada se inventa, tudo se descobre. Tudo existe. Começaria assim: **era uma vez um Rio de Janeiro triste**. Uma cidade que foi feliz um dia. Quase cinza, apesar do sol, do verde e do oceano - ou sobre o sol, o verde e o oceano. Eu, que sou tão pouco e tão somente carioca, pergunto a você, o carioca que eu gostaria de ser, que gostaria que os cariocas fossem, na China: será que precisamos de um Rio triste para que ele se torne uma nova cidade? Para que ele se reinvente? O brasileiro feliz de Maiakovski era carioca? Como se civilizar e permanecer alegre? Como ser artista numa cidade que felizmente não precisa de nós?

Ericson um dia me fez sentar com ele no Jobi e explicar a razão pela qual eu vinha defendendo o seu *Amoramérica* nas mesas de bar. Não estava indignado ou raivoso, mas sim verdadeiramente interessado; queria entender de fato porquê eu elogiava o livro de vocês. Eu, no entanto não tinha muito a dizer. Lhe expliquei que,

para além de minhas óbvias relações extra-conjugais com a cultura americana - principalmente com o rock, mas também com os *beats*, o cinema, a contracultura, a literatura e até mesmo a TV, que odeio amar - e de minha amizade pelos Sete Novos, gostei e achei corajoso o gesto de se apropriar do lixo de uma outra cultura - a cultura Pop, que eu tanto amo odiar - e transforma-lo em nossa mitologia, mesmo que como farsa. É só a antropofagia, eu lhe disse. Acho sempre bonito que se admita algo profundo e despidamente franco sobre qualquer coisa. Ericson, porém, só conseguia ver alienação, subserviência e vira-latismo, tanto no livro quanto na minha adesão, ainda que com todo amor.

E não tiro dele a razão. Não admitir o amor à América me soa como uma tentativa de forjar certa pureza de personalidade - certa densidade dura - que costuma ser peculiar justamente aos mais velhos e sectários países europeus (os países tristes do mundo). Ao mesmo tempo, não temos dúvidas sobre nossa força cultural - e não temos, mesmo quando temos - mas ainda precisamos nos submeter ao termômetro da aceitação norte-americana. Precisamos sentir prazer diante de uma imposição nada libertaria para sonhar com o dia em que esses nossos colonizadores yankees falarão de nós não como um sub-produto exótico ou um fruto podre, mas sim como sendo “um deles”. Queremos ser um deles. Depositamos nossas esperanças nisso. Espécie de Síndrome de Estocolmo.

Ademais, há algo de criativo, de permissivo na alienação. Como disse, concordo e discordo com o diagnóstico do Ericson, mas minha concordância, com relação ao que ele chamou de alienação, se dá também como elogio: a alienação permite o movimento, e a falta de movimento é o grande problema das ideologias. Faço essa leitura tanto sobre minha adesão ao livro quanto no que eu entendi da proposta de vocês. Não acho que nem o livro nem você sejam alienados, mas vejo beleza e força, por exemplo, na sua adesão discreta ao PT somente no segundo turno - feita com muito mais desconfiança e reservas do que a minha.

Encerrei a conversa dizendo pro Ericson que ele havia caído feito um pato na armadilha do *Amoramérica* - que vocês não levavam aquela proposta tão a sério, que era pura diversão e provocação, através do embaralhamento de sentimentos e símbolos evidentes. Certa vez, quando eu tinha dezoito anos, eu e Zarvos encontramos com Brizola na rua. Zarvos chorou e correu para beijar a mão do seu herói. Eu, imbuído do espírito punk que me regia então - e ainda rege um tantinho - não quis saber de papo. Político para mim era tudo igual, ainda que já amasse a

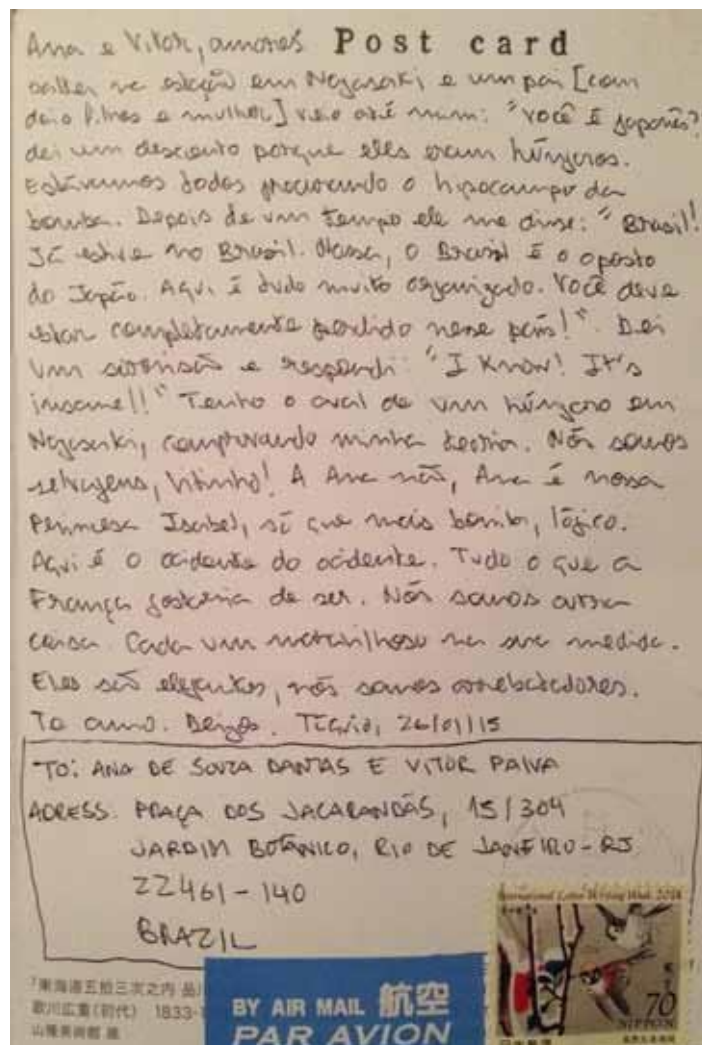
história da esquerda. Mas eu só acreditava em artistas. Hoje me arrependo muitíssimo. Queria ter dado um abraço no Brizola. Fiquei velho. (...)



Fonte: Acervo pessoal do autor

Saí para uma caminhada pelas ruas. Meus Deus, aqui estava eu de novo, perambulando pela cidade. Olhei os rostos ao meu redor e sabia que o meu era como o deles. Rostos drenados de sangue, rostos tensos, preocupados, perdidos. Rostos como flores arrancadas de suas raízes e enfiadas num vaso bonito, as cores se esvaindo rapidamente. Eu tinha que sair daquela cidade. (Fante, 2015)

2.3 já estive no Brasil

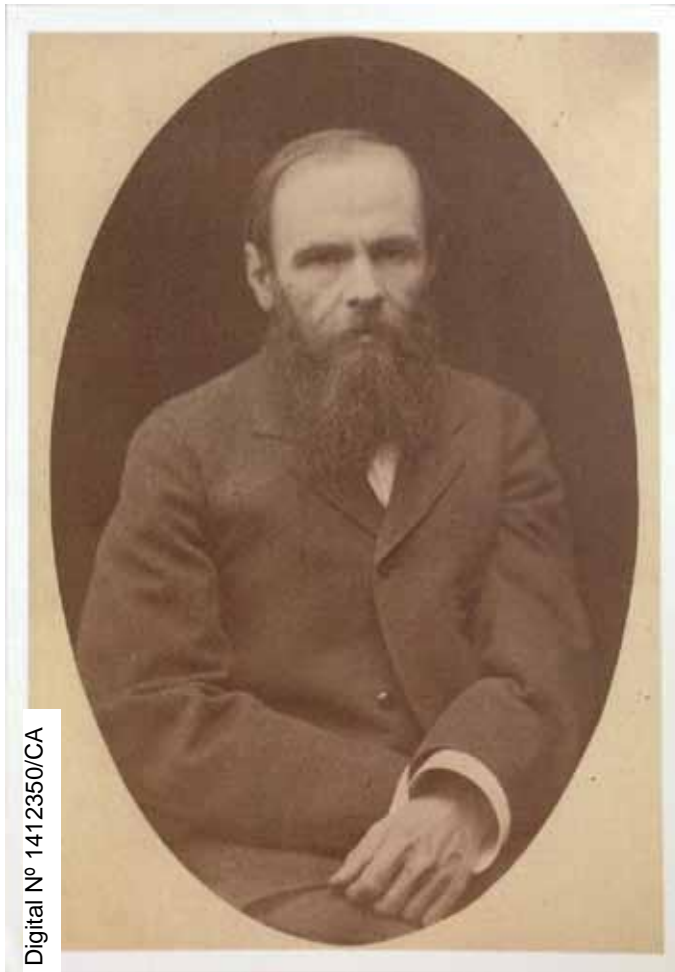


Fonte: Acervo pessoal do autor

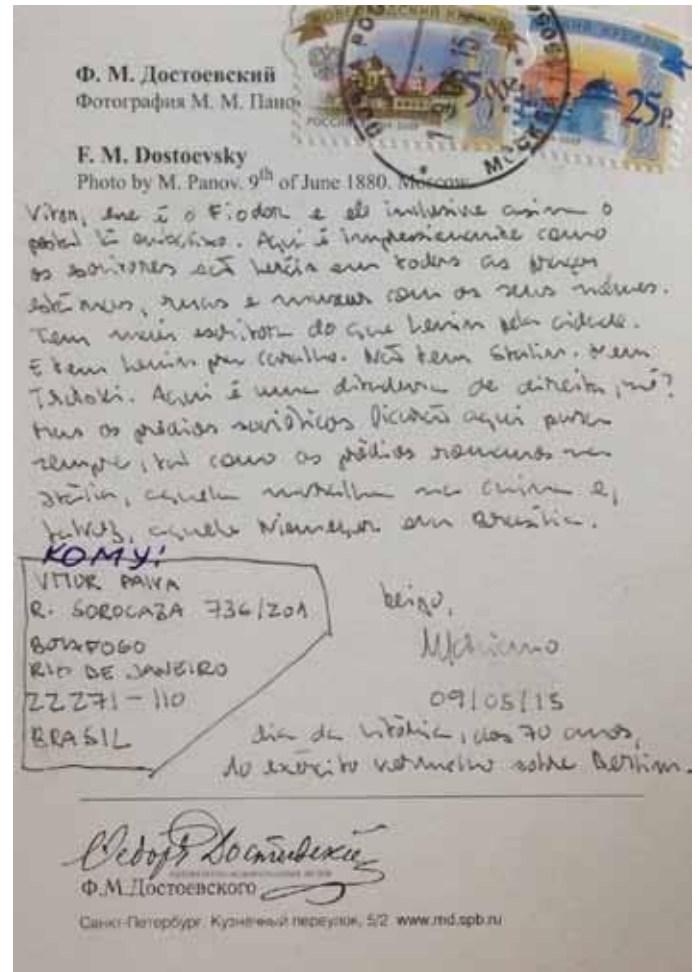
Ana e Vitor, amores,

Saltei na estação em Nagasaki, e um pai [com dois filhos e uma mulher] veio até mim: “Você é japonês?”. Dei um desconto porque eles eram húngaros. Estávamos todos procurando o hipocampo da bomba. Depois de um tempo ele me disse: “Brasil! Já estive no Brasil. Nossa, o Brasil é o oposto do Japão. Aqui é tudo muito organizado. Você deve estar completamente perdido nesse país”. Dei um sorriso e respondi: “I Know! It’s insane!!”. Tenho o aval de um húngaro em Nagasaki comprovando minha teoria, nós somos selvagens, Vítinho! A Ana não, Ana é nossa Princesa Isabel, só que mais bonita, lógico. Aqui é o ocidente do ocidente. Tudo que a França gostaria de ser. Nós somos outra coisa. Cada um maravilhoso na sua medida. Eles são elegantes, nós somos arrebatadores. Te amo. Beijos.

Tóquio, 26/01/15



Fonte: Acervo pessoal do autor



Vitor, esse é o Fiodor, e ele inclusive assinou o postal lá embaixo. Aqui é impressionante como os escritores estão em todas as praças, estátuas, ruas e museus com os seus nomes. Tem mais escritor do que Lenin pela cidade. E tem Lenin pra caralho. Não tem Stalin nem Trotski. Aqui é uma ditadura de direita, né? Mas os prédios soviéticos ficarão para sempre, tal como os prédios romanos na Itália, aquela muralha na China e, talvez, aquele Niemeyer em Brasília.

Beijo, Mariano

Moscú, 09/05/15

Dia da vitória, dos 70 anos, do exército vermelho sobre Berlim

2.4 o medo de fazer

Mi amigo,

Tenho um macete para me esquivar da procrastinação quando ela chega (pois sempre chega, afinal escrever é também não escrever): ler depoimentos de escritores/artistas sobre seus processos criativos. Isso de alguma forma me motiva a começar ou continuar algum projeto. Ao conseguir driblar a procrastinação eu consigo também não cair no abismo do bloqueio criativo. Portanto, bloqueio criativo, nunca comigo. Acho que principalmente porque trabalho com projetos de diferentes plataformas, então quando não consigo dar prosseguimento a algum trabalho literário, eu parto para continuar um outro de desenho, de teatro, de vídeo, e assim vai. Resumo: para mim, criar é uma constante, faço isso todos os dias, praticamente o tempo todo. Não sei estar no mundo de outra forma.

Digo isso pois estou em Salvador, cidade natal, encontrando com os amigos que estão por aqui e pensando nas diferenças de se produzir arte aqui e aí no Rio de Janeiro. Já sabemos e conversamos muito sobre a diferença de tempo entre a Bahia e o RJ, mas nunca falei da minha percepção de que essa disparidade temporal se desdobra em várias circunstâncias. Meus amigos criativos daqui deixam seus trabalhos mais expostos à degradação do tempo do que os camaradas daí. Isso, claro, não quer dizer que o trabalho seja pior ou melhor. Mas que a diferente exposição de tempo usada por esses artistas acaba por definir bastante a particularidade do trabalho.

Exemplo: Fazemos uma reunião para criação de um trabalho. Depois de muita conversa, muitos baseados, muitas cervejas, cada um vai pra casa com um dever. Nisso passam-se semanas até todos se reunirem novamente para mostrar o que produziram. Daí, até esse material ser refeito umas duas ou três ou quatro vezes e ser apresentado, pode levar meses ou anos.

Me lembro que levei cinco meses para filmar um curta-metragem por aqui. Não porque era um filme complexo, com locações difíceis de encontrar, ou planos complicados, mas porque essa demora já está no sistema criativo da cabeça dos artistas amigos daqui. Claro, essa não é uma regra, mas é como percebo uma maioria.

Muitos são os fatores que levam a isso. A própria natureza do baiano, as oportunidades de realização dos trabalhos artísticos daqui, a falta de espaços de exposição, divulgação, a falta de grupos ou públicos acostumados à produção artística de larga escala, etc., você não vai querer saber dessa ladainha. Acontece que assim é.

As vantagens é que aqui meus amigos levam mais tempo pensando e lapidando o trabalho e quando não chegam a desistir, têm em mãos um projeto bastante arranjado. As vantagens daí é que tendo mais possibilidade de soltar o trabalho no mundo é possível passar para um próximo. São modos diferentes de ir evoluindo.

A internet está aí para anarquizar esses modelos, mas ainda não conseguiu afetar o tempo da natureza (humana, inclusive).

É engraçado isso porque consigo ver em mim esses dois processos. O mais calmo, vagoroso e o mais urgente. Estou escrevendo um livro e o manuscrito já tem mais de 500 páginas que ninguém nunca viu nem um trecho. Enquanto isso escrevo e publico artigos no site do ORNITORRINCO assim que a ideia surge na minha cabeça. Após publicar o texto, acompanho ele ser compartilhado e comentado, e em menos de um dia já tem mais de mil leitores. Claro que a velocidade com que as coisas acontecem na internet é prazerosa e acaba incentivando o trabalho, mas a demora com que escrevo o livro secreto faz com que eu mude e reescreva até sentir uma intimidade com as palavras escritas. Quer dizer, se um projeto leva 9 meses em gestação é porque esse tempo é necessário para que ele crie pernas, braços e cabeça antes de nascer.

O importante, como venho dizendo para amigos o tempo todo, é não parar. Não importa que seja publicado hoje ou daqui a cinco anos, é preciso estar trabalhando sempre até que esse trabalho se torne natural. Eu vejo minha caneta como uma extensão do meu braço, e escrevo sem parar até que escrever seja como respirar. O trabalho tem que persistir porque o medo de fazer algo ruim deve ser menor do que o medo de não ter feito nada.

Gabriel Pardal

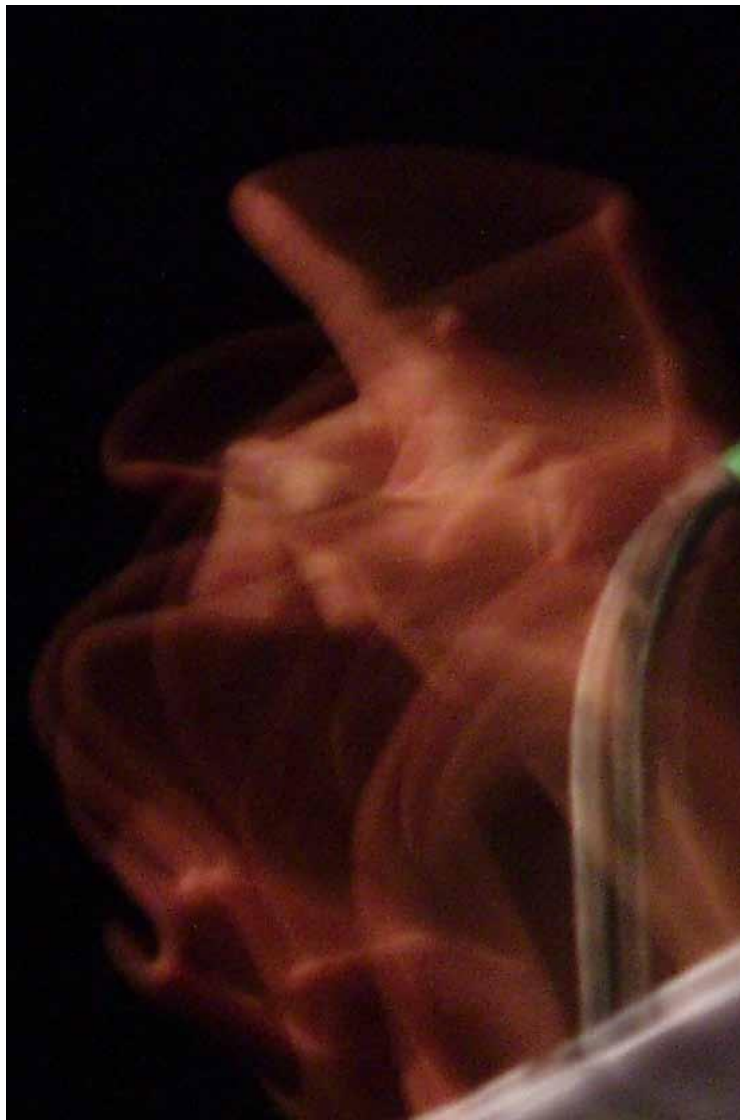
Salvador

15/03/2015



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412350/CA

Fonte: Acervo pessoal do autor



Fonte: Acervo pessoal do autor

1º de janeiro. Hoje percebo que o que eu escrevi ontem na verdade escrevi hoje: tudo que correspondia a 31 de dezembro escrevi no dia 1º de janeiro, isto é, hoje, e o que escrevi dia 30 de dezembro é o que escrevi dia 31, isto é, ontem. Na realidade, o que estou escrevendo hoje escrevo amanhã, que para mim será hoje e ontem, e também de certo modo amanhã: um dia invisível. Mas sem exagerar. (Bolaño, 2006).

2.5 nada a ver com nostalgia

Cuidamos desse velho século basicamente porque, apesar do mau humor e dos maus tratos, é um velho cheio das melhores histórias. É o velho que temos, que amamos – um pouco por sermos obrigados a amar - apesar dos comentários racistas e totalitários declarados nas festas familiares obrigatórias, que nos colocam em estado de absoluto paradoxo: como é possível que um vovozinho tão cheio de belas memórias, que lutou pelas mais importantes causas, e ainda relativamente jovem apesar do reumatismo, dos cabelos brancos e do rancor, como pode que esse vovô garoto seja também responsável (ou cúmplice) por nossas maiores ignorâncias?

Talvez fosse sintoma de senilidade, de estar gagá. Mas quem acredita que o eventual fascismo recreativo brote somente pelo efeito degenerativo do tempo? Quem não se pergunta se aquelas não sempre foram simplesmente suas verdadeiras ideias, enfim expostas, por impaciência ou desânimo para a manutenção do teatro de aparências?. “Eu estou com você em Rockland, onde abraçamos e beijamos os Estados Unidos sob nossas cobertas/ os Estados Unidos que não nos deixam dormir”, diz Allen Ginsberg para Carl Solomon na terceira parte do Uivo. Vale lembrar, com ironia e medo, que Solomon, para quem o poema é dedicado, é o amigo que Ginsberg conheceu no hospício – Rockland - de onde eles beijam e abraçam seus delírios de grandeza indigente.

Mari, me entenda: é claro que politicamente, filosoficamente e historicamente eu compartilho de seu compromisso de rejeição ao século que passou – até mesmo e principalmente por isso, por ser passado. Mas no fundo do meu coração – amor bandido, lembre-se – eu me sinto obrigado a confessar que resta o efeito de um charme único, definidor, que parece ter se dissipado no tempo. Nada a ver com nostalgia; é uma coisa que toca as vísceras, embrulha o estômago, faz vomitar e bole com o fígado, rins, pulmões e intestinos, aí o descontrole é geral. Caganeira certa, com o perdão da palavra. É um treco que dói, mas que faz falta.

Sabemos, como nos diz o velho Mário, que a própria dor é felicidade, e é definitivamente disso que estou falando. Ainda que, para a felicidade inconsciente do homem qualquer dor seja empecilho, pra nós não, pois por nossa sensibilidade exagerada, a dor principia, a dor se verifica, a dor nos faz sofrer, a dor acaba, a dor permanece na sua ação benéfica histórica moral, a dor é um dado de conhecimento,

a dor é uma compreensão normalizante da vida, a própria dor é uma felicidade. Sinto-me mais pobre, destripado de uma célula – você dirá mais rico. E eu concordarei: é mais rico, mas não é como me sinto – e o que existe mais, afinal? O que dizemos que é, ou o que sentimos?

Teve um Café de Terça recente em que você comentou sobre a Antropofagia Andradiana funcionar de maneira análoga ou idêntica ao capitalismo. Não lembro se você chegou a se aprofundar, mas isso ficou aqui, em mim. Em troca do seu aprofundamento te ofereço minha tese de que o Nikita Krushev é um dos pais do movimento punk. Topa? Vale a troca? Mas não pense que esse parágrafo é uma tergiversada fugidia, uma mudança de assunto providencial, uma curva fora da curva. Não, o papo segue, reto e ereto: como não amar um século em que é possível pensar sequer em tais conjugações? Em que outro assunto tais analogias seriam possíveis? Antropofagia X Capitalismo. Krushev X Punk – além do século XX, só mesmo dentro do campo da canção, em que opostos que nem sabíamos possíveis se atraem e se complementam com mil vezes mais intensidade do que no amor.

E nada é mais século XX do que a canção, seu produto mais forte, seu substrato essencial que, sob meus óculos, é aquilo de mais especial que o século XX expeliu. E nem estou tanto assim puxando sardinha pro meu lado, pois se fosse para ser visceralmente honesto - se estivéssemos em uma mesa de bar - diria que mais do que a canção, o produto mais forte do século XX é a canção de rock (Lembra? Aquele fenômeno sócio-cultural que se deu do fim dos anos 1950 até meados dos anos 1990, e que está feito Jesus, sempre nos ameaçando com seu eterno retorno – com a violenta vantagem de que, diferentemente do profeta, o rock de fato já foi e voltou diante dos olhos de todo mundo, se repetindo como diferença. E sim, estou falando sério quando digo que essa é a grande coisa desse século. Ha! Como diria a Manô Miklos, maior que o London Calling, do Clash? Nem o sol. London Calling to the underworld/ Come out of the cupboard/ You boys and girls. Que parêntese longo!). Espero uma resposta honesta sua, e não me chame de retrógrado, por favor. Sou benjaminiano e pós-moderno, graças a deus – e eis o único assunto melhor que o século XX: religião. Tem coragem de retomar nosso embate? (risos). Se a Antropofagia é análoga ao capitalismo, o capitalismo é análogo justamente à religião. E, que fique claro, em nome da lenha na fogueira: não estou falando só da religião institucionalizada não. O capitalismo é análogo ao misticismo de maneira geral. Aguardo. (...)



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412350/CA

Fonte: Acervo pessoal do autor

Rio, 07 de junho de 2015

Marovina,

Desde que ouvi você despretensiosamente (até parece) lançar a máxima da onde me sinto confortavelmente obrigado a iniciar essa missiva, soube que esse seria o ponto de partida de uma escrita nossa – e não precisei sequer anotar para não esquecer. Meses se passaram, fermentando a provocação, que de repente se acendeu nessa madrugada de quando falo. Aqui vamos nós.

Sim, vou ignorar seus cartões postais um pouquinho, porque são quatro horas de manhã, e essa carta não para de se escrever. Não teve jeito. Caminhávamos pela Gávea, se bem me lembro (mas poderia, e pode, ser pela Mena Barreto ou pela Sorocaba – o destino era um só) e você complementou um fiapo qualquer do eterno papo sobre o eterno tópico, dizendo: o negócio é que a gente não é brasileiro, né? Na verdade a gente é tropicalista. Brecamos os dois, mesmo sem cessar o movimento. Gargalhamos, arregalamos-nos, comemoramos vaidosamente a afirmação – talvez tenha até comentado que escreveria pra você sobre isso – sempre seguindo. O fato é que aceitei ali esse ponto de partida como um desafio – cunhado por você, mas determinado como tal por mim, um desafio do seu inconsciente ao meu, do nosso aos nossos, um enigma, um problemão.

Em primeiro lugar, me solto à vontade, nessa carta, em assumir o próprio Caetano como assunto inevitável, ao menos aqui sem constrangimento, preocupação ou qualquer artificialidade que nos desviasse desse amor e influência quase instintivos, tamanha a naturalidade dessa presença, quase como de fato um símbolo, algo que nos significa para além de uma opinião (é claro que não perderei tempo justificando o protagonismo do artista na big picture da cultura brasileira. Estou falando disso, sim, mas em seu efeito íntimo e pessoal em cada um de nós, a partir de algo solidificado, e naquilo que tomamos disso como uma afirmação pessoal e/ou coletiva, feito dar um jeito de transformar algo tão óbvio, aceito, reproduzido e reafirmado quanto amar os Beatles, o próprio Caetano, em um diferencial, potencialmente subversivo, especificador, pontual, exclusivo, etc...).

Outro ponto pacífico, ainda que contraditório a essa última afirmação, é o entendimento de que, se por um lado identidade é prisão, por outro, identificação é amor. Amor é identificação. Em outras cartas, quando me vi compelido – quase obrigado – a citar Caetano, o tropicalismo ou outros tropicalistas, o fiz levemente

constrangido, como se pedindo licença ou desculpas. Essa onipresença parecia imediatamente tornar as citações ou argumentações eventuais menos contundentes, menos originais, menos interessantes, mais óbvias. Apesar disso, não deixei de fazer, por isso, nenhuma dessas colocações ou citações – e esse foi e é o ponto onde a identificação, via os seus quatro olhos sobre os meus, afirmou o amor entre nós, entre nosso grupo de amigos, de mim para Caetano, de nós para os tropicalistas. Comentei sobre esse desconforto, hoje mesmo, e você, com a mesma tranquilidade desprovida de armas intelectuais (e por isso mais quente, talvez mais forte, a felicidade é uma arma quente, calorosa - uma arma afetiva) me disse: mas é isso mesmo, né? Não tem jeito. Não tem como não ser assim. Entendi, de maneira simples e direta, um incentivo à honestidade, à franqueza como algo mais forte do que uma eventual – e artificial – originalidade programada, que por isso acabaria sendo automaticamente mais frágil, mais fria, menos contundente. Me identifiquei. Amor é isso.

Tive a impressão agora de que esses primeiros parágrafos, que me pareceram, enquanto os escrevia, digressões introdutórias, já são parte do assunto, do gesto de mergulhar no enigma. É porque somos tropicalistas, e não brasileiros, que identidade é amor. Gil, naquele filme sobre a reunião dos Doces Bárbaros, comentando, se bem me lembro, alguma declaração elogiosa sua à Sandy, se vale de uma frase de Andy Warhol sobre o Pop, na qual Warhol diz que “Pop é gostar das coisas” para explicar sua posição sobre a arte de Sandy, e assim praticar algo que considera uma premissa tropicalista essencial. Ele estava “defendendo” a arte de Sandy porque queria; por simplesmente desejar algo popular, por querer gostar dela e pronto. Por desejar desejar. Temos aqui uma pequena coleção contraditória que nos serve, se conseguirmos nos desembaraçar desse parágrafo, para pensarmos esse papo de identidade e amor.

A parte sobre amar o que se verdadeiramente é ser uma força tropicalista é fácil de compreender – ainda que não seja premissa exclusiva desse movimento, um dos aspectos mais herdados diretamente do modernismo paulista dos 20 -, e ainda mais de permitir essa identificação, a fim de que isso que somos possa ser utilizado como força, e não recalque. E aí o amor como definição também passa a permitir, a conter, o ódio, a mudança, a negação, o questionamento, o repúdio, se for o caso. Amor como força afetiva mais livre – como força identitária fora de uma hierarquia clara e redutora.

Há, contudo, na frase de Warhol – e no deslocamento proposto sobre ela por Gil – uma sugestão, um cheiro de ausência de posicionamento crítico (em favorecimento do quê? É uma dúvida mesmo) que intuitivamente me angustia, para dizer o mínimo. Se me parece evidente e libertária a ideia de que não é possível nem se deve mensurar com precisão ou pretensão científica a qualidade de uma produção artística, não me parece honesto e nem me agrada a ideia de que essa impossibilidade – ou essa força libertária – tragam, como exigência ou consequência, a mínima ausência de posicionamento crítico sobre o que ouvimos, vemos, assistimos, vivemos – e sobre o efeito dessas coisas e causas.

No caso de Warhol, a força do mercado, que tudo define nos EUA – até, e principalmente, questões estéticas – e a escolha por essa influência mercadológica e sua influência no que elas têm de mais rasteiro, banal, cotidiano, traveste perfeitamente o aspecto crítico – apocalíptico, cínico – que a Pop Art possui – talvez principalmente em Warhol – nessa leveza diáfana e pueril da falta de aspecto político. Não estou querendo exigir de Gil uma posição contrária sobre Sandy, nem tentando apontar demagogia, hipocrisia, falsidade ou incoerência em sua fala. Acredito sinceramente em seu apreço. O que me angustia é a impressão de que esse apreço se dá por mero decreto afetivo, pela oposição esvaziada, feito um apaixonamento, despido de reflexão – como se tal nudez fosse possível, ou simplesmente de ocasião. (...)

Rio, 30/06/15

Pardal,

Hemingway escrevia de pé. E pela manhã. De ressaca ou não, se estivesse na produção de um livro, todo dia se postava diante de sua máquina, elevada à altura de seu peito, e batucava as teclas – e por um curto período de tempo, pois “o melhor é parar sempre quando o negócio está saindo bem e você sabe o que irá acontecer a seguir. Se você fizer isso todos os dias, quando está escrevendo um romance, nunca ficará engasgado num beco sem saída”. (me fez pensar que isso é uma coisa bem de americano: achar que saber o que vai acontecer, ter o controle, é algo necessariamente bom – e que não saber é um ‘beco sem saída’. Diz o português Gonçalo Tavares que escreve para descobrir sobre o que está escrevendo).

Enquanto isso, Graciliano nunca quis publicar nada, tinha vergonha da maioria dos seus escritos – e de enfrentar o reconhecimento de seu talento – e, mesmo na cadeia, só topou publicar um novo livro pela sobrevivência sua e principalmente de sua mulher. Eu hoje mais cedo escrevi sentado, forçando a vista e fumando contra o fim de tarde pois a lâmpada da sala da minha casa queimou. As lâmpadas na minha casa queimam com frequência impressionante. Tanto que já passei da fase de ver isso como metáfora ou símbolo, e hoje simplesmente entendo que a parte elétrica de um prédio velho é sempre uma porcarias. Nesse instante escrevo deitado.

Já me perguntei (nos perguntamos) algumas vezes se a grande diferença entre a cena literária do Rio de Janeiro – e quando digo “Rio”, estou mais me referindo à zona sul e certos grupos de escritores que cá habitam, você sabe bem – e outras cenas brasileiras, mais quentes, mais relevantes, não é justa e simplesmente essa coragem de dar a cara a tapa que tanto nos falta, mesmo que seja para errar, publicar porcarias, se arrepender, mas fazer a roda girar, mantendo a dignidade de um ofício em funcionamento. Talvez isso, essa despreocupação irresponsável, essa reputação literária a lesar, seja mais importante do que alcançar o “o grande romance brasileiro” – se é que o grande romance brasileiro ainda é possível. Essa ideia de “O” grande romance é também totalmente norte-americana (“The Great American Novel”), mas como abri essa carta citando Hemingway com intimidade de boteco, como se fosse um Guimarães Rosa, um João do Rio ou um Lima Barreto – como se fosse parte da nossa mitologia (e é) – me senti à vontade para impor e

naturalizar também essa apropriação.

Digo tudo isso pois a última frase de sua carta – feita para ser memorável, cá entre nós, puro truque, maravilhoso truque, grande frase, na mosca, para escrever na camiseta – foi a que ficou em mim, sem que eu precisasse retornar ao papel para transcreve-la aqui de cabeça: o trabalho tem que persistir porque o medo de fazer algo ruim deve ser menor do que o medo de não ter feito nada. Ela certamente resume uma porção de coisas – ou responde uma porção de poréns que levantamos sobre a cena cultural carioca. Tento desvendar esse dilema, o do não fazer X fazer simplesmente, e cada vez que o olho pra percebo que há nele mais buracos do que imaginamos.

Penso na preguiça, na procrastinação, no prazer e na prisão do ócio, no fato da Rede Globo ser no Rio

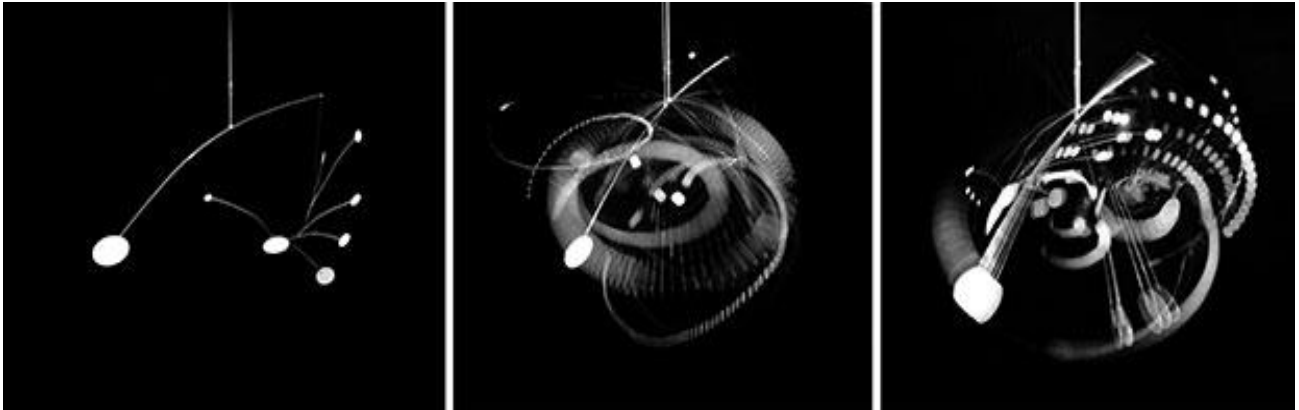
- e de sermos de certa forma obrigados a nos guiar pela ofuscante claridade de seus ferozes projetores, como aponta o Didi Huberman no texto sobre o Pasolini, e então de que tudo, mesmo as coisas mais naturais, aquelas que antes dizíamos ser parte de nossa identidade, passam a se dar como mero jogo de sombras dessa luz, no sentido de, ou ser o maior ou não ser nada, e tudo então se torna nada por fim - e estarmos educados a não se importar com nada nem ninguém, na própria desesperança de se fazer ouvir, de viver disso, na desesperança de talvez ninguém jamais ter sido ouvido da forma que imaginam nossas vãs ilusões, nossos coraçõezinhos miúdos, massacrados de século, na praia, no sol, no sexo, no óbvio, e me canso de chorar, escondido, por qualquer tristíssimo refrão. Os vaga-lumes desapareceram todos ou eles sobrevivem apesar de tudo?

Quero crer que sobrevivem, apesar de e por causa de tudo. Se o lance é a defesa dos espaços de debate, das formas políticas e contra a indiferença cultural, a barbárie e a apatia podem servir de combustível para as bundinhas em chamas dos vaga-lumes, não? Porém, esse jogo de sombras se impõe com violência inclemente, através de um aparentemente doce e doméstico paradoxo exemplar: o alívio por não sermos alvo desses refletores, e a tristeza, o quase desespero, pelo mesmo motivo, por estarmos nessa sombra de tudo (pois é claro que não falo somente da Rede Globo, ainda que pouca coisa ainda pareça existir fora desse “conceito”, desse modo de operar. Ainda que o canal 4 em si esteja cada vez mais aparentemente falido, seu modo de produção, o sonho de ser escolhido, o último escolhido por um antigo meio ainda parece prevalecer em cada passo). Ter a opção de abandonar os novos sonhos

pela promessa de ser o último agraciado pela plenitude que os antigos sonhos nos ofereciam, e que agora, moribundos, cobram cada vez mais almas pelas suas últimas dentadas. Mas não estávamos falando de literatura? Como se ainda fosse possível falar de literatura.

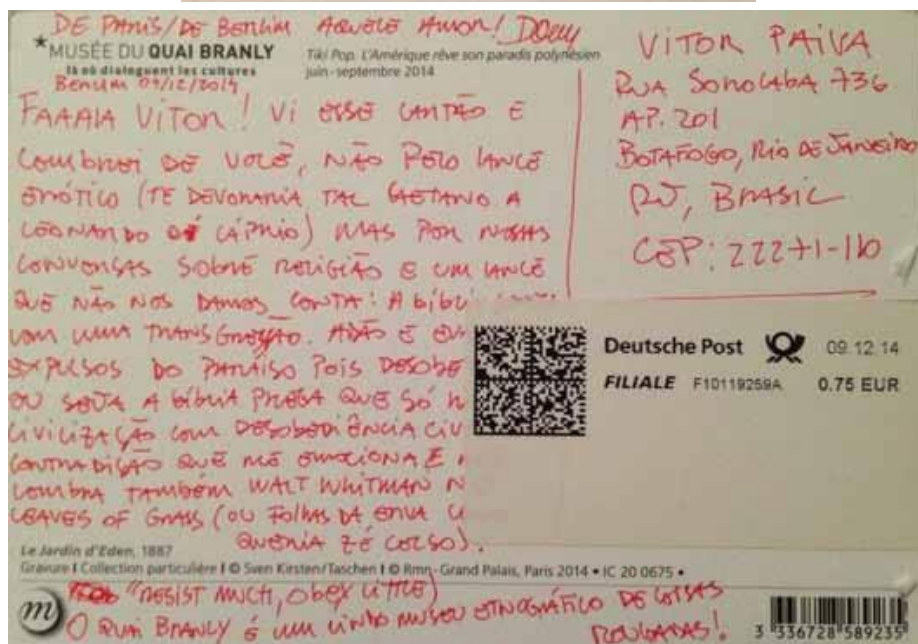
Sei que você se lembra bem do sofrimento que foi, durante a jornada de junho de 2013, tentar publicar ou mesmo escrever um texto sobre as manifestações, alcançar o fim de um texto, o tempo de publica-lo, diante da enxurrada de outros textos, posts, tweets, gritos, e-mails e telefonemas que atualizavam e deslocavam nossa rota reflexiva, do silêncio necessário para se conseguir pensar sobre – mesmo que não possamos, como era o caso, nos dar ao luxo desse tempo ser maior do que alguns minutos. Pois nem isso tínhamos: eram segundos, e a reflexão desaparecia ou se tornava obsoleta (muitas vezes era tão pouco tempo de silêncio para se agarrar, que não havia sequer matéria para ser superada em grande parte do tempo, somente uma névoa de confusão e excesso de informação, sem alma).

Sinto, contudo, um certo mofo na ideia de velocidade como sinônimo ou símbolo de atualização, do contemporâneo, da modernidade – estamos, afinal, usando essa associação desde a revolução industrial. Por isso, tenho certeza que o que me fazia sofrer e me paralisava não era a velocidade do acesso, mas sim o excesso de acesso quase que irrestrito a tudo – fatos, matérias, textos, a quantidade de opinião emitida – sobre a noção – corpórea, muscular, intelectual, olfativa, visual - de estar vivendo uma experiência com E maiúsculo. É hoje tão essencial a velocidade atrelada à questão do acesso e disseminação de informação/conteúdo, que tal questão me parece superada enquanto força discursiva – o que me leva a pensar que, de alguma forma, o futuro da tecnologia, e digo tecnologia não só pelo seu aspecto funcional ou ergonômico, mas como uma nova filosofia, esse futuro está ligado, de alguma forma, à uma maior lentidão; ao luxo de poder ser lento, calmo, reflexivo, cuidadoso, e também ao luxo de poder desperdiçar o tempo, ao invés de correr atrás dele. Resolva esse dilema e ganhe um milhão de dólares – ou de horas. (...)



Fonte: <http://www.calder.org/>

Não há aqui desejo algum, exceto o desejo de criar escalas e harmonias de movimentos desconhecidos. (Jean-Paul Sartre, “Les Mobiles de Calder,” Alexander Calder: Mobiles, Stables, Constellations, exh. cat. (Paris: Galerie Louis Carré, 1946), 9–19. [Tradução do autor])



Fonte: Acervo pessoal do autor

Berlim, 03/12/2014

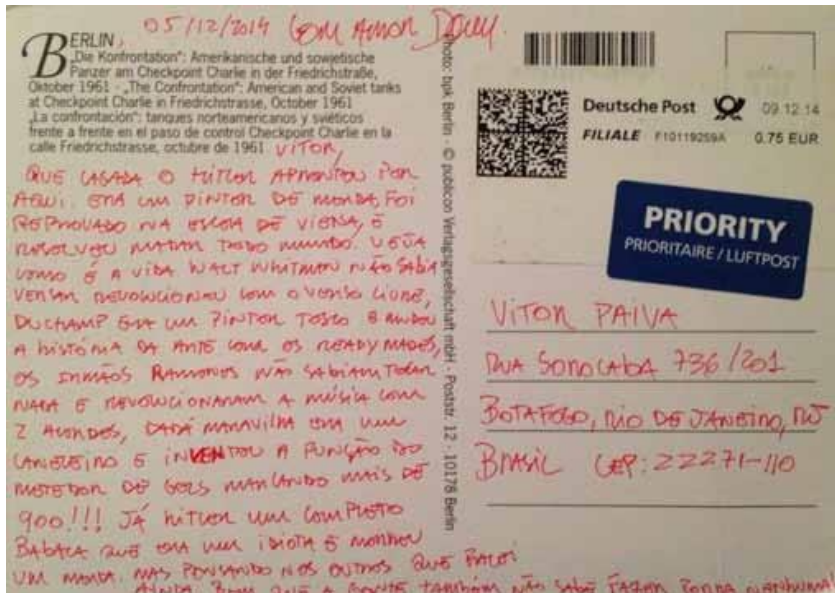
Faaala Vitor! Vi esse cartão e lembrei de você, não pelo lance erótico (te devoraria tal Caetano a Leonardo Di Caprio) mas por nossas conversas sobre religião e um lance que não nos damos conta: a bíblia começa com uma transgressão. Adão e Eva são expulsos do paraíso pois desobedecem. Ou seja a

bíblia prega que só há civilização com desobediência civil. Uma contradição que me emociona e me lembra também Walt Whitman no Leaves of Grass (ou Folhas da Erva, como queria o Zé Celso):

“Resist much, obey little”

O Quai Branly é um lindo museu etnográfico de coisas roubadas!

De Paris/ De Berlim Aquele amor Dom



Fonte: Acervo pessoal do autor

Vitor,

Que cagada o Hitler aprontou por aqui. Era um pintor de merda, foi reprovado na escola de Viena, e resolveu matar todo mundo. Veja como é a vida. Walt Whitman não sabia versar e revolucionou com o verso livre, Duchamp era um pintor tosco e mudou a história da arte com os ready made, os irmãos Ramones não sabiam tocar nada e revolucionaram a música com 2 acordes, Dada Maravilha era um caneleiro e inventou a função do metedor de gols marcando mais de 900!!! Já Hitler era um completo babaca que era um idiota e morreu um merda. Mas pensando nos outros que falei, ainda bem que a gente não sabe fazer porra nenhuma.

05/12/2014
 Com amor, Dom

2.6 um movimento é um sentimento

O Didi-Huberman conta que um dia perguntaram ao Pasolini se, enquanto artista de esquerda, ele tinha nostalgia dos tempos brechtianos ou da literatura “engajada” à francesa, Pasolini respondeu nesses termos: “Absolutamente. Tenho apenas a nostalgia das pessoas pobres e verdadeiras que lutavam para derrubar o patrão, mas sem querer com isso tomar o seu lugar.” Uma maneira anarquista, ao que tudo indica, de desconectar a resistência política de uma simples organização de partido. Uma maneira de não conceber a emancipação segundo o modelo único de uma ascensão à riqueza e ao poder. Há sim um tanto de romantismo utópico, de esperança Século XX que as coisas possam ser mais do que a mera luta para acumular um tiquito além de dinheiro do que nossas contas exigem, e assim poder tomar nossa cerveja em paz. Se o valor da experiência caiu de cotação, mas cabe somente a nós, em cada situação particular, erguer essa queda à dignidade, à “nova beleza” de uma coreografia, de uma invenção de formas. Não assume a imagem, em sua própria fragilidade, em sua intermitência de vaga-lume, a mesma potência, cada vez que ela nos mostra sua capacidade de reaparecer, de sobreviver?

Desculpe se fui longe demais (risos), mas me lembrei de nossa entrevista, para o Ornitorrinco com o Daniel Cohn-Bendit. Tem um monte de coisa bonita ali, que pode ajudar a iluminar (vagalumes!) esse nosso eterno papo. Algumas ficaram na minha cabeça pra sempre e, como sua frase final, posso cita-las aqui de memória: a ideia de que os jovens se revoltam porque querem ter esperanças. Esse parece ser o espírito da coisa, tanto no que há de otimista quanto de apocalíptica nessa frase (pois que bonito é se revoltar para ter esperanças de algo que nem sabemos o que é mas que sabemos que há de ser diferente do que temos aqui, e ao mesmo tempo pouca coisa pode ser mais triste do que desejar esperanças sobre mudanças que nem sabemos direito quais são, mas que não de ser melhores pois quase qualquer coisa será). Pois, como Dani, le rouge mesmo nos disse, “um movimento é um sentimento. Depois, como isso vai continuar é um outro problema. Primeiro, é preciso que ele emerja”. De qualquer forma, convoquemos o Oswald para nos lembrar que a felicidade do homem é uma felicidade guerreira, e isso é um troço sempre difícil. Viva a rapaziada! O Gênio é uma grande besteira. “Viva a rapaziada” é o viva mais bonito possível. Como diz o Didi, Somos “pobres em experiência”?

Façamos dessa mesma pobreza - dessa semiescuridão - uma experiência. Ir atrás do Cohn- Bendit, convida-lo a nos encontrar – e ele aceitar – sentar com ele, conversar por duas horas, transformar isso num documento do qual me orgulho especialmente, foi um negócio pequeno, talvez, porém bastante bonito de se viver – bastante grande pra nós. Assim como sempre foi, e ainda é, o nosso Ornitorrinco. Agora nos resta sacar esse sentimento, e deixa-lo sorrir, não é?

Tudo bem por aí? Tudo bem até aqui?

Beijos

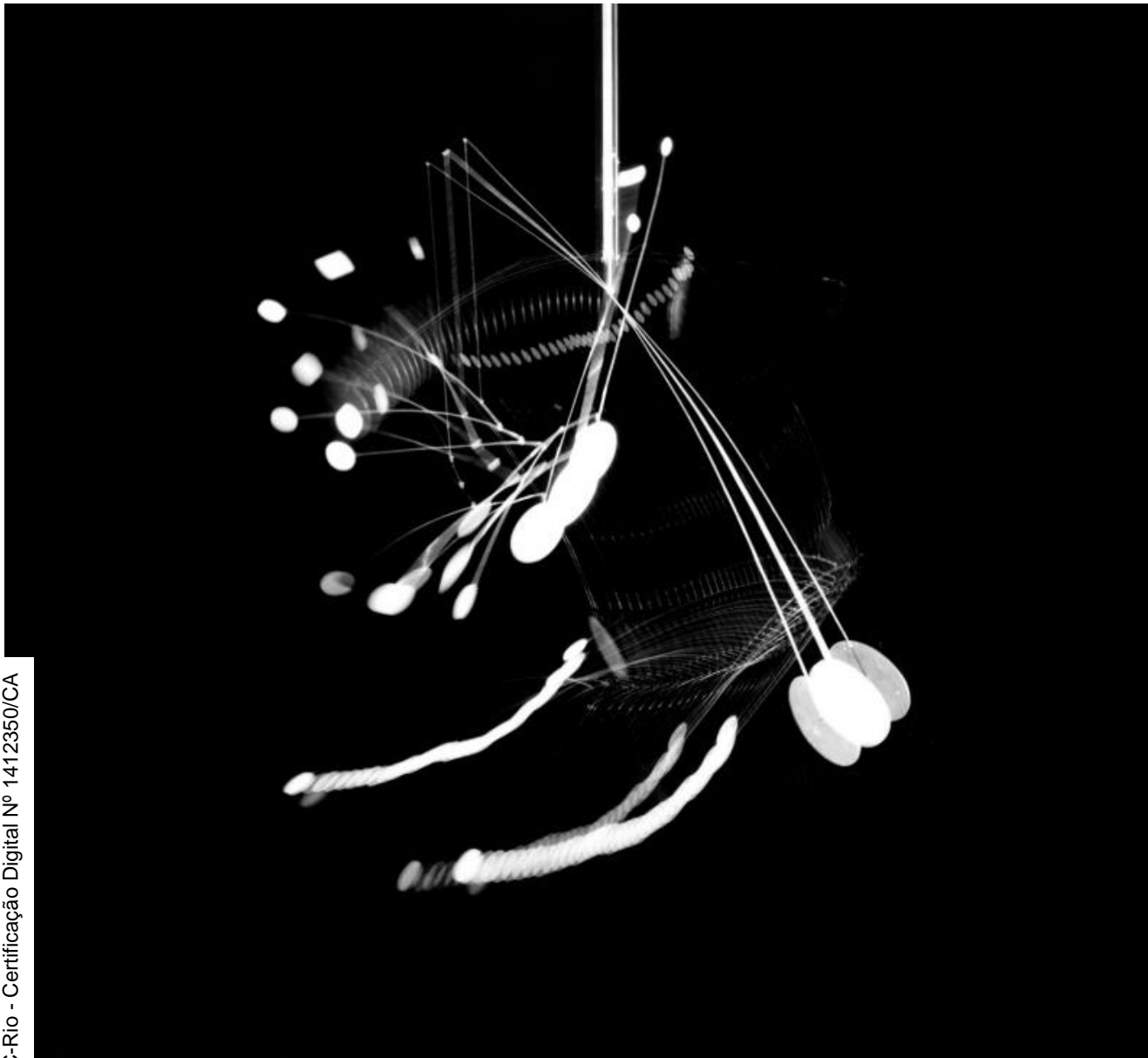
Vitor

VITOR: Você escreveu um livro chamado *Forget 68*. Por que você acha que continuamos a lembrar de Maio de 68 como esse evento mitológico?

COHN-BENDIT: Porque 1968 é o mito de que um movimento popular pode ter esperanças de transformar a sociedade. É o grande mito. E, efetivamente, nós perdemos politicamente, pois De Gaulle depois ganhou a eleição, mas ganhamos socialmente, pois foi o início de uma grande mudança na sociedade, em que cada pessoa, cada indivíduo, passou a poder alcançar mais e mais autonomia. Depois de 68 vieram o movimento feminista, homossexual, ecológico. Esses movimentos não foram pensados em 68, mas nós mudamos a sociedade ao exigir que vivêssemos do nosso jeito. Nenhum estado, nenhuma religião pode dizer como nós devemos viver. E esse tipo de liberdade se tornou um pouco real depois dos anos 1960.

VITOR: Naquela sua entrevista que Jean-Paul Sartre fez com você em maio de 68, há uma citação muito bonita em que Sartre diz: “Existe algo que surgiu de vocês que assombra, que transforma, que renega tudo o que fez de nossa sociedade o que ela é. Trata-se do que eu chamaria de expansão do campo do possível. Não renunciem a isso”. Em que direção você acha que deveríamos expandir esse campo do possível hoje em dia?

COHN-BENDIT: Sartre disse isso, e depois me perguntou se na França estava acontecendo uma revolução. Hoje acho que respondi muito bem, dizendo que sim, mas não como uma revolução tradicional. Não houve uma noite em que tomaríamos o poder. Revolução é um longo processo de mudanças das coisas. E voltando ao livro *Forget 68*, a questão é que o que é necessário ou possível hoje em dia é muito diferente do que era nos anos 1960. (...) Uma das grandes questões da democracia hoje – e isso é uma expansão do campo do possível – é: como fazer a sociedade ser responsável pelo que acontecerá em 30 anos?



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412350/CA

Fonte: <http://www.calder.org/>

Primeiro temos uma redução de volumes para contornar linhas - uma espécie de caligrafia em arame - que oferece um campo mais livre para a fantasia, mas, ao mesmo tempo, afirma uma ênfase mais forte no que é essencial. Depois, um interesse crescente nas bases da organização plástica - contrastes de texturas, cores primárias, ritmos simples. Finalmente, uma nova fusão desses elementos em formas interessantes - não tanto por seu caráter representativo, mas por elas mesmas. (James Johnson Sweeney, "Mobiles" por Alexander Calder, catálogo da exposição (Nova Iorque: Galeria Pierre Matisse, 1934)).

2.7 uma resposta propositalmente mais falha

Mas o que é que quero te perguntar afinal, Mari? Reli o parágrafo anterior, e me percebi defendendo a antropofagia dessa analogia com o capitalismo – como se a antropofagia precisasse de salvação. Já posso ouvir a multidão entoando o sambão: “Não deixe o Oswald morrer/ Não deixe o Oswald acabar...”. É curiosa a necessidade de defesa que instintivamente me tomou. E quis entender da onde isso veio – ainda que evidentemente essa sensação seja prima irmã da que confessa o amor pelo século passado, isso é evidente.

Caminhei pela casa, à procura de uma pergunta para minha resposta, fumei três cigarros e de repente me vi como que tomado por um transe, como se desse de cara com uma parede invisível: estava dentro da memória de quando viemos aqui para minha casa, redigir a carta de resposta do Botika e da Ana Maria ao Eduardo Paes, no dia seguinte – ou dois dias depois? Três? – à agressão do prefeito contra os dois. Era possível caminhar dentro da cena, como se invadissem o filme, entre o Botika, Ana Maria, Miguel Jost, Pedro Rocha, eu, você, Pedrinho e Tom Tom, que dormia em berço esplêndido – esqueci alguém?

Tudo é ainda bastante nebuloso e emocional, visceral. Nos ver ali sem ser visto, gestos em excesso, todos falando e fumando alto, já roucos, tentando domar o indomável. O fato é que era preciso uma resposta, rápida, contundente e eficiente. Escrevemos uma carta, confirmando a intenção e a natureza política de todo o ocorrido – desde a interrupção do Botika, perguntando se o prefeito era mesmo o prefeito, até o xingamento que levou à agressão, após Eduardo Paes responder que ele não era ele, mas sim César Maia. Tudo foi definido como atos políticos, em reação a uma administração asfixiante, elitista, mercantilista e autoritária – a mais absoluta verdade, a propósito. A carta foi escrita em uma noite a tantas mãos que a noite correu até quase a manhã do dia seguinte. Seria lida naquele mesmo dia, se não me falha a memória, diante de microfones e câmeras de TV, em frente à delegacia na qual retirariam a queixa contra Eduardo Paes.

Botika e Ana Maria traziam o mundo em brasas sob os ombros, e não queriam menos do que um gesto redentor, que revelaria “A” parada para todos os olhos e ouvidos. Natural que o desejo fosse assim, diante de uma ferida ainda tão aberta – e de um crime tão asqueroso e abominavelmente justificado pelo prefeito

da cidade, alegando que deu um soco no nosso amigo por ter sido desrespeitado “diante de sua mulher”, para imediatamente se transformar em herói dos boçais (gesto político genial, ainda que diabólico, diga-se de passagem - e que deveria se tornar simbólico, diante da primavera das mulheres e da reafirmação do feminismo que estava por vir, e ainda mais pelo fato de hoje em dia o prefeito apoiar um agressor de mulheres como seu sucessor). Nós, ao redor, tentávamos tornar funcional, possível, legível, cabível e efetivo aquela fúria desejanse que, tendo nossos dois amigos amados como sol, nos queimava.

E então, diante do Botika – de pé, recostado no piano, escutando o Pedro Rocha, que tentava vencer a massa de vozes que se sobrepunha sempre, com a doçura ácida de poeta que lhe é peculiar – olhando ele nos olhos, como se ele fosse um holograma do Bioy Casares, foi que enfim entendi a pergunta que não fiz: por que não respondemos àquele horror como artistas? Não tenho certeza exata do que estou falando, de qual seria a proposta possível – ler um poema? Fazer uma performance? Tocar uma canção? Uma encenação beckettiano? Brechtiana? As Bachianas? Tudo ao mesmo tempo parece tão bobo – mas tenho convicção de que nisso o Botika, mais do que todos nós, seria mais forte. Uma resposta propositalmente mais falha, menos objetiva, mais assumidamente encenada, com o nariz mais empinado, menos subserviente – como alguém que não se submete à língua inglesa, escolhendo o português ou o espanhol em um palco internacional. Ele que se esforçasse para nos compreender. É claro que estaríamos escolhendo a contundência profunda, porém absolutamente diluída e ineficaz da poesia em detrimento da eficácia absoluta, porém completamente rasa da política. Mas estaríamos ao menos jogando em casa. O ponto que tive certeza, conforme reví o Miguel pedindo silêncio a todos para dizer que a carta não estava boa, mas que o sol insistia em nascer e tínhamos que dar a reunião por encerrada, era esse, de que deveríamos ter respondido como artistas e não como políticos – deveríamos ter jogado no único campo em que somos mais fortes do que eles. Mas não me arrependo de nada, e acho que fizemos lindamente o nosso melhor. Essa revisão é somente o amor e o desejo irrefreáveis - e a maldita mania de não parar de pensar; de jamais esquecer.

De dentro do Cidade Ocupada na estante era possível escutar a voz do Ericson, berrando que “qualquer coisa pode ser transformada e apropriada pela ação da arte”, numa “ressemantização dos possíveis circuitos nos quais se deseja agir e

atuar”. Quero dizer, ouvindo Pires gritar: não nos perguntamos para quem gostaríamos de falar – para quem mandaríamos uma mensagem, sempre cifrada como todas são, a fim de que o enigma pudesse ser desvendado, e a valiosa informação, transmitida feito um vírus, que não se vê mas se percebe.

Então, passado o transe, quando os hologramas de Bioy Casares se dissiparam em nuvem, foi que entendi meu impulso de defender a antropofagia em sua fala: para além de todos os problemas que a coisa evidentemente tinha e tem, é lindo o gesto de tentar resolver o Brasil através da arte, de se pôr a disposição de morrer – no sentido de viver – por essa causa, coisa essa que hoje funciona como incentivo maior e ao mesmo tempo sombra absoluta. A única verdade e a mais pura mentira. Vestígios férteis e inférteis, num perfeito amor de pica, que quando bate, fica. Malditos modernistas, que não nos deixam nem mentir em paz (e que, claro, tinham também um projeto de poder cultural mero e vaidoso atuando ao lado dessa causa).

A menção à Invenção de Morel – utilizada mais pela livre associação da memória do que por um sentido simbólico mais profundo - pode, é claro, como sempre, como não poderia deixar de ser, oferecer mais pano pra manga do que tudo que foi dito; o personagem morre para viver seu desejo pleno, porém como holograma. Morre pelo simulacro. Morre para viver um amor idealizado, que só existe nesse campo. Desaparece para renascer como ideia, como algo que só existe na recepção do espectador. Cinema? Religião? Onde isso tudo vai parar, Mari? Você tem alguma pergunta para mim? Não à procura de resposta. Você tem alguma pergunta que queira simplesmente me dar de presente?

Aqui o sol também insiste em nascer. Não falei do amor de pai marxista, de você como presidenta do nosso Brasil imaginário, de BritPop nem do lindo texto que você escreveu e que acabei de ler, sobre ser filha de professores e ver, em pleno primeiro de maio, essa classe ser surrada pela polícia no Paraná – terra da onde veio minha metade materna. Mas o papo está só começando. Temos todo o mundo pela frente, e para os lados.

Todo o amor de cá, e as unhas como relógio.

Beijo beijo

Vitor

São Paulo, 13 de setembro de 2015

Domingueira,

Você ainda não me respondeu minha última carta (em resposta aos seus maravilhosos cartões orientais), mas resolvi lhe escrever de novo mesmo assim. E a culpa é toda sua. Foi você quem, num ontem qualquer, no pleno deserto super lotado de uma noite no Alfa, disparou, de sopetão, à queima-roupa, no meio do meu peito: e aí? Vai ser só isso mesmo? Umhas boas memórias e a luta para conseguir pagar uns chopes? A vida vai ser só isso?

Talvez você nem lembre (duvido), e acho que na hora não devolvi nada além de uns balbucios e meneios de cabeça em confirmação – talvez um sorriso de deboche e escárnio, a fim de atestar a profundidade do buraco – mas sua coleção de perguntas cá ficou e kafkou. Nem tanto como uma revelação ou epifania, mas como alguém que aponta para o elefante na sala, e revela o óbvio velado – e tenho a tendência inclemente de ser o que aponta ou o que adere imediatamente ao movimento de revelar o elefante escondido. Nem sei se acho justa a indagação, mas que ela é contundente feito um soco nos ovos, isso ela é. Há algum tempo que ela é. Sempre foi. Portanto, aqui vou eu.

Fui à merda, como você me mandou – ou suas perguntas me mandaram. Mas, diferentemente do Mário, que foi à merda xingando o remetente Manoel Bandeira de besta, fui xingando “Domingos tá certo” o tempo todo (que é xingamento muito pior). Estando na merda, recorri e encaminhei suas perguntas a alguns amigos e confidentes - estes também oráculos epistolares dessa investigação sem cabeça que venho tentando conduzir – mas, até aqui, nada além de uma ilusão. Tive então de recorrer a um gringo louco, que me respondeu exigindo que eu repassasse a você suas colocações. Ei-las.

Diz Hunter Thompson: de fato essa é a questão: flutuar com a maré ou nadar em direção ao seu objetivo. É uma escolha que todos nós precisamos fazer, conscientemente ou inconscientemente, em algum momento de nossas vidas. (...)

Até aqui, moleza. Nada de novo no front. Passamos nossas vidas sendo moldados pela premissa de nadar contra a maré – e tentar ainda ser feliz, não morrer, não se foder nessa (disso Hunter Thompson não fala. Nem do fato de que, quarenta e poucos anos depois de nos responder, ele meteu uma bala na própria cabeça, e aí me lembro tanto da dureza que é compreender o suicídio, e alguns em especial, que

não se encaixam naquilo que esperamos de um, como o do Deleuze, e o mito de Sísifo do Camus, etc..., como lembrei da Mari, dia desses, chorando num taxi ao descobrir que um amigo nosso em comum havia se suicidado - anos atrás - e que ela não sabia até então, dizendo que já havíamos perdido amigos demais. É verdade. Vou à merda xingando: ‘Mari está certa’.) Deixa o pai do gonzo falar:

Mas por que não se deixar flutuar, se você não tem um objetivo? Esta é outra questão. É inquestionavelmente melhor desfrutar o “flutuar” do que nadar sem caminho certo. Então, como um homem encontra seu objetivo? Não um castelo encantado, mas algo real e tangível. (...)

A resposta – e, de certo modo, a tragédia da vida – é que nós procuramos entender o objetivo e não o homem. Nós definimos um objetivo que exige certas coisas para ser atingido; e nós as fazemos. Nos ajustamos às exigências de um conceito que NÃO PODE ser válido. (...)

Não me entenda mal. Não quero dizer que nós não podemos ser bombeiros, banqueiros ou médicos – mas que nós devemos adequar a meta ao indivíduo e não o indivíduo à meta. (...) Um homem precisa ser alguma coisa; ele precisa ter significado. (...)



Fonte: Acervo pessoal do autor

Mas para a dialética, não há questão terminal. Onde terminamos, começamos. Onde começamos, só começamos de fato se o começo está novamente no final de tudo, ou seja, o resultado – o produto – do movimento do todo. É a exigência circular. O ser se desdobra como o movimento girando em círculo, e esse movimento vai do mais interior ao mais exterior, da interioridade não desenvolvida à exteriorização que o aliena, e dessa alienação que o exterioriza até a plenitude realizada e reinteriorizada. Movimento sem fim, porém desde sempre já finalizado. A história é a realização infinita desse movimento desde sempre já realizado. (Blanchot, 2010)

2.8 naquela esquina de uma época

João Gilberto, a única coisa, segundo Caetano, melhor do que o silêncio, mestre maior de toda essa geração, talvez seja o mais criterioso artista brasileiro, um dos mais de todo o mundo. Já já entraremos naquele papo sobre precariedade na produção musical contemporânea carioca, mesmo que seja em outra carta. Separei esse papo pra você.

É claro que tanto Caetano quanto Gil são criteriosíssimos na hora de conceber e falar sobre suas próprias obras, e isso importa mais do que qualquer posição apaziguadora. E é claro também que é mérito e compromisso de ambos, desde o início dos tempos tropicalistas, descobrir beleza e força onde antes víamos somente luta de classes, mercado, dinheiro, pose, pobreza ou diferença. O que me parece preocupante, porém

– e essa talvez seja uma responsabilidade inteiramente nossa, herdeiros mimados que somos – é a soma dessa sugestão dessa quase total relativização crítica, de um relaxamento reflexivo que seja, com o fechamento cada vez mais absoluto do mercado, a dissolução digital travestida de nova democracia, a sinceramente maravilhosa ampliação do acesso – mas que junto dilui também a experiência, o significado da produção e da fruição de uma obra musical. Talvez esteja sendo anacrônico ou saudosista nesses questionamentos, devo estar, certamente estou sendo, mas a coisa precisa importar, ter significado, ter e oferecer sentido – mesmo que esse sentido sejam vários. Acima de tudo, estou sendo sincero nessa angustiazinha de estimação (santa falta do que fazer).

E eis que de repente me deparo com uma entrevista do Júlio em que ele entra por esse mesmo papo. Diz ele: “Definir o tropicalismo em uma palavra ou uma frase é tarefa impossível. O tropicalismo, antes de ser um movimento cultural e artístico, é um modo de ser, uma condição existencial nos trópicos, ou seja, uma maneira cosmopolita e contemporânea de olhar e tentar compreender o país, a sociedade brasileira, seus dilemas, angústias, grandezas e misérias. Ampliar e amplificar as vozes brasileiras diante dos impasses da modernidade, do silêncio imposto pela ditadura, da dominação do mercado dos bens simbólicos, da mesmice e rigidez estética e conceitual presentes em boa parte da música popular da época. O tropicalismo tem a ver com comportamento, com transgressão, com uma atitude

afirmativa diante da vida.”. E segue: “O ser tropical é um mulato que deliberadamente contrabandeia do exterior a matéria prima da nossa cultura, seja ela europeia ou africana, transformando a diáspora em lugar de deslizamento e permanência. Até hoje.”

Retirar o tropicalismo de sua circunscrição naquela esquina de uma época tão cheia de ângulos quanto a segunda metade dos anos 1960 e torna-lo universal, ou universável – o próprio Caetano fala desse desejo de universalização como um dos pilares do gesto tropicalista – quer dizer trazer esses preceitos pra hoje, pra sempre, como problema e/ou solução? É evidente que não falo daquela ideia fajuta de neo-tropicalismo que certa crítica de música tenta emplacar em cada novo artista ou grupo de artistas que aparece misturando ritmos e estéticas, seja tal mistura bem sucedida ou não. Também não sinto a menor necessidade de reencarnar o nome do movimento, ou alguma premissa que havia como hipótese de re-renovação, regra ou mera citação. O fantasma é que interessa. O holograma.

Minha pergunta é: esse ser tropicalista importa hoje pra nós? Afinal, identidade se referencia necessariamente a algo velho. Costuma ser prisão, mal estar, como uma espécie de infância do nome – uma infância perpétua. Somos o que somos, e nem por isso temos de nos manter assim, temos de afirmar ou sequer amar o que somos. Identidade é um treco velho. É prisão, é mal estar, é infantil, literalmente.

Sei bem que não respondi nada do que você me escreveu primeiro – e tem muita coisa lá. Estou me coçando para migrar para o seu Japão literário. O papo sobre a precariedade ficou mesmo pra essa carta que vem. Assisti uma palestra do Silvano Santiago e comecei mentalmente essa outra carta pra você. Ele falou, de repente, quase sem fazer sentido narrativo - como se lesse meus pensamentos – sobre o Pop brasileiro ser covarde, ter medo de vaia, medo de se expor, medo do conflito. Na minha cabeça essa carta nova já está pronta, prometo – foi só que essa aqui se impôs, nessa madrugada aqui. Até, portanto, a próxima - anterior.

Beijo no amor

Vitor



Fonte: Acervo pessoal do autor

2.9 há de haver um lugar ou um quando

Aqui parei para respirar, e confesso que, ao concordar com nosso amigo Hunter Thompson, me senti novamente um pouco velho (não, por isso, sem deixar de sentir prazer, tanto em concordar, quanto em me reconhecer velho). A coisa do significado – tão óbvio, ó caralho, ó buceta, ó cu do mundo! – desde sempre e cada vez mais me parece ser o buraco mais embaixo. É difícil realmente conseguir não estar falando de grana, por exemplo, ou de status e reconhecimento quando me vejo tentando responder suas perguntas (e mais difícil ainda se permitir satisfazer com a frustração de algo que não se completará, não oferecerá uma conclusiva e perfeita moral da história, nem alguma lógica irrepreensível e redentora que nos trará o conforto de uma previsão certa), mas nós sabemos perfeitamente que o algo além que sua pergunta procura está no significado que as coisas têm (tinham?) e que podem ter – e que essa é uma ciência inexata, algo impossível de se confirmar completamente, muito menos de nos satisfazer com a eficiência (mesmo que farsesca), por exemplo, do capital. E aí? Como ficamos nessa porra desse xadrez mental/emocional que jogamos conosco ao mesmo tempo em que jogamos contra todos?

Então, se agora você se encontra entre os desencantados, você não tem outra escolha a não ser aceitar as coisas como elas são ou buscar seriamente algo a mais. Mas cuidado com a busca por um objetivo: busque um estilo de vida. (...) Ninguém TEM que fazer algo que não deseja pelo resto de sua vida. Mas, novamente, se você acabar fazendo isso, convença-se que era o que você TINHA que fazer. Você terá muita companhia. Por enquanto é isso. Até a próxima!

Ao mesmo tempo é uma coleção de obviedades o que nos diz o Sr. Thompson (nem por isso menos valiosas ou contundentes). Vale lembrar que o tempo é essa máquina feita somente de defeitos, e que Hunter nos respondeu às nossas perguntas de 2015 em 1958 – pois há a impressão de que, mesmo ontem, a vida já/ainda era outra. O dinheiro engoliu tudo – e não quero ser somente o marxista amargo e iludido em sua desilusão; dinheiro também tem beleza, mas é muito pouco; é pouco demais, e é nessa que a gente se fode, não é? O dinheiro é que hoje come o João Cabral, e não o amor, coitado, esse primo pobre, anacrônico, canhestro, manco feito uma máquina de escrever.

Por isso é que é difícil responder sua pergunta sem pensar em glória – porque glória tem sempre, direta ou indiretamente, a ver com grana. Estou falando também dos nossos heróis, ora porra. É claro que merecemos ganhar dinheiro, mas também merecemos – inclusive diante do talento quase absoluto e quase unanime em nosso grupo para não ganhar dinheiro – que sua pergunta possa ser respondida para além dessa questão (é por 10 centavos que o Arturo Bandini discute com o vizinho no Pergunte ao Pó?)

Pasolini, ouvindo nossa conversa, arremata de longe que o verdadeiro fascismo é aquele que tem por alvo os valores, as almas, as linguagens, os gestos, os corpos do povo – processo consequente, segundo ele (que em seguida bate na mesa e tenta encerrar o assunto) com a “assimilação total ao modo e à qualidade de vida da burguesia”. Bem, essa luta hoje parece inócua – e esse ataque a tais valores se dá justamente pela ausência de valor comercial em tais valores essenciais. Ou seja: sua pergunta se responde com a agulha no palheiro. Como ser e se sentir feliz, se aquilo de que sentimos falta não é valorizado nem possui função consecutiva, imediata – de mercado – e se quem diz se podemos ou não ser feliz é justamente a cega, surda e muda megera caolha do dólar heterossexual? Sei lá. Nos demos mal, ou há de haver um lugar ou um quando. No mais, mais. Quero ouvir daí. Enquanto um de nós não estiver a salvo, não estaremos a salvo. Beijo beijo e até a próxima letra.

Vitor

Rio, 01 de julho de 2015

Vitor, querido.

Essa é minha quarta tentativa de resposta. Abortei as outras três. Tem uma artificialidade em todas elas, uma dificuldade em tocar no cerne das questões que você levanta que não sei de onde vem. Será pelo fato de que não estou mais em Lisboa? E pelo fato de que estou aqui na minha cozinha, cheirando a lixo, totalmente invadida pela rotina e pelos lugares comuns que nos alavancam no dia a dia?

A sua última carta fez girar tanta coisa na minha cabeça, pôs tanta coisa pra pensar, que quando começo a pensar nela me perco um pouco, como num labirinto, tem uma impossibilidade de atingir a meta.

Penso em responder em tópicos a cada uma das questões que você coloca. Parece esquemático, mas me incomoda menos do que uma certa frivolidade que tem tomado conta de mim quando começo a escrever.

Estou meio seca e rígida hoje. Mas me sinto de acordo com o momento. O congresso está nesse momento votando a redução da maioria penal, pra matar mais jovens negros sem pudor. E eu não vou escrever mais nada sobre isso aqui, essa informação basta. Pra a gente não esquecer sobre quais violências se erigem as instituições desse território-país. Desde sempre.

Eu começo te dizendo que meu século XX acabou em Lisboa, em 1992. No bairro da Lapa, perto do Jardim da Estrela, na casa da minha avó Ignez. Minha avó é talvez o personagem mais importante da minha história. Entre mim e ela tem um oceano no meio, literalmente. Quando estou com minha avó não entendo de onde vim, mas onde foi que me perdi irremediavelmente. Entendo que já não há volta. Minha avó seria uma dessas grandes damas da fidalguia portuguesa, se não tivesse casado com o ministro do Marcelo Caetano, e sido exilada, e se não fosse tão inadequada pra esse papel que encontrasse na loucura um terreno mais familiar. Foi a minha avó que rompeu com toda a herança familiar. Foi ela que me jogou bem dentro do Lisbon Revisited e me transformou em “estrangeira aqui, como em toda a parte”. O século XX acabou, enfim, quando estávamos, eu e ela, nesse apartamento da Avenida Infante Santo, em 1992, passando férias de verão (no Brasil). Nós duas ficávamos de roupão de crochê sentadas em frente à televisão assistindo na BBC ao fim da União Soviética. Uma noite eu sonhei com uma faca

cravada na careca do Gorbachev. Acordei assustada. Minha avó disse qualquer coisa sobre espões que instalavam escutas no nosso quarto e nos faziam ter esse tipo de sonho. Entendi a minha solidão. Tive pena dos meus pais comunistas. Percebi que agora andava epistemologicamente sozinha pelo mundo.

O meu século XXI começou quando eu conheci a Santuza na aula de antropologia cultural na PUC, e respirei aliviada quando ela explicou o que era pós-modernidade. Pensei: “ Ufa, então sou isso: pós-moderna”. Ou talvez não. Talvez o século XXI tenha começado no dia 20 de junho de 2013, quando eu senti, novamente esse sentimento de solidão epistemológica. Nem o pós-modernismo, nem o pós-estruturalismo, nem nada que eu tivesse lido ou escutado, deram ou dão conta de entender o que se passou ali, na Presidente Vargas. Eu não entendi e continuo não entendendo nada. Essa incompreensão me dá esperanças. Ainda que minha sensação, pra ser sincera, seja bem ruim. Tem um aperto constante no peito. Pode ser um medo identitário. Assim o espero.

Numa das tentativas de resposta pra você eu dizia que esse aperto no peito podia ser um luto continuado pelo Ericson Pires. O Ericson implicava bastante comigo, mas sinto falta da sua força das galáxias interpretando fenômenos como quem receze um santo. Aí eu arrematava dizendo que o erotismo é a saída. Não estou convencida, mas não abandono a hipótese. Em tempos sombrios trepar nunca é um mal negócio.

Tá tudo tão cinzento que chego a ter certa dificuldade de pensar sobre a antropofagia. Vou dormir agora e deixar pra amanhã. Vejo se acordo mais carnavalesca.

Bjin e boa noite.

Mari



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412350/CA

Fonte: Acervo pessoal do autor

Vitor!!

a redução da maioria penal não passou!! Faltaram cinco votos. Quer dizer, esses bastos foram maioria, mas não tiveram votos suficientes pra queimar a constituição na fogueira santa que eles armaram no meio do congresso pra queimar os infiéis.

Ufa, ufa, ufa!!

Eu já consigo ouvir de novo os tambores da macumba, o Helio no Parangolé, o Ericson de casaco laranja fosforescente, todos eles ecoando a pergunta do Oswald no Manifesto “Mas o que temos nós a ver com isso”?

Que pergunta maravilhosa. Eu bêbada de sono lá no café, disse que a antropofagia e o capitalismo tinham modos de funcionamento parecidos. E você veio me cobrar isso na carta, seu monstro!

Pode ter um monte de respostas pra isso. Pode ser o adornianismo do qual me alimentaram no cordão umbilical e que não me larga, por mais que eu o exorcise. Ó diabo (como diria a minha avó Ignez).

E pode ser também esse “só gosto do que não é meu” que o capitalismo conhece muito bem. Mas é totalmente diferente. Como dizem pichações de junho “não confunda a violência do opressor com a revolta do oprimido”. Mas o que antropofagia institui é o paradoxo, no qual essa relação opressor-oprimido não fica tão clara assim.

Mas a juventude brasileira de ultimamente não tem gostado de brincar com ambigüidades não. E isso me perturba. Me angustia. Mas eu tento entender porque, e eu até consigo.

Eu, como sou meio mística, como vc sabe e não cansa de lembrar, não acho a toa o Ericson ter morrido em 2012. De uma certa forma, o tropicalismo acabou em 2013, e o Ericson era o seu último representante atuante desse movimento (agora fui ousada e depois vou me lascar).

A impressão que eu tenho é que acabou o jogo de cintura. Agora é ou vai ou racha. E a coisa tende a rachar.

Enquanto o pessoal não voltar com a máxima de que a alegria é a prova dos nove e levar a sério seu caráter combativo, vamos ficar aqui meio esmagados. (Volto a pensar no erotismo como uma linha de fuga possível. Tipo fim do mundo. Sodoma e Gomorra, enfim)

Olha, misticismo não é igual a religião. O monoteísmo é o mal absoluto, e

nesse aspecto qualquer filosofia totalitária é muito mais nociva do que uma pedrinha do lado da cama.

Vai no Jongo da Serrinha pra ver como é resistência diante da opressão do estado, do tráfico e da igreja cantar pontos de umbanda.

Eu queria que essa carta tivesse voz pra eu cantar um ponto pra você. Uma voz que não fosse a minha, que é péssima. Que fosse uma voz negra, tipo a da Mc Carol, da Lazir, ou da Juvelina Pérola Negra. Você ia mudar de ideia.

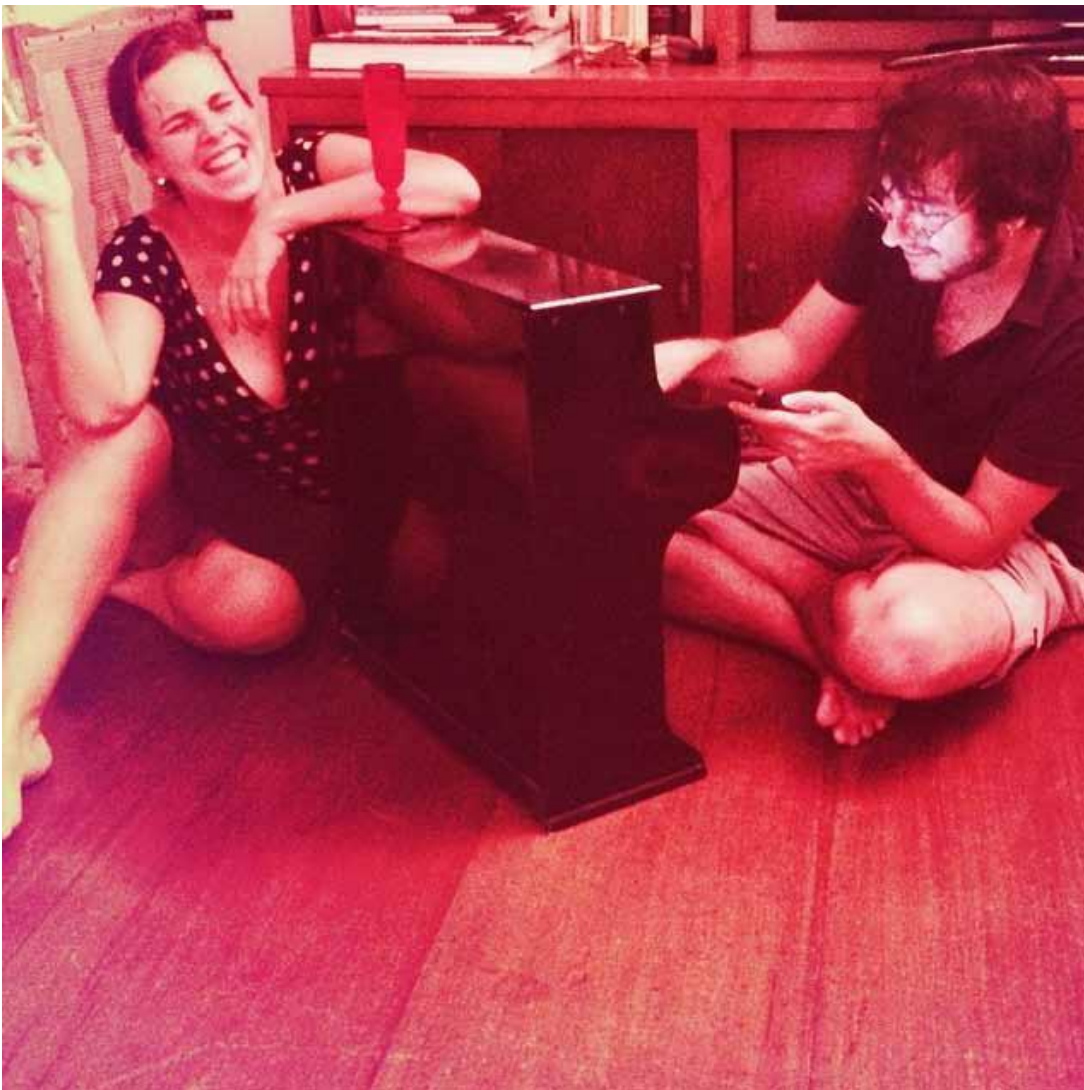
Como naquela canção que a gente canta: “Quem é Ateu, mas viu milagres como eu”.

Não passarão, Vitu, Não Passarão.

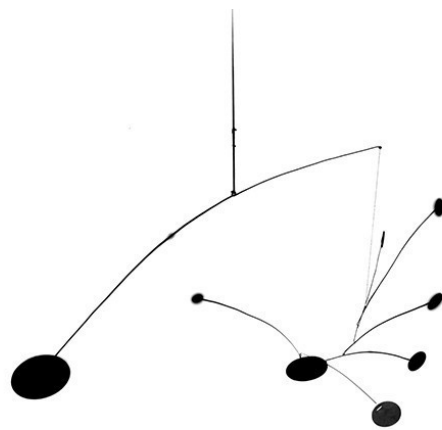
O que temos nós a ver com isso? (melhor pergunta ever) Ti amo!!

Bjos,

Mari



Fonte: Acervo pessoal do autor



Fonte: <http://www.calder.org/>

3**GARRAFA Nº 3 - CARO CENSOR**

Não é fácil escrever mais uma garrafa sem destino, lança-la e vê-la ainda boiando, tão próxima, tão lenta que se quiser posso pesca-la, quebra-la em mil cacos, rasgar a carta e desistir de tudo. Não é fácil cometer esse gesto, permitir-me me encher de esperanças, sabendo sobretudo que esse bilhete será lido, retalhado, fatiado, alterado e tornado lembrete mero do que um dia fui (nesse instante, ainda presente, em que me equilíbrio em um naco de terra cercado de mágoas por todos os lados) antes de sequer alcançar seu destinatário de fato. Só não é impossível pois não há mais nada a se fazer.

Posso adiantar o seu trabalho, ainda que tenha certeza de que não receberei voto de confiança algum: não há segredos, não há criptografia, talvez não haja sequer subtexto. Eu hoje/ acordei mais cedo/ e, azul, tive uma ideia clara/ só existe um segredo/ tudo está na cara. É só isso mesmo: um diminuto poema de desesperança que a lembrança me traz por livre associação, num momento tão não poético quanto o de se estar à deriva. Perco cada vez mais a convicção – que havia, creia que havia – de que serei resgatado, ao passo que ganho cada vez mais a impressão de que isso é, às avessas, uma boa notícia. Não se dê ao trabalho – só encontrará certa poeira, alguns estilhaços, fragmentos explícitos, que poderão ser contados nos dedos das mãos. Não se preocupe, tampouco: essa é uma carta de amor. O diálogo é possível. Seja gentil.



Fonte: Acervo pessoal do autor

O desejo de esboçar novas utopias deve nascer em mim menos da necessidade de contrastar com esse ambiente desencantado do que da responsabilidade de compensar minha própria participação na criação do sentimento de desencanto. (Velo, 2005)

Meu bom e velho Tordilho,

São 02:47 do dia primeiro de março de 2016. Daqui a dois dias é seu aniversário e respondo sua cartinha com uma lentidão maior do que as missivas do século XX e XIX poderiam conceber. São sete meses de atraso, talvez oito.

Lembro da frase sobre dizer que “não somos brasileiros, somos tropicalistas” e lembro que antes disse que “70% do que entendo sobre Brasil é por conta do Caetano”, na qual você concordou e seguimos felizes para nosso recorrente eterno destino. Embora não acredito em eterno, nem em destino, assim como você. Mas o Caetano é recorrente. Mesmo quando erra a gente senta e discute o erro dele. A gente absolve pública ou intimamente. Ele é de fato um norte porque pensa e elabora e constrói arte e intelecto do jeito que a gente almeja. Nós sabemos que nós vamos para Santo Amaro quando esses 70% do Brasil acabarem. Será finalmente o dia também em que acabará de uma vez por todas o nosso século XX. O meu e o seu pelo menos, mas acho que o de muita gente e de muita coisa.

Quando você me respondeu o Japão era muito latente. Foi no Japão que resolvi que meu disco se chamaria Selvagem porque um dia me vi com essa barba grande e mal nascida, corcunda, sentado feito um bicho preguiça da megafauna pré-histórica brasileira, numa estação de trem esperando o próximo shinkansen enquanto todo o resto da população era japonesa, elegante, de espinha ereta, sem pelos no rosto, sem ruídos maiores do que os passos de seus sapatos impecáveis. Ali entendi que eu era brasileiro e entendi como essa potência pode ser bem aproveitada para olhos exóticos como os deles que adoram o Caetano, o João Gilberto e essa Bahia utópica que não existe mais.

Mas, de lá pra cá, aprendemos, em grande parte com os olhos de Mariana Patrício e Manoela Miklos, que essa potência existe para quem nasceu bem nutrido que nem a gente. Acabo de ler que somente 8% da população tem capacidade cognitiva de fato para ler e responder. São 16 milhões, é muita gente, mas é raquítico se pensarmos que aí sobram 184 milhões – a população da Rússia – que é manobrável, é escorraçada socialmente. Tenho lido muito sobre os índios como nunca li antes, principalmente sobre os botocudos. Os botocudos sempre foram a grande escória da terra daqui. Todos os nomes que através dos tempos o seu povo foi identificado – Aimorés, Tapuias e Botocudos – foram dados pelos seus inimigos, sejam eles tupis ou portugueses, e todos esses nomes são pejorativos, degradantes.

Os botocudos nunca puderam contar sua própria história, o que conhecemos deles são relatos feitos pelos inimigos. Os botocudos foram o primeiro povo indígena oficialmente tratado como escória. No dia 13 de maio de 1808, 80 anos antes da Lei Áurea, Dom João VI assinou carta régia declarando guerra aos botocudos da região do Vale do Rio Doce. Dava plenos poderes aos donos das terras para transformarem os índios em escravos ou até mesmo matá-los. Consideravam os botocudos antropófagos, canibais. Estou escrevendo sobre isso, você sabe, e em certo ponto a antropofagia tropicalista herdada de oswald, sob a ótica dos botocudos, perde todo esse valor, esse orgulho que em algum lugar ruim se junta aos manobráveis que se vestem de verde amarelo e apoiam o fascismo. Eu sei, você tem 30 argumentos para me desarmar, mas agora não importa. Depois de reduzir os botocudos a 300 krenaks em 200 anos de extermínio, a força do aniquilamento, do extrativismo, da obliteração em nome do dinheiro e do patrimonialismo, dizimou também o próprio Rio Doce. Não há mais povo nem a terra do povo. Há os bem nutridos. O mundo vai acabar, até o Leãozinho DiCaprio disse no Oscar, porque o dinheiro tudo corrói. Acho que o século XX que tanto amamos está ficando de vez na nossa adolescência junto com os CDs que ainda guardamos (eu e você). O projeto não se consolidou nem na Bahia nem em Moscou. Não sei o que resta, não sei se serve uma última frase que console e que diga no fundo que “o Brasil é o país do futuro” como tanto dissemos eu Domingos e Augusto no Amoramérica, por exemplo. Existe a memória, a ruína e a natureza e a gente fazendo sempre o melhor que dá pra fazer. Seu mestrado é uma das coisas mais bonitas desse 2016, “não li ainda mas sei”, como um bom menino do século XXI diria.

Araras, 07 de setembro de 2015

Bilu,

Fui anteontem à comemoração de 25 anos do CEP (acredita? 25 anos! Mais velho que a maioria dos seus alunos – e muito mais velho do que éramos quando começamos a frequentá-lo; a nos frequentarmos). Lá recebi um flyer de um CEP em 2002, que fizemos em homenagem à Pó. E seu nome estava na filipeta. Ou melhor, seu apelido. Bilu, sozinho, assim, em carreira solo (e não mais como os digníssimos Dignos Divaia, que historicamente mostraram a bunda em algum início desse século que nos fala – tem foto disso?). Fiquei comovido, lembrei de tudo – tudo mesmo.

Da Pó, dos escolaparquianos e kingas, das matadoras e intermináveis rodadas ébrias de escravos de jó, da Pó, lembrei muito da Pó, da morte da Pó como catalizadora do fim de uma época, de um grupo, de uma inocência – e, ao mesmo tempo, da afirmação de uma ligação, um afeto, um amor claro e transparente, que nos uniu como adultos tornados adultos a fórceps. Bonito e duro. Doido e doído – no dia 12 de setembro de 2001, a Pó me disse que esse havia sido o comentário do Caetano sobre o que ele sentia diante do atentado às Torres Gêmeas: doido e doído. É uma frase da minha música preferida dos Novos Baianos, mas acho que não sabia disso quando a Pó me contou. Amei o Caetano e amei a Pó ainda mais nesse dia (para ambos, o amor fácil e saboroso de quem quer amar, de quem permite se encantar simplesmente). No dia em que ela morreu a gente tinha marcado uma viagem aqui pra Araras, de onde escrevo essa carta. Íamos almoçar na casa da minha mãe um bobó de camarão e depois pegar a estrada, eu, ela e Botika. Deixei ela em casa, poucas horas antes, com tudo isso combinado. Te ligo assim que acordar, eu disse. Minha mãe jogou o camarão fora, não conseguiu cozinhá-lo nem conviver com ele. Jamais esqueci disso. Tenho amor por essa memória, e lembro perfeitamente da voz da Pó, me respondendo: me liga pra me acordar. (...)



“Mientras yo viva viveran mis muertos” Amado Nervo

Parente,

Quisera escrever-te numa formalidade tal, tal qual sonhava meu velho que fizéssemos entre irmãos. Ele previa uma sugestão que encurtássemos nossas distâncias de estados por cartas. Isso não passou. Acabamos por juntar-nos em nossas avalanches. Também não creio que agüento sustentar até o fim desse primeiro travessão, um só português só português, sem trema, fora de d`efeitos, sotaques, sem aliteraões exageradas, sem empréstimos regionais e desconstruções sem vírgula nos cruzamentos (só nessa frase quantos Xs vermelhos a tia de literatura marcaria);

pra quê respirar num tempo de urgências? - disse ela e em seguida expirou.

Você deve entender que me traduzo em acentos, há que se ler brincando neles, babelizar a língua também fora do beijo, não é?

Já me sei hace um pouco: vivo contando saudades, fui forjada na saudade.

Caminho de lacunas, acumulo mortos e assim meus armários se encheram de herança e ecos...não são gestos repetitivos mas evocativos e acho deveras curioso haja VOZ nessa palavra.

Tenho alguns poemas e canções que dão bandeira ou dizem diretamente de, por ou para os partidos. Quem sabe...

Tenho uma lista de mortos.

Comecei hace años, fato, uma lista. Uma chamada. Que não esquecesse de um.

Que pusesse na pedra a perda. Desse nome.

Que os apoemasse que fosse só no meu cuaderno. (depois te mostro)

Temo sempre não estar completa. (Qual o limite que define as bordas dos meus mortos?) Não que esses se chateassem; juízo é sorte de vivo.

Estou debruçada nisso, na percepção do quanto minha expressão carrega essa..... constante... (...)

Date: September 7, 2015 at 10:33:37 PM GMT-3

Subject: Re: resposta 1
From: Nanda Felix <felixnanda@gmail.com>
To: Vitor Paiva <vitorgpaiva@gmail.com>

Rio de Janeiro, 7 de setembro de 2015

Zeca,

Esperei sua carta com a ingenuidade de quem espera o presente do papai noel e nem sabia. Não pensei sobre isso todos os dias, nem parei meus afazeres por conta disso. Não perdi o sono, nem a fome esperando a sua carta, mas de algum jeito que talvez não consiga explicar facilmente, esperei com a doçura de uma criança que sabe que foi a mamãe que comprou a bicicleta, mas olha pela janela pra tentar encontrar algum rastro do homem de barba branca.

Não me lembro até que idade acreditei em Papai Noel. Essa fábula - a da minha crença e não a do papai noel - não foi mantida pelos meus pais. Não conheço o gosto musical deles e não me foi passada a verdadeira história da minha relação com o bom velhinho de botas.

Acho inclusive que a minha relação com a noite de natal foi construída a partir da relação da minha mãe com a data. Sei dizer com exatidão os sentimentos dela sobre a data e não sei dizer os meus. Minha mãe inventou que teria natais felizes desde que teve filhos. O natal na infância dela não era muito animado, digamos. Meu avô sempre bêbado, minha avó sempre brigando com ele porque ele estava bêbado e meu tio fingindo que não estava vendo nada do que estava acontecendo. E de fato ela conseguiu forjar alguns bons natais entre primos, presentes e uma árvore enorme no meio da sala. Durante um ano específico tivemos um piano na minha casa. Uma amiga da minha mãe se mudou para a Bélgica e o deixou lá por um tempo que não sei precisar se foram meses ou 3 anos. Mas lembro do natal com o piano. Ninguém tocou o instrumento, mas ele estava lá. Imponente e desafinado. Era lindo. E era só um piano.

Por onde anda o seu piano?

Ouvíamos música, eu e você. Não sempre, acho inclusive que víamos muito mais televisão. Mas você me mostrava músicas. Novidades velhas. Coisas bonitas e falava delas com paixão. Acho que uma das coisas que sempre me encantou em você é que você fala das coisas com paixão. Gosto de gente assim. Gosto de gente também, de seres humanos. E de um jeito estranho escrever pra mim tem um pouco

esse gosto. De gente. Atuar também.

Ouçõ muito Kinks. Já ouvi mais. Tive uma fase bastante Kinks. Principalmente depois de ver o filme do Phillip Garrel. Amantes Constantes. Tem uma música específica chamada A Well Respected Man. Tem outra também Sunny Afternoon. Mas definitivamente eu gosto de kinks porque I don't know where I'm going, I don't want to see

I feel the world below me looking up at me

Leave the sun behind me, and watch the clouds as they sadly pass me by

And I'm in perpetual motion and the world below doesn't matter much to

me

This time tomorrow where will we be

On a spaceship somewhere sailing across any empty sea

This time tomorrow, this time tomorrow (...)

Montevideo, 09, 10, 2015

Vitor, Cariño mio,

Agora te escrevo do Uruguai. Em uma passagem rápida, quase me esqueci de fazê-lo, porque quando viajo, essas novidades me causam tanto que tenho vontade de ficar em casa o dia todo.

Mas uma certa culpa me levantou da cama e agora estou aqui. Em uma livraria enorme, antiga e linda, com vitrais de art nouveau e música francesa ao fundo. Dessas que a elite colonial constrói por onde passa para atestar que não é só chibatadas e derrubada de árvores.

Na Faculdade de Humanidades onde apresentei minha fala sobre história da dança, as paredes descascam, estudantes colam cartazes onde reivindicam melhorias no bandeirão e fotografias de desaparecidos da ditadura (jovens com sorrisos discretos e óculos de aro grosso) nos olham.

Da janela do segundo andar da livraria se vê o Rio de la Plata, tão grande... Toca La Valse a Mille Temps, acho que do Jacques Brel, e na estante aqui do lado, um pouco distante, reconheço a carocha do Gramsci. Pedi chá de mel e camomila, eu, elite colonial, jovem desaparecida da ditadura, gramsciana, francófila e burguesa do chá. Podiam chamar o Matta Clark pra cortar esse prédio ao meio e ver o que sai. Mas o Rio de la Plata, esse é tão grande que vai ameaçando toda essa estabilidade. O Rio.

Agora vou encontrar uma moça chilena que também estava perdida no congresso e vamos a uma peña folclórica. Não sei bem o que é isso. A pesquisa dela é sobre a Cueca, dança dos chilenos no fim da ditadura. Peguei aqui um livro do Mujica, sobre o Mujica, “Pepe Mujica: de Tupamaro a presidente”. Acho que vou levar para o café. Simpatizo com a figura do presi, mas confesso que me exaspera esse nosso personalismo incurável. Isso é meio religioso, diz aí, você que é ateu convicto? Me incomoda porque hoje o cara é um santo e amanhã somos obrigados a escutar o mimimi dos traídos. Já escrevi isso? Estou me repetindo?

Mas eu.... (...)

3.1 Memória

Esses dias sonhei com meu pai e pela primeira vez pude tocá-lo. Pela primeira vez ele concreto, em carne encarnado. Apertei ele pelas costelas, foi indescritível essa emoção, realmente muito forte. Fiz aviãozinho com ele, ele, sem graça, ex-homem duro (pode se transformar o morto?), me permitiu.

Meus irmãos brigam muito, hoje, cada vez mais, se agridem, se subestimam, e eu fico pensando no meio como lido e me livro.

Meu pai me livre. SEMPRE sonho com ele nesses momentos. Me livro eu quando me torno ele?

Me interessa esse exercício de atravessar a fronteira do ser, os inumeráveis estados. Sou feita das matérias de Luizinho, feito de Luiz e Léa, não fosse ele os seus não era eu eu.

Eu sou Luizinho, então, até que decida por não ser.

Se visto as roupas de Dinorah, repito bordões, me perfume de seus olores, redesenho seus gestos, canto com as vozes dos avós as mesmas palavras, redesenho no ar as melodias e tudo o que me olha vê seus ecos, seus nomes, suas histórias, seus caminhos, cobra essa coerência. Se eu só existo com uma fila sem fim de mortos antes e por trás da cabeça e do som que evoco, quando passarei a existir?

Minha história é construída sobre o rastro dos meus...

assim é impossível não ver os espíritos. Eu não existo sem arrepios sem presença ancestrais, ainda que venham de dentro.

Isso me reconhece, identifica.

Ao fim daquele sonho, depois de muitas me disse o pai: Minha filha, memória não é comida!!!

(esse recado me nutriu de potência pra pisar sobre meus pés e de tudo o que pode vir nesse risco. crescer nesse sentido é ser mais política. e assim sim me parecer mais ainda os meus.de eus)

Que espaço preenche o invisível?

muito a desdobrar sur tudo isso/ todos esses.Dá-lhe!GO!

Achei por 1 mango um livro do Câmara Cascudo (Prelúdio e Fuga do Real) com textos/ diálogos com personalidades já, na época, fora da vista dos vivos. Curiosamente o primeiro deles é sur l'existence de los muertos. Me fudi.

Confronto a cada estrofe. Criança crente quando estuda filosofia crê todas as teorias. Fosse a criança cega, surda, facilitaria. Mas meus deuses gostam da equação pela inequação, isso não é só um trocadilho.

Crescer é também matar os mortos.

O texto é chamado por Não abaneis a cabeça. Diálogo com Machado de Assis (A Semana, 22-XI-1896). Vê se encontra e divirta-se. Vou reler e já já falamos mais de amor.

tá luego!!!

todo amor amora

3.2 cena é besteira

Lembrei também, é claro, daquela noite em que assistimos Ensaio.Hamlet, na qual, depois, em uma mesa do Braseiro da Gávea, te convidei para produzir minha banda. Você aceitou imediatamente, mas reafirmando que aquele era um convite sério, de trabalho, e que era assim que você levaria a coisa: exigindo de nós como adultos (já éramos adultos, mesmo que ainda meio-homens, meio-garotos, como ainda somos, afinal. Mas a Pó já havia morrido. Que coisa louca). Qualquer coisa, maravilhosa e terrível, que conquistei como músico, devo sem dúvida em grande parte àquela noite, àquele chope, e a você. Se podemos dizer que vivemos a sensação, ao menos, do calor, da delícia, da maravilha identitária de sentir parte de uma cena musical (e como era bom o Rio de Janeiro em 2007, 2008, 2009, e o Cinamthèque, nosso Cavern Club, nosso CBGB), de um momento destacado do tempo, de um grupo (como foi a delícia guerrilheira de fazer a primeira edição do Dia da Rua), isso só pôde acontecer por sua intervenção, força, delicadeza e dedicação. Por isso, te agradeço por quem eu sou, com amor – e parceria, pra sempre, mesmo que eventualmente longe.

Pouca coisa ficou de pé daquela época que estou chamando presunçosamente de cena. Cena é besteira – estou falando daquilo que vivemos, não daquilo que pareceu que vivíamos. Mas você, para muito além das bandas inclusive que você veio a produzir, se estabeleceu como produtor. Me pergunto o que isso quer dizer sobre o Rio ou sobre o Rio daquela época – e sobre nós: um momento musical rico, mas que dá a luz e afirma mais um produtor (ou alguns, pois foi por ali que o Berna também se afirmou, não foi?) do que os artistas.

Claro que você é um produtor-artista, e isso faz sim toda a diferença. Mas como você sentiu e sente isso? O que você acha? (Acho que essas perguntas simples eram tudo que queria perguntar, desde então). Como vai o produtor Thiago, para além do professor, do poeta, do que quer que você sonhe hoje? O que você sonha hoje?

Nosso chope segue marcado – a maldição do carioca é ser obrigado a se orgulhar das idiossincrasias que fazem o folclore sobre esse povo, mas que só ele próprio sabe o quanto elas o afastam do próprio povo, o isolam, solitário, numa multidão de saudades. Quero mesmo esse chope. Chega de ser carioca. Diga

quando. Quero mais.

Beijo, saudade, orgulho, amor, meu irmão.

Vitor.

...(descrevendo os real-visceralistas): andam de costas, olhando para um ponto mas se afastando dele, em linha reta, rumo ao desconhecido. (...) Íamos os três calados, como se tivéssemos ficado mudos, mas nossos corpos se moviam como ao compasso de algo, como se algo nos movesse por esse território ignorado e nos fizesse dançar. (Bolaño, 2006)

Rio, 23/02/2016

Amora amada,

Você e Pedro saíram aqui de casa há poucas horas – já era dia, ainda ontem, apesar de hoje – eu dormi, depois de uma noite maravilhosa que passamos, e acordei envolvido por uma profunda tristeza, tão densa que de certa forma ela é quase boa. Quase oferece um sentido. Se o tempo é de urgências, como você mesmo aponta – e a utilidade de respirar as vezes nem chega a surgir, pois a dificuldade de respirar toma a frente da questão – acho que hoje a tristeza, de alguma forma, me obriga a diminuir o ritmo, contemplar, deixar o coração bater, para talvez enfim conseguir puxar o ar pelo nariz e solta-lo pela boca.

E hoje, no dia em que despertei certo de que não conseguiria sequer digitar uma letra, quanto mais frases em nexos, foi que resolvi enfim te responder. Deixei você, Pedro e Botika por último não foi por acaso, é claro: essa escrita dissertativa se misturou há muito com a escrita de todas essas vidas de fato (ao menos em mim, tomara que no resultado final), e a força motriz acadêmica hoje é embalada pela encenação de algo que vivemos de fato – pelo registro de afetos que são verdadeiramente profundos, intrínsecos, as vezes perturbadores, sempre fortes, sempre maravilhosos – mas densos. Não é fácil. (...)



Fonte: Acervo pessoal do autor

(“Pode se transformar o morto?” é uma pergunta que me interrompeu. Consigo aplica-la em tanta coisa – culturas, ideologias, memórias, o passado, desejos, causas, efeitos, poemas, canções, raivas, até os mortos mesmo – que ela me fez parar, como aqueles parênteses que o Drummond aplica em nós, ao meio de seus poemas longos, e que nos obriga a abrir a porta da exformação, deixar a nossa literatura mental falar mais alto. Diria que sim, claro que pode se transformar o morto – basta ver o Ericson. A morte só existe pros vivos, e os vivos são feitos de mudanças. Mudar é o que fazemos, a nós e às coisas. O Ericson mudou muito depois que morreu – feito Gardel, ou Elvis, ou Bob Marley, ou mesmo o recém morto David Bowie, que seguem cantando cada vez melhor depois de mortos. Essa mudança é igualmente vigorosa, justa e reconhecadora, e ao mesmo tempo, melancólica, ficcional e taxativa. Como sendo uma decisão mesmo, que de fato é: a qual aspecto do morto queremos aderir? Qual face das milhões de caras nesse espelho nós queremos cristalizar? Fotografar e tornar imagem de um perfil que possivelmente há de se perpetuar? E curiosamente vejo o esforço por fazer do Ericson um poeta maior, ou um estudioso virtuoso dos movimentos artísticos que em coletivo cruzaram o mapa da cidade nos últimos anos, e tudo isso é verdade; mas me faz sorrir pensar que o que mais se cristaliza de fato é o furacão complexo que desarrumou caminhos e se fixou enquanto ausência, feito o instante que em cessa uma chuvarada, a falta da água caindo, o bafo de ar quente que retoma ao fim da enxurrada, passado o golpe de vento que derruba o que está em cima das mesas. O vento é impossível de se pegar, de se taxar, de rotular – e isso é uma virtude, ao mesmo tempo que uma triste intuição fugaz de que nada há mais de se fixar em lugar algum. Daí o gênio de Machado de Assis em botar o morto pra falar, pra contar sua própria história. Brás Cubas é o único morto que existe, e claro que, pra isso, ele precisou não existir enquanto vivo.)

(...)

Dia 10, 10, 2015

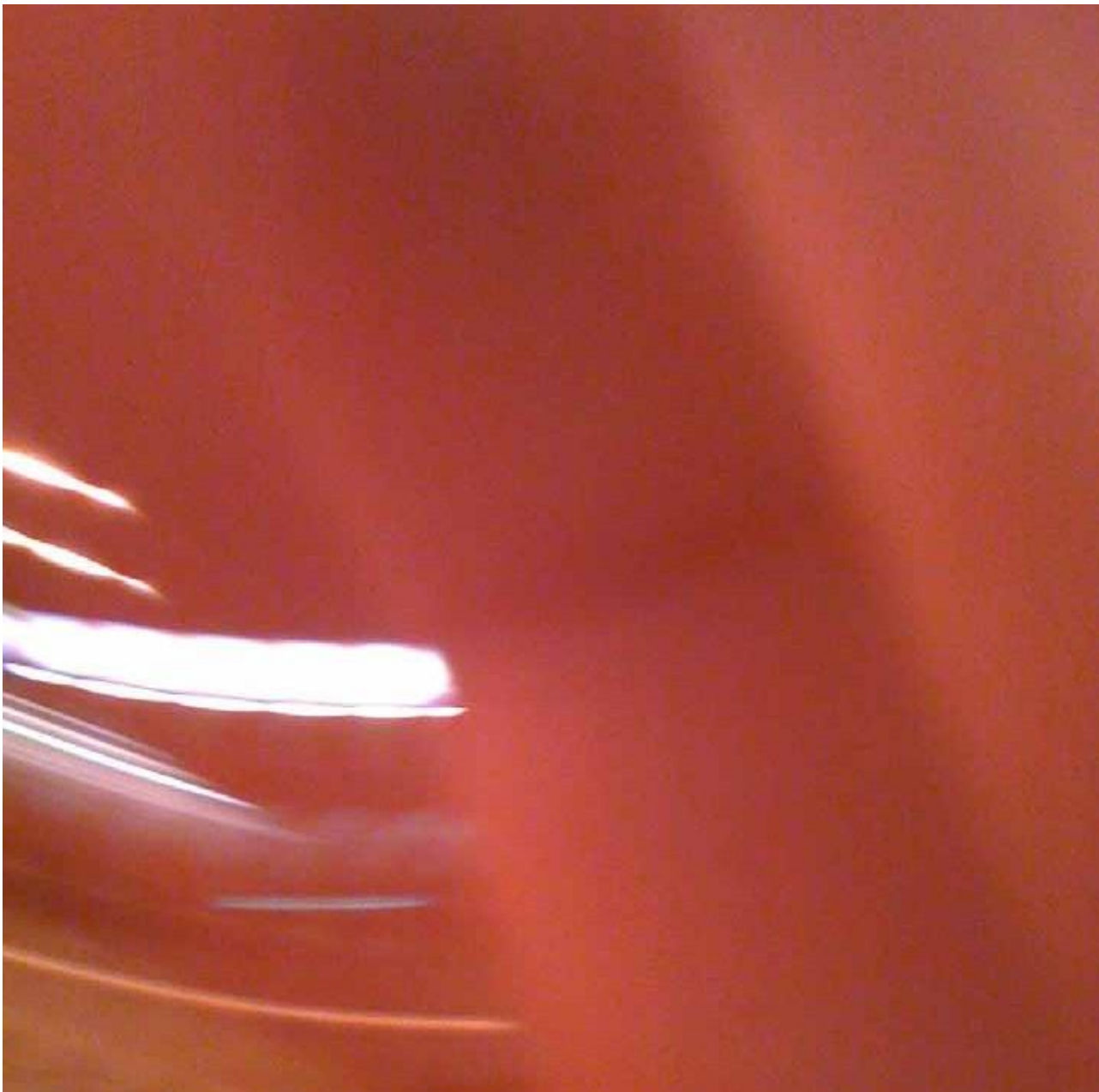
Acabei ontem a carta pela metade. Talvez motivada pelo desejo de não me repetir. Não me lembro. Estou chapada! Sim, sentei no meio da praça como uma bailarina uruguaia, organizadora das jornadas, e fumei sem culpa, sem medo de ser presa, sem a sensação de que estou financiando a morte de crianças nas comunidades. Que mudança subjetiva isso provoca! Deve ser algo parecido com isso a que chamam de liberdade. Não sei, me sinto tão oprimida desde sempre. Polícia, polícia, polícia. Escravidão, ditadura militar, guerra às drogas, machismo, neoliberalismo.

Eu sempre ouvi dizer que a culpa é uma amarra cristã da qual devíamos nos emancipar. Mas a emancipação da culpa, Vitor, agora o sei, só se dá em processo coletivo. Devoro um amendoim torrado e tenho os olhos ardendo em uma sensação de leveza real, pq política.

Desde o plano material, a maconha de melhor qualidade, até o plano interior, fumo no meio de uma praça. Nunca me aconteceu e está sendo, sei lá... profundo. Por falta de melhor palavra.

Tem alguém tocando baixo acústico. Agora parou. Umás notas meio interrompidas. Deve ser Bach. Chutando assim. Não sei porque. Na porta da mesma livraria de ontem. “Pablo Fernando Sociedad Anonima”. De frente pra uma porta ruína que provavelmente representa uma das etapas de algum massacre. E sigo assim, doidona na missiva. E paro, pq pode piorar a cafonice.

Beijos Vito. Até já. Mari.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Date: September 7, 2015 at 8:26:12 PM GMT-3

Subject: Re: Primeira carta
From: Thiago Della Vedova <thiagovedova@gmail.com>
To: Vitor Paiva <vitorgpaiva@gmail.com>

Vitor,

Sua carta me comoveu. Quando chegou o email estava no meio de uma prestação de contas atrasada. Prestação de contas é que nem dever de casa para aluno. Chato para fazer, é daquelas coisas importantes e obrigatórias. E olha que eu faço tudo certinho, sem nota fria, sem gordura, tudo dentro e na forma da lei. Mas me dá uma preguiça de preencher aqueles formulários e quando engato a primeira não gosto de parar...

Mas veio sua carta. De início só ia dar uma olhadinha e deixar pra depois. Mas não tinha como ler rapidamente e deixar esta emoção passar em branco. Também volto ao Baixo Gávea, naquela altura era fã do Os Outros, e para mim era uma questão de minutos aquela banda ia estourar. Você sempre gostou de dizer que me inventou e foi verdade. Não que existiam muitas opções no mercado, arrumar um produtor para uma banda iniciante é um artigo raro e eu tinha alguma experiência produzindo, era jovem e acreditava em vocês. Você sabia que isso era importante.

Fizemos muita coisa juntos. Você me desafiava, me empurrava pra frente. Foi assim que fizemos tanta coisa na tevê, Tv Cultura, Jô Soares, Altas Horas, Globonews especial, Agenda Cultural, Som Brasil (lembra quantas vezes você insistiu para irmos para lá?). Foi assim também com festivais e pelo Brasil, como no RecBeat. A gente chegou perto e te juro que não sei dizer exatamente porque não aconteceu de verdade.

Mas foi por conta da nossa parceria que eu comecei a trabalhar com outros artistas e fazer outros trabalhos, Oi Novo Som que me levou para o Oi Futuro, eu só conheci o Bruno Vieira porque Os Outros ganharam a melhor banda de Rock. O Cinematheque e o grupo Matriz...

Me sinto tendo vivido uma cena. Me lembro de ocupar tantos lugares, de fazer tantos shows. E quando estávamos juntos no Dia da Rua, eu, você, Miguel Jost e Qinho. Fizemos algo importante na cidade.

Mas de uma hora para outra, enquanto furava um gelo ou abria uma porta, o que se via não era um corredor, mas outra porta. Era difícil para mim, trabalhava

com tantas bandas talentosas e diferentes e apesar de terem conquistado coisas bacanas a estrada continuava longa. Mas era o sonho de todos estes personagens que estava na minha mão. ou sobre os meus ombros. E este peso era enorme.

O fechamento do Studio RJ, espaço inaugurado em 2011 no Arpoador com o objetivo de impulsionar novos artistas na cidade do Rio de Janeiro, foi simbólico. A casa queria reproduzir no Rio o sucesso do Studio SP e seu papel na cena local, ela foi fundamental para o surgimento e a consolidação de toda uma geração de artistas que emergiram em São Paulo na última década (nomes como Tiê, Céu, Tulipa Ruiz, Criolo, Mallu Magalhães). O projeto não foi adiante. Antes disso, acontecia o mesmo com o Cinemathéque, apenas três anos depois de se tornar um dos mais importantes e ecléticos pólos irradiadores de cultura do Rio.

Um processo cíclico de extinção de casas de show se repete na cidade: Ballroom, Mistura Fina, Estrela da Lapa e porque não o Canecão? A Zona Sul sofre com a Especulação imobiliária e há pouco tempo com a redução da capacidade dos teatros, após a tragédia de Santa Maria.

E ao mesmo tempo a gente estava mais velho e todos já estavam morando sozinho, cheios de contas para pagar. Naquela altura eu além de produzir as maluquices que toda aquela cena aprontava eu também era co-criador de tudo aquilo, um produtor-artista como você mesmo disse. Estava ficando difícil co-criar coisas bacanas. Sempre fui um produtor de campo, estilo “mão na massa”, mas saúde não era a mesma, estava precisando de um tempo para mim.

Deixar de trabalhar com bandas, era importante para minha saúde em vários aspectos, inclusive a saúde amorosa e financeira. E em 2014, quando isso acontece em definitivo eu tinha conquistado uma carreira de realizador de projetos musicais e de curador.

Devo o fato de ter me firmado ao trabalho com todos vocês, eram muitas conquistas e eu era uma intersecção no meio daqueles artistas. Mas não acho que a nossa cena recebeu um tiro de misericórdia. Alguns artistas ainda estão aí. Alguns bem sucedidos na minha opinião. O que aconteceu é que já tem artistas mais novos que o nosso CEP 20.000 que já estão com o hype que a gente teve e isso dá a impressão que os artistas de nossa época se foram.

Talvez o Rio anda pior do que a gente. Isso sim eu sinto muito.

Sinceramente meus sonhos hoje são mais pessoais. Estou em busca de um Vedovina. Mas a música segue nas veias e quando dão espaços eu crio novas coisas. Este ano estive no Imperator, fiz coisas incríveis no Sergio Porto e no Oi Futuro, boleei um projeto para as Sandálias de Ipanema e o Dia da Rua foi mágico. Já o Rio de Janeiro... ele continua lindo???

Saudade de ouvir você falar. bjs

--

Thiago Vedova



3.2 por uma escrita da falta

Curioso voltar a falar dos mortos, visto que todo esse processo de troca de cartas começou falando de e com um. Seu pai tem toda razão em seu sonho: memória não é comida. Memória é ficção, não alimenta ninguém, e escrever esse troço aqui tem mesmo a ver com os mortos e a criação que fica como ofício dos que vivem (e a fome dos que ficam). Talvez agora comece a entender porque deixei vocês pro final. Não foi fácil assumir (e a palavra é mesmo essa: assumir. Dizer em voz alta. Dar corpo) que faria todo esse processo de rememoração e ao mesmo tempo cristalização de algo tão pueril, tão passageiro e delicadamente pequeno que mal seria um assunto, não fosse o gesto de torna-lo: nós, nosso pequeno grupo, que atuou e atua em um pequeno cenário, e que eu agora estou aqui terminando o processo de tentar contorna-lo de certa forma, alguma forma, a fim de que algo pare em pé. É claro que tal gesto nem se fazia necessário; foi somente uma decisão, tal qual fazemos com os mortos. A decisão de falar sobre isso, desenhar esse contorno, e assim torna-lo um assunto – e lutar para que esse assunto seja relevante.

A luta maior é fazer isso sem engessar coisa nada: nem coisa, nem passagem, paisagem ou personagem. Talvez por isso a escolha das cartas – em que podemos justamente falar como irmãos, encurtar as distâncias, nem tanto de estados geográficos, e sim de estados de espírito. Assim, que as vozes falem como são, a fim de que isso também seja informação – mesmo que esse “ser” das vozes também seja encenação, artifício, decisão. É como você mesmo escreveu: acabamos por juntarmo-nos em nossas avalanches. Quero crer que essa sucessão de avalanches que tenho reunido faça sentido como uma avalanche só. E, nesses sentidos – os mortos, a memória, a ficção, a escrita – achei um trecho não do texto do Câmara Cascudo, mas do Machado, da crônica de onde o Câmara tirou sua epígrafe, que bateu bonito aqui feito, como diria o nosso morto, um soco nos ovos:

“Não abaneis a cabeça. A vossa incredulidade vem de que a fazenda do homem, os seus cavalos, as suas bolivianas, as suas letras e apólices valiam realmente o que querem que valham; mas não fostes vós que vos matasse, foi ele e nada disso era vosso, mas do suicida. As coisas têm o valor do aspecto, e o aspecto depende da retina. Ora, a retina daquele homem achou que os bens tão invejados de outros eram coisa nenhuma, e prevendo o pão alheio, a cama da rua, o travesseiro

de pedra ou de lodo, preferiu ir buscar a outros climas melhor vida ou nenhuma, segundo a fé que tivesse”.

Deixei vocês para o final porque sabia, mesmo que intuitivamente, que essa seria a parte mais difícil, e precisaria de vocês como companhia – cicerones, guias. Estou que sou pura melancolia. Com saudades dos mortos, dos vivos, dos que nem vi por aqui – e talvez essa seja a matéria bruta dessas missivas: a melancolia. Como uma escrita da saudade, que é o que são as cartas, de maneira geral. Uma grafia desse sentimento, dessa coleção, uma ocupação em linhas desse espaço das ausências. Talvez não haja declaração de amor mais bonita do que essa: você me faz muita falta.

Essa é a tentativa: por uma escrita da falta.

Amo você – você me faz muita falta.

Beijo no beijo.

Vitor.

Rio de Janeiro, 27 de julho de 2015

Querido Vitor,

Olha que coisa interessante: hoje sonhei que te escrevia uma carta enquanto assistia uma defesa de tese na PUC (!). Estava lá quando veio a ideia de te escrever. Não lembro de quem era a defesa, também não lembro de quem estava lá, mas em dado momento, peguei uma folha branca como esta, uma prancheta e comecei a carta. O sonho parou quando comecei a escrever, pois logo depois me vi sobrevoando a baía de Guanabara, bem alto, perdendo velocidade e caindo até devagar até pousar na praia do Flamengo sem nenhum arranhão. Gosto de sonhar que estou voando. Era aquela fronteira entre o medo e a vertigem da adrenalina, quando o arrependimento torna-se inútil e a única coisa a fazer é se jogar.

Uma vez eu fiz isso. Passava um réveillon em Paraty, acho que em 2005 ou 2006, e lá havia (há ainda) um restaurante dentro de um sítio. A área era grande, com grandes árvores e um rio. Pois bem, nesse rio havia um poço onde se podia pular (tudo existe ainda). E no fim do ano chove muito lá, e o rio estava bem cheio e voraz. Fui ao poço e saltei. Imediatamente fui levado pela correnteza e não conseguia (na base da força) nadar até a margem. Não havia escolha, estava cansado e tive que me soltar. Com o corpo mole fui sendo levado pelo rio, batendo em pedras até me agarrar em uma enorme pedra redonda. A água batia nas minhas costas e a única coisa que eu tinha era uma pequena fenda na pedra onde me segurava com os dedos. Consegui subir na pedra, sair da água. Para minha surpresa, uma pequena cachoeira surgiria em 20 metros, mais ou menos, onde, com certeza, me quebraria todo.

Tudo isso pra dizer que ser artista é um pouco isso pra mim. Não controlar o rio, as águas, e ser preciso quando possível, mesmo que a gente se estatele na areia ou nas pedras.

Comecei tarde a escrever. 23 anos. Meu analista me deu um caderno para anotar sonhos e pensamentos e logo comecei a tentar uns poemas. Alguns anos depois comecei a andar com o Ericson. 2005, 2006 também. E ele me apresentou ao Guilherme Zarvos. Quando estava já com um bom número de poemas, precisava mostrar pra alguém “especializado”, pois todos os meus amigos da época apenas elogiavam. E lá fui eu pra casa do Guilherme no Catete. Ele ficava tirando e colocando a camisa, bebendo (?) quente, fumando cigarro sem filtro, naquela sala

cheia de livros no chão, falando sobre sua vida e sobre o CEP.

Ouviu os poemas e me deu uma lista de livros pra ler: Kaváfiz, Pedro Rocha, Bruno Tolentino, Paulo Fichtner, Kant, Nietzsche, Botika e ele. Tinha mais. Depois dessas leituras eu vim com os poemas que seriam o embrião do Corpo Aberto. Guilherme também disse que eu precisava conhecer poetas da minha idade, e me apresentou ao Paulo Fichtner, que se tornou um brother.

Já conhecia você de nome, do filme do Daniel Zarvos, do Tudo que não é Cavalo, Boca Aberta e Os Outros. Quando vi o filme senti que estava perdendo tempo, que era aquilo que eu tinha que viver, que eu deveria estar aprendendo também, e foi isso que o Guilherme fez.

Apesar das críticas, frequentei muito o Corujão, a pedido do Guilherme primeiramente, e lá conheci muita gente legal. Foi lá que conheci o Pedro Rocha!!!

Me contradisse. Nunca pensei que estivesse perdendo tempo. Acho que tinha que fazer as coisas, que tinha que fazer no tempo delas. Lógico que gostaria de ter vivido o CEP nos anos 90 e 2000, mas do Jiu-Jitsu para a poesia o caminho foi longo. (...)

Muitos perdem o guarda-chuva. Eu perdi a aura. O aqui e agora da minha autenticidade (...) Sou hoje antepassado e prole de mim mesmo. (Santiago, 2005)

Date: September 7, 2015 at 1:02:50 PM GMT-3

From: Thiare Maia <thiaremaia@yahoo.com>
Reply-To: Thiare Maia <thiaremaia@yahoo.com>
To: Vitor Paiva <vitorgpaiva@gmail.com>
Subject: prólogo

Repentinamente vem uma resposta. Já nem me lembrava mais o que de fato tinha escrito há meses atrás. Ao longo fui pensando... pra quem ele tá escrevendo isso? Fui tendo a sensação clara que não era só pra mim essa resposta. Um monte de gente ia ler isso... o que, sabendo disso agora com essa clareza, vai transformar a minha escrita? Talvez tenha transformado no exato instante que tenha me dado conta. Dito isso, digo mais. Que lindo tudo isso. Que linda nossa vida tão cheias de histórias, memórias e afetos.

Hoje tenho certeza que exerço toda a nossa dialética, criada com muito amor e muito tempo, por cada meandro dos meus relacionamentos. Foi uma espécie de formação. Juro.

Coragem é uma palavra que amo. Mas já entendi que até a coragem é questão pessoal e intrasferível. Cada um tem a sua e só pode ser medida por vc. O que pra uns significa coragem pra outros é obrigação, moral, última chance, passionalidade, desespero, amor próprio, ou falta de amor próprio, ódio, sobrevivência, ou mudança de paradigma.

Acho que vou levar meses pra escrever a sua réplica.

As angústias mudam de lugar. Elas caminham vc sabia?

Tenho achado que vou virar vegetariana acredita? depois de velha isso vem acontecendo comigo... por angústia. Por excesso de informação.

Ontem de manhã fui trabalhar e peguei por volta das nove um taxi no ponto da minha rua. O Taxista que nunca tinha visto me falou sem nenhuma cerimonia, como se tivesse me prestando um serviço:

-Lembra da Monica, Uma lourinha que trabalhava aqui.. Morreu ontem de manhã. Cancer no Cérebro. Ficou um mês internada. Morreu sem ninguém contar pra ela o que ela tinha. O enterro vai ser hoje. Nós aqui da Cooperativa vamos pagar o enterro.

Olho pra comida e não consigo mais ver formas concretas. Imagino onde ela foi plantada, fantasio igual criança. E quase nunca é bom.

Por hj é só, já volto beijo

pops

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412350/CA



Fonte: Acervo pessoal do autor

3.3 eu disse não

Venta muito aqui e eu não sei se é sobre medo. Mas existe o medo com certeza. Existe o medo e existem as baratas pra acabar com o medo. Existe o desconhecido e ele traz medo e esperança. Mas não a esperança que eu conhecia antes. É uma nova esperança, mais prática. Vontade de fazer com as minhas próprias mãos. Mexer na terra, mesmo seja batendo com os dedos no teclado do computador.

Devo sim, mas pouco. Sérgio Sampaio não conheço. E a esperança se abre como uma aba de computador para descobrir novos mundos.

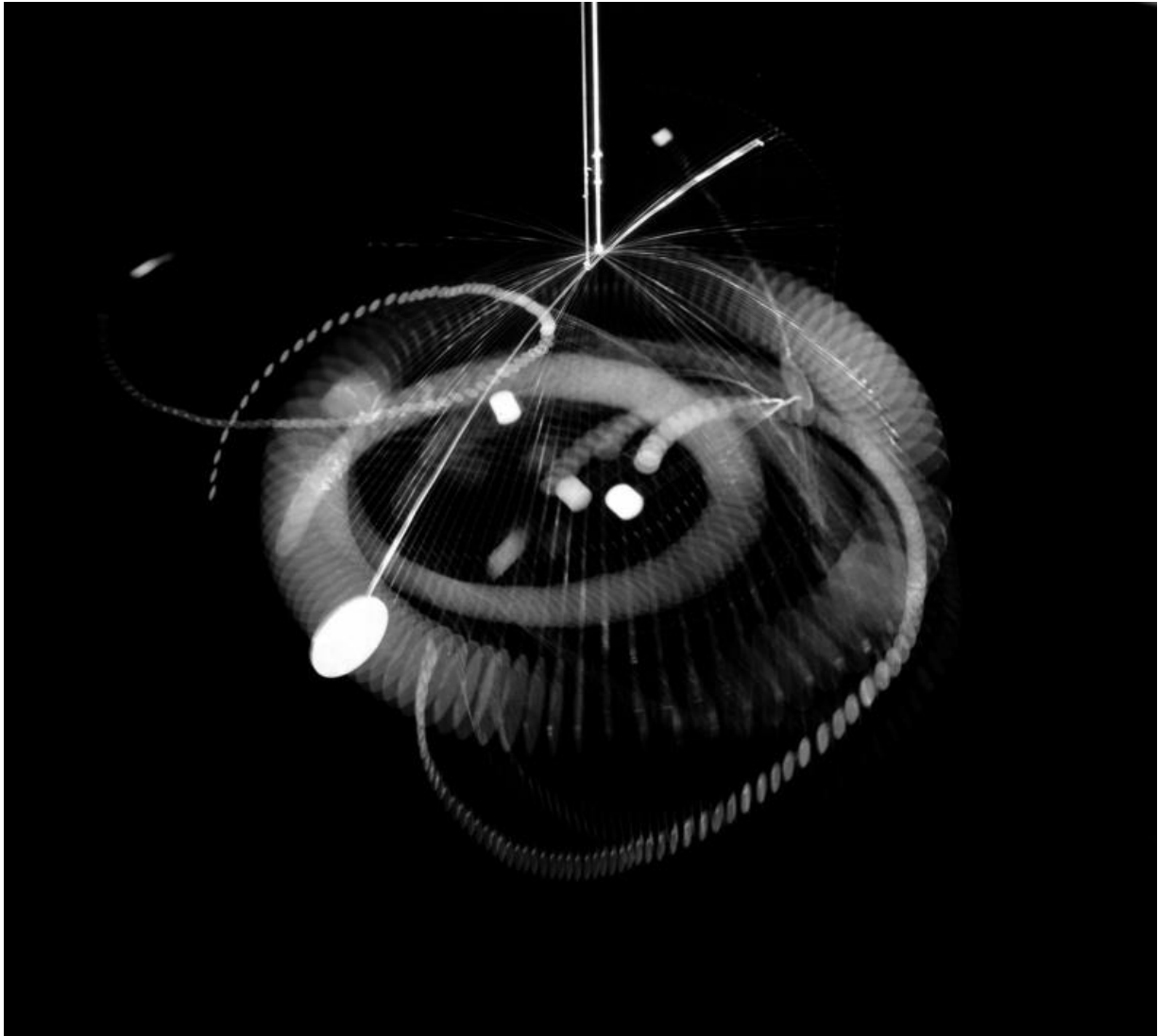
Queria ter conhecido o meu avô. Imagino ele inteiro e sei que isso é a memória da minha mãe. Dele nada sei que não seja a memória da minha mãe.

Hoje é o dia da independência ou hoje é dia da independência. E minha mãe - ela mais uma vez - me disse a frase: “teremos Temer como presidente do Brasil então não é?” Tinha um certo pragmatismo no olhar dela, mesmo que também tivesse um certo desapontamento. Era um olhar desapontado e pragmático recheado de explicações possíveis para que ela estivesse falando o que estava falando. Eu disse não e fui lavar a louça porque não queria continuar aquele assunto. Ela insistiu. Mas sentia que não era ela dizendo aquilo. Era uma outra pessoa, ou muitas no corpo dela. Era uma matéria de jornal ou uma conversa com alguém (Não seria tudo assim?). Mas não queria conversar. Me senti péssima por não querer conversar.

Amo de amor ter você no meu mundo e poder fazer parte do seu. Amo que podemos inventar mundos juntos. Não demora porque o tempo urge e grita feito um neném que nasce.

com amor, Nanda

Um móbile: uma pequena festa local; um objeto definido por seu movimento, que inexistente sem isso; uma flor que murcha assim que deixa de se mover; um puro fluxo de movimento, tal qual existem puros fluxos de luz. (Jean-Paul Sartre, “Les Mobiles de Calder,” Alexander Calder: Mobiles, Stables, Constellations, exh. cat. (Paris: Galerie Louis Carré, 1946), 9–19. [Tradução do autor]).



Fonte: <http://www.calder.org/>

Tornava-me um estranho dentro de mim, era como todas aquelas noites calmas e os altos eucaliptos, as estrelas do deserto, aquela terra e aquele céu, aquele nevoeiro lá fora, e eu viera para cá com nenhum propósito exceto o de ser um mero escritor, ganhar dinheiro, ser reconhecido e toda aquela baboseira. (Fante, 2015)

Rio, 19/10/2015

Bilu,

É engraçado ler sua carta e, diante da grande quantidade de cartas que tenho recebido e respondido por conta desse projeto, perceber como ela se sobressai nesse mar epistolar no qual ando mergulhado, e se sobressai pelo viés da emoção, da aproximação, da intimidade e do direto ao ponto no meio do meu peito. Talvez alguém de fora que leia essa carta não seja capaz de compreender essa minha fala, e é por isso mesmo ela se confirma. Me comovi muito te lendo, talvez porque seja tudo também meu – seja tudo verdade. A gente esteve muito junto de fato – e porque quisemos. Sonhamos pra cacete, e quero crer que ainda sonhamos juntos, mesmo que não necessariamente e singularmente o mesmo sonho.

Não estou falando só do tanto que construímos, corremos atrás e fizemos acontecer – na medida do eterno embate entre o que desejamos e o que conseguimos fazer – mas também das lutas íntimas, da impossível arte de conviver, de ser um só em um grupo. Nesse aspecto, creio que só colecionamos vitórias. Como disse na primeira carta, me angustia a palavra cena pra falar do que vivemos pelo sentido que ela naturalmente possui de encenação – hoje, me resta e me interessa muito mais aquilo que não foi encenado; quase posso dizer que me interessa mais o contrário do sonho; a vida real do que conseguimos fazer.

Assim, caguei pra qualquer questão sobre o que deu ou não deu certo. E não vou me valer do já gasto – ainda que totalmente contundente – ponto de que não é possível saber de fato o que é dar certo (ainda que não seja mesmo). O negócio é que eu poderia preencher um milhão de páginas aqui somente com pequenas histórias, momentos feitos para serem esquecidos, e seria disso que eu estaria falando. O bonito em tudo isso é que a gente realmente viveu uma porção de coisas, como você mesmo elencou algumas em sua carta. E isso, na verdade, sempre basta. É só o que basta. Se não bastar, me parece doença – querer ser uma outra pessoa que não você mesmo. Sua pergunta sobre o porquê da coisa não ter “dado certo” é linda, como tudo que é sinceramente triste e não possui resposta. Mas acho que a gente não precisa mais fazer essa pergunta.

Talvez ande meio hippie, não no sentido do slogan hoje esvaziado, mas sim desse como sendo o último movimento coletivo que realmente tentou mudar o status quo. Por esse olhar, o que deu certo deu certo, e o que não deu não tinha que dar – e, assim, deu certo também. Estamos bem, meu irmão. (...)

3.4 a banda acabou, muitas bandas acabaram

Quando eu tocava no Paranoia Máxima, isso era 1993, não dava pra se movimentar tão facilmente dentro do universo musical. A banda acabou. Muitas bandas acabaram, o Empadinha de Jiló e o Pássaros Imaginários, por exemplo, ou o Coma, o Na Esquina do Rocha.

(deve ter um erro de concordância aí nesse negócio de “a” banda e o “o” Empadinha de Jiló e em todos os outros “os”, mas como o texto é escrito hoje, quando o gênero está querendo ser mais livre, podemos perceber que ele já se queria assim, livre, dentro do mecanismo da língua/fala há muitas estações atrás).

3.5 pra você que me esqueceu

Não, o Rio não continua lindo. Não podemos esquecer que essa é uma música de cadeia, de cinismo, triste e que diz adeus. Dias atrás fui ao show do Gil e do Caetano, e ele mudou um trecho dessa música – justo o que acho mais bonito: de “pra você que me esqueceu”, para “pra você que NÃO me esqueceu”. Claro que essa é uma mudança funcional, comercial, para facilitar a fruição daquela plateia reta, endinheirada. De qualquer forma, achei sintomático. Mas a música continua triste. Como o Rio, eu acho. Afora esse sentido atávico da beleza da cidade, o Rio também é um sonho, no qual a gente abre portas para dar de cara com portas novas.

A vontade de ir embora só cresceu. Não sei se ela um dia se afirmará como um gesto, mas penso muito em poder migrar pra um lugar onde se possa fruir de coisas diretamente ao coração, e menos do esforço para simplesmente gritar que se está vivo (pobre menino rico! Mas é verdade, fazer o quê?). Talvez esse lugar não exista. De certa forma, entrar pra Embolacha é também me tornar um produtor-artista. E não são todos? Não devem ser todos?

Não sei também como faremos pra não perdermos de vez esse sabor da coisa fresca e maravilhosa que é correr riscos – e que vivemos juntos, tanto, naquele período, naquele Cinemathèque, naquelas viagens todas. Recife foi um auge. O lançamento dos dois discos – ainda que, no Pacote, já houvesse um quê de saudade, como também diz o Gil em “Outros Bárbaros” (Será que ainda temos o que fazer na cidade?). Nesse último show do Caetano e do Gil que vi, foi a primeira vez que gostei mais do Gil. Talvez esteja envelhecendo, ou ao menos percebendo outras belezas. Gil foi fúria, apesar da mudança conciliatória na letra de Aquele Abraço – ou nem tanto apesar, mas sim através do gesto conciliatório. Gostei de sentir isso.

O primeiro Dia da Rua também foi outro auge. Depois, me afastei – tanto na prática quanto no afeto. Acho natural que o projeto tenha tomado um caminho mais comercial, que o fez viável, mas não tenho como não frisar que acho triste, e que nós poderíamos sim tê-lo mantido em nossas mãos, mesmo que ele não nos desse um real em troca. Os financiamentos coletivos têm me ensinado muito isso. Acho que seríamos mais felizes. De qualquer forma, é lindo que tenhamos feito, é lindo que ele ainda exista, e nisso é possível me contrariar pra dizer que sim, o Rio continua lindo – mas o Rio que somos nós, e eles, que são as pessoas que fazem

essas coisas.

Achei agora essa carta um pouco melodramática. Talvez tenha faltado pólvora. Acho o Dia da Rua uma merda hoje. Pronto. Acho que sim, o Rio anda pior do que a gente (isso que quis dizer no último parágrafo), e acho que o Hyde que nós mal chegamos a viver, e que é vivido, igualmente feito migalha, por novas gerações, é triste e enclausurador. Ver o Gil cantar me fez me sentir diante de algo como uma orquestra sinfônica tocando Wagner – velho, forte, inalcançável, maravilhosamente atual, contemporâneo pelo que possui de intempestivo, mas, acima de tudo, algo que me deu a impressão de que jamais se repetirá. E essa impressão, tenho a impressão, só aumenta, conforme se dilui a sensação desse sabor de que falei. Sensação de saudade, de despedida. Pra você que não me esqueceu, que me esqueceu, que nunca soube de mim, aquele abraço.

E todo amor.

Vitor.

3.6 não tenho mais a pegada do lutador

O Ericson foi uma história em três partes distintas. Primeiro na época que eu era faixa azul juvenil, e via o Ericson nas seletivas da Alliance para os campeonatos. Ele já era preto nessa época. Talvez tenha treinado com ele, não lembro, ele com certeza não, mas quando conversávamos sobre Jiu-Jitsu era como se treinássemos todos os dias. Era bom falar de Jiu-Jitsu com ele. Depois foi nessa época pré-Zarvos quando ele namorava a Maya e eu gostava de uma amiga dela. Os amigos da Maya sempre diziam que eu tinha que conhecer o namorado dela. Quando fomos apresentados no Empório uma vez, pensei: Ah, esse cara! E depois, a partir de 2010 até aquele dia no Cabidinho.

Sabe Vitor, sou muito ligado a essas coisas, nunca pensei que fosse viver aquele período todo começando naquele dia, logo depois da perda que sofri na família. Eu, você e Pedro só, quando veio a mensagem, a preocupação, o medo, as primeiras indagações, a negação, o sofrimento, a esperança e a morte. Perdemos nosso amigo Ericson Pires e nossa vida nunca mais foi a mesma.

Acho que isso tem um pouco a ver com meu sonho, com o rio, não controlarmos nada. Mas podemos nos agarrar na pedra e tentar ver o rio adiante, de repente construir uma canoa, remar junto, dividir o peixe, ficar deitado na praia sozinho.

Ô meu nego, como eu te admiro, como é bom viver essa vida fazendo o que a gente faz, como é bom discutir, discordar, rir, encher a cara, pular de pedra em pedra e se jogar no poço quando possível.

Sempre que escrevo alguma coisa de prosa penso no que você me disse sobre esgotamento de parágrafos, Garcia Márquez e ir com toda potência até onde der.

(Neste momento há duas maritacas pertinho da minha janela, acho bonito isso enquanto te escrevo essa carta)

Poderia ir mais, falar do Rimbaud, Uivo, FIFI, Flamengo, poesia falada, livros, mas prefiro esgotar aqui. Minha mão dói um pouco, não tenho mais a pegada do lutador, os únicos quimonos que uso são meus blazers (opa, será que...). Termina aqui, meu amigo, me sentindo um modernista.

Vamos nos encontrar logo, tomar uma por aí, falar de tudo.

Um beijo do seu,

Pedro Lago.

Rio de Janeiro, 05 de outubro de 2015

Nanda,

Nossas primeiras cartas tinha um certo sabor de nostalgia e distância, que ironicamente – e por conta de minha demora em responder, admito – o tempo tratou de transformar, talvez por mero capricho, talvez por certo destino que nos atravessasse – não esqueça que usei aqui a palavra destino – e agora temos nos visto com frequência, por conta do trabalho das cartas do Henry Miller e da Anais Nin. Logo, se o endereço do remetente permanece o mesmo, é como se escrevesse essa carta de um outro lugar. Melhor, acho.

Mais do que como é nossa relação com o Natal, me espanta que ainda tenhamos alguma relação com isso. Mesmo que em nome de algum deleite infantil, arrisco dizer que me assusta que esses assuntos, essas datas, esses fantasmas, essas bandeiras de assustar, esses mini-sequestros invisíveis, sequer existam, mesmo que invisíveis, mesmo que mini, mesmo que vazios e furados.

Pedro Rocha costuma dizer que gostaria de viver em um mundo que não tivesse data comemorativa alguma – nem ano-novo. Um mundo em que viveríamos simplesmente atravessando o tempo e envelhecendo pelo que é visível, e não por decreto. Acho bonito e, como é impossível, gosto de ser partidário desse sonho.

O que quero dizer (e que me veio à cabeça ao ler sua carta) é: não acredito em deus. Mais. Me sinto um antiteísta (não só não acredito, como acho maravilhoso que não exista; seria terrível se existisse). Sei que isso não é novidade, mas de certa forma essa pra mim se tornou uma causa nobre e limpa pela qual gosto de lutar. E sinto que essa intensificação me abriu mais espaço para a imaginação e a (boa) fantasia, a que produz, a que liberta, a que questiona e muda. Gosto mesmo da utopia de poder questionar tudo e duvidar de quase tudo, crer que tudo pode ser diferente, e talvez parafrasear Torquato Neto no que pode dar certo – mesmo que devamos ter também tempo a perder. Ainda que dono da verdade e cheio de reis na barriga, na hora do vamos ver, me sinto partidário é do Não Saber. Não sei de mais coisas do que sei de outras. E dói mas é bom.

Me lembro da gente vendo um documentário sobre o Clash na sala da casa da sua mãe. Raramente ficávamos na sala, mas nesse dia ficamos. É um grande filme sobre uma grande banda – das maiores, a única banda que importa. Acho que o Clash é uma banda que fica mais aguda e violenta com o passar do tempo – uma

banda por vir. Vale o ouvido. Lembra? Curte?

Não ficávamos na sala – era como se vivêssemos sozinhos naquele apartamento, ainda que jamais – e não me lembro de jamais ter falado sobre política com sua mãe (com seu pai, sim, como esquecer [risos]). Na verdade, pouco falei naquele apartamento, não sendo com você. Porque será que no tempo em que vivi lá – e entenda aqui tempo também como espaço – me vesti de uma persona tímida e fechada (que sou, mas que nunca uso em público)? Sempre me vi como um falso extrovertido que, de tão tímido, prefere logo de cara revelar o que considera seu pior segredo, viver de uma vez seu pesadelo encarnado, e assim seguir a diante, aliviado e aterrado no que se quer viver. E, por algum motivo, na sua casa (da sua mãe), eu era um tímido de fato. Talvez seja bonito, pensando que talvez esse fosse mesmo eu (confortavelmente sofrendo, aliviado, por não conseguir dar um pio). Temer não será presidente do Brasil. Pelo menos, não agora. Não desse jeito. O que será disso? Não sei. Quem disser que sabe, não sabe de nada. Acho que será menos do que dizem, e mais do que gostaríamos. Só o Clash salva.

Sei que estamos distantes das coisas que importam, e talvez não seja possível estar mais perto delas, mas gosto, acho melhor pensar, que temos o dever de estar (ou de ao menos sabermos o que importa ou não). O cansaço me parece que tem que ser uma virtude do sonho, e não da apatia ou desistência (fiquei com vontade de saber mais sobre seu desejo de escrever – se tornar escritora? Deixar de atuar? Qual o sentido desse movimento?)

Todo amor,

Vitor.

PS: Como posso ter deixado passar, como mote para essa carta, a escrita do Henry Miller e/ou da Anais Nin? Não sou mais o mesmo. Francamente.

Rio, 03/12/2015

Vitorino,

Construímos esta estrada juntos e você sabe que o meu sucesso nesta caminhada contou com a sua força e apoio, ninguém foi tão importante como você. E dialogar e rever o passado é emocionante, principalmente porque nossas conversas andam escassas.

É claro que demos certo, meu amigo. Nossa geração está viva. Muitos de nós somos protagonistas, vários artistas ainda estão por aí, muitos músicos estão em grandes gigs e veja o nosso amigo Alessandro, que está iluminando a performance de meio mundo.

Quando você fala “das lutas íntimas, da impossível arte de conviver, de ser um só em um grupo”, penso no quanto atuamos na articulação deste grupo. Obviamente o fato de em algum momento eu ter produzido oito artistas foi importante, mas foi muito maior do que isso, muitas conversas, convites para show e a cumplicidade nas dificuldades que todos nós enfrentamos. Neste sentido lembro da importância do Cinematheque e do Leo Feijó, aquele espaço sagrado para todos nós e um importante ponto de encontro e de convergência. A Bolacha também, né? E eu estava lá. Participei daquela luta também e confesso que achei que aquele projeto todo ia morrer. Mas que bom que vocês surgiram e a Embolacha recussitou.

E juntando (ou tentando juntar) seus comentários do show do Gil & Caetano e o embolacha, queria te dizer que o ano de 2015 foi muito difícil. Foi difícil ver os horrores do fundamentalismo religioso, seja na formação das dura lex, sed lex, no parlamento brasileiro, na vingança às caricaturas de jornal, ou em ataques a qualquer inocente todos os sertões do mundo. Doeu demais ver a tragédia da crise dos refugiados na Europa, a foto do bebê Aylan (eu cai no sentimentalismo da imagem). Foi inacreditável ver um rio morrer e desaguar em lama em toda a política brasileira. E talvez o pior de tudo foi entender que estes temas viram flax flu's em rede sociais e que no final de conta somos classificados em caixas brancas ou pretas, sem esquecer das múltiplas e infinitas tonalidades de cinza.

Mas esta nova Economia: colaborativa, cicular, compartilhada, que a Embolacha faz parte, todos estes movimentos virtuais e hashtags, como as que as mulheres usaram de forma tão bonita, me dão esperança. Será possível transformarmos a maneira de nos relacionarmos, de fortalecermos os diversos de

grupos de pessoas à margem da sociedade, de aproveitarmos de verdade as novas de formas de financiamento, produção e consumo? E mais veremos nascer uma nova forma de fazer política e de gerenciarmos nosso espaço?

E não posso deixar de terminar falando do Dia da Rua. Queria te dizer que te entendo, mas não posso deixar de discordar de sua posição. O Dia da Rua que a gente criou. Aquele que fundamentalmente Qinho, eu, você e Miguel Jost elaboramos, foi uma das coisas mais lindas que foram feitas no Brasil depois do ano 2000. Um evento político, um manifesto, um verdadeiro movimento de ocupação cultural do espaço urbano e que foi precursor de uma série de festas e eventos que cada vez mais, e graças a deus, invadem a cidade. Aquele evento morreu. Mas além das suas cinzas terem se espalhada. O novo Dia da Rua, aquele que nasceu em 2011, com patrocínio e com uma embalagem mais corporativa, mais limpinha, é muito importante. Não subestime a dificuldade que é arrumar um patrocínio e fazer um evento que continua distribuindo este dinheiro de forma bem igualitária entre as bandas e fornecedores. De dar espaço todo ano a dez novas bandas e de continuar na rua, sem se acomodar. Queria que tivessem muitos mais dias da Ruas do que Noites Cariocas, Rider Weekends, Open airs ou Rock in rio's . Queria que tivesse de verdade muito mais eventos que paguem um cachê digno e a cada ano melhor para as nossas e as novas encenações.

Mas isto também virá, assim como eu verei o Rio Doce renascer. E que assim seja.

Beijo grande

Rio, primavera de 2015

Lake,

Será que no seu sonho era eu quem defendia a dissertação? Parecia bom? Ou ao menos sobrevoei a Baía de Guanabara contigo? Tem tanto material aí nesse sonho, que poderíamos nos perder em muitas páginas só nesse seu primeiro parágrafo: pousar sem nenhum arranhão, a fronteira entre o medo e a vertigem da adrenalina, quando o arrependimento se torna inútil e a única coisa a fazer é se jogar... Porra. A vida.

Não sou muito de lembrar dos meus sonhos. Raramente acordo com uma história pra contar – e, quando ocorre, costuma ser a coisa mais mundana possível: jantei com alguém, depois caminhamos pra casa. Briguei com fulano. Transei com fulana. Fim. Houve, porém – e volte e meia retorna – uma época em que sonhava muito com aviões. Aviões gigantescos, com um pé direito de 20 metros, aviões estacionados na borda de um abismo – balançando entre a queda e a firmeza do chão, e eu dentro -, aviões estacionando em avenidas lotadas de gente, e por aí segue. Certa vez sobrevoei também a baía de Guanabara, mas em um Zepelim transparente; dentro dele, os passageiros também flutuavam. Foi delicioso (ser artista também pode ser isso, quero crer).

Porque nunca cheguei perto de me afogar – no máximo tomei uns caldos angustiantes na praia do Leblon, na minha infância. Mas arrebentei meu braço, você se lembra, e tive de fazer duas cirurgias e um ano e meio de fisioterapia para poder retomar o movimento e convencer novamente meu cérebro de que estava tudo bem – mesmo que o braço nunca mais tenha sido o mesmo (ser artista também pode ser isso, de alguma maneira).

Me espanta que seu começo na escrita tenha se dado tão tardiamente, e quase por acaso – visto que você sempre foi pra mim um animal ávido e obsessivo com tudo que a escrita, e principalmente a poesia, pode ser e nos trazer. Te conheci pelo Ericson, e talvez esse seja o filtro, a lente dessa minha leitura (um outro animal ávido, obsessivo e incontrolavelmente apaixonado).

Acho que de início – e também por isso – te achei estranho. Não em mal sentido algum, mas achei difícil sacar sua onda (que era só amor, afeto, carinho, e pensamento, ideia, sonho – hoje, moleza, pura delícia, pura recíproca). Como quase tudo que vinha do Ericson pra mim era amor e desafio, talvez eu tenha te colocado

nessa gaveta também (que era maravilhosa porém às vezes muito dura), ao passo que, superada a obrigação que o Ericson me impôs sobre “ter de gostar” de você, eu de fato passei a te reconhecer como um de nós, um de sempre, e também me espanta lembrar que você não estava lá no CEP nos tempos em que nós estávamos nos formando em toda aquela demência. Mas você estava.

Do Corujão nunca gostei especialmente – você sabe disso. Respeito e sempre comemoro que um evento de poesia se torne um tipo de êxito (mesmo que mini), mas acho que aquele lance meio auto-ajuda, meio auto-laudatório, meio aleatório e um tanto acrítico sempre me repeliu. Pra mim era um pouco como continuar a ser hippie depois do assassinato no show dos Stones, ou do Charles Manson e da permanência da Guerra do Vietnã – aqui, do AI-5. Não dava. Era pouco. Precisava ter um pouco mais do cheiro e da sensação da vida que é louca, demente, maravilhosa, cruel, terrível e incrível, saca? Acho, na real, que nunca gostei muito de eventos de poesia. Eu gostei foi do CEP. E das pessoas (talvez tenha um tanto de um desejo nostálgico, século XX, da curadoria, da crítica, do que separa algum joio de algum trigo, que é babaquice total

– e que nunca senti que havia no corujão – mas que faz, quando a coisa se encaixa, um evento como o CEP ter uma força impressionante. CEP é século XX, e eu amo o século XX, mesmo que ele já tenha acabado, ainda que ele insista em nunca acabar. Pobre cadáver que não pode morrer – risos).

Mas, acima de tudo, você sabia do Ericson lutador e professor de um ponto de vista que eu nem nenhum dos nossos (que me lembre) já soube: do tatame. Mesmo que você não tenha treinado com ele, você o viu lutando, e sabe do que se trata. Jiu-jitsu, pra mim, até o Ericson era aquela luta que, nos anos 1990, a playboyzada da escola usava pra oprimir os maconheiros e nerds como eu (cabeludo, camisa do Nirvana, tirando 10 nas provas e querendo saber de ter uma banda e falar de música). Isso, esse olhar que só você pôde ter, também me fez afiar o meu olhar pra você (já passados muitos anos desde que deixei de ser o cabeludo da escola). Ericson fez desse lado dele algo quase mitológico: o cara que dava aulas de jiu-jitsu, faixa preta, e lia poemas pros alunos. E fazia balé. Foi esse o filtro que se impôs sobre você. Ainda bem.

Ao mesmo tempo, eu curtia quando me aproximava de algum desses playboys na escola, e até ficava amigo. Minha adesão precoce à maconha (e minha dedicação canina a esse assunto, na época) me permitiu criar laços com os jiu-jiteiros

que queriam fumar, mas não sabiam como arrumar, por exemplo. Fiz alguns amigos assim, e me lembro também de um deles – o mais lutador de todos, mais cabeça raspada, mais boné da NBA, mais braços cruzados, mais pegador, mais bermuda de tacetel possível – que um dia me pediu pra ler um poema que ele tinha escrita pra gatinha que ele queria conquistar – e que havia se tornado minha amiga, porque gostava das coisas que meu pai desenhava. Eu li, mexi um pouco no poema, sugeri uma ou outra coisa, e ele mandou pra ela. Não sei se conquistou ou não, mas passamos a ter como segredo em comum aquele lapso de fragilidade. Anos mais tarde, um outro brother dele, igualmente jiujitero, apareceu no CEP e, sem me reconhecer, pediu pra falar um poema. Eu, mesquinhamente, neguei, em vingança. Hoje vejo que fui bobo – a maior redenção seria mesmo ele subir ao palco. Mas na hora curti o mundo dando voltas, admito.

Estamos sempre agarrados nas pedras, afinal. Eu, você e Pedro vivemos a morte do Ericson juntos, do mesmo início, e isso é um troço que nunca perderemos de vista. E, na medida do que podemos fazer pra seguir fazendo, sobrevivendo, pirando, afogando e voltando, isso aí é amor pra cacete. Pena que teve que ser assim, mas já não é mais assim como nos foi imposto. A gente fez disso o melhor que pudemos fazer, quero crer. E isso é muita coisa – e não deixa de ser conseguir pousar, com vários arranhões, mas inteiros – porque a inutilidade do medo e a vertigem da adrenalina, nesse caso, se impuseram desde o primeiro instante, mesmo que o medo tenha sido também senhor de tudo, e em certo sentido, tenha vencido. Arrependimento de fato não há, acho. Se jogar foi, menos do que o mínimo, a única coisa que pudemos fazer. Foi o passo seguinte, e talvez continue a ser – isso se tornou a vida depois daquele dia no Cabidinho, né? Que bosta maravilhosa. Que merda sensacional.

Me sinto um modernista algumas vezes por dia. Não acho que seja bom, mas acho que parece feliz. Será?

Vamos sim, tomar umas por aí – sempre.

Um beijo e um amor

Vitor.

e prestaram esclarecimentos de tumultos de ontens em rio-artes, suados e pálidos, sem dormir e gelados mas irrefutáveis,

que apertaram livros e revistas em cubículos de salas de galerias e nomearam “loja” e convocaram confusões e fins de mundos e anunciaram

“Morrer” e escreveram cartas abertas e cuspiram caldo de piranha e cachaça pra cima e perderam dentes enquanto recitavam e quebraram

dentes em microfones enquanto cantavam e ficaram nus na música

punk, e tomaram banho em banheiras de coca-cola e pintaram o cristo de vermelho, o mar de vermelho e fizeram picas em terços e tomaram choque ao sabor da

plateia e queimaram dinheiro e trouxeram à tona a mulher de lábios vastos transmutada em arraia e fizeram ressurgir o morro do castelo até

onde o mar vinha, até onde o Rio ia, e convocaram fantasmas de poetas em confrontos imaginários, e afrontaram o poema mal traduzido e espezinham o tradutor e destruíram suas próprias certezas vociferando

estarmos enganados, mal cuidados e ridículos diante de um marco construído de lixo e sustentaram a última possibilidade de não se abandonar

a discussão e sustentar uma única saída que seja sermos simplesmente nós com nós mesmos, e deflagraram o afeto bradando “eu estou

aqui e isso já é suficiente!” e se debruçaram sobre os seus e realmente

construíram relevância e se dedicaram e fizeram a diferença alavancando seus textos, e não aceitaram pequenas injúrias na surdina

diminuindo seus pares e fizeram pouco caso de glorinhas que nada significariam, e juntaram-se apenas para fazer o carnaval e ogivas,

que decidiram que poetas virariam livros, mesmo que tardios, e que acabaram por inaugurar uma nova etapa, e semearam diálogos e forçaram a existência do que não se pensava existir e ainda fazem caminho,

que aprenderam e ensinaram e amaram por exercício e foderam por empatia e rebolaram e seduziram e escreveram rezas sacanas publicaram

jornais e revistas quando tudo se fazia avesso, pintaram metralhadoras e incendiaram ônibus em placas de pontos denunciando a raiz,

colaram bocetas e corpos nas superfícies comuns aos olhos, construíram cidades dormitórios dentro da cidade sem teto,

que desobedeceram a luz e não foram para casa e perderam a comunicação para continuar em contato, e defumaram a cidade ao som da lata

sendo porrada por pedaços de cabos de vassouras e ainda assim se perguntaram: “o que está acontecendo?” (Rocha, 2015)

Rio, s/ data

Pedro,

A resposta que naturalmente brota é: não, não existe esse lance de geração. Certamente nunca existiu de fato, pois senão

(Entenda essa carta como um respiro. Como aceitar o convite e voltar pra casa. Poder falar contigo é sempre isso, como uma casa. E talvez eu sinta isso mais no que não concordamos, no que não somos parecidos. Sempre disse para o Botika que eu e ele somos irmão gêmeos na diferença. Eu e você talvez sejamos água e óleo que se misturam.)

teria de aceitar o fato de que você, por exemplo, seria de outra geração que não a minha, e tantas outras incongruências, exclusões, injustiças e ausências que coisa ganha escopo de rótulo funcional, comercial até, e nada mais. Talvez o papo do Agamben sobre o contemporâneo ser o intempestivo, numa desconexão e dissociação em relação ao presente, um certo anacronismo, aquilo que justamente não pertence, mas que ilumina a sombra de sua época, no entanto, resolva essa questão numa outra direção: as gerações existem, mas elas não são em nada o que pensamos que são. Elas seriam como espaços amorfos de tempo, que morrem, se quebram, retomam, desviam, seguem, se esvaziam e se preenchem, se encontrando entre pessoas e locais que não precisam literalmente conviver ao mesmo tempo – tempo no sentido duro e sequencial do termo. Não entendo quase nada de física quântica, buracos negros, dobras no espaço/tempo, ondas gravitacionais – que você dia desses tentou me explicar – mas sei que tem a ver. Tem a ver. A ver.

Você mesmo falou do uso dos símbolos em desuso em sua carta, e isso me interessa muitíssimo. Me angustia profundamente a obrigação de se aderir a qualquer novidade imediatamente, sem que resista espaço algum para que se reflita ao menos, e até que se rejeite a necessidade de tal adesão. Estou falando de tecnologia, claro, mas também de rótulos, conceitos, desistências, adesões e decretos – de morte, de futuro, de passado, ideológicos, políticos – e até mesmo de normas do uso da língua. Essa não será a primeira nem a última vez que me sentirei um pouco velho enquanto escrevo. Mas foda-se. Nem a isso quero me sentir obrigado a aderir (e que fique claro que não se encaixa aqui a canalhice de propositalmente confundir revisões críticas históricas que deveriam se impor como o mínimo da convivência humana, com novidades do que hoje chamam de

‘politicamente correto’. Tudo que é o contrário do fascismo, que se opõe ao fascismo, não é uma novidade; sempre esteve aí. Aderir à oposição absoluta aos racismos, machismos, injustiças e igualdades totais sempre foi o mínimo. A diferença é somente o tamanho do palco que havia e ainda há para o teatro de sombras e fumaças que esconde a manutenção dos horrores).

Pois sim, você tem razão: geração é também exclusão. O negócio é que não dá muito para admitirmos a angústia da falta dessa nossa arquitetura, sem nos admitirmos anacrônicos, desejosos de algo que claramente o século XXI, ou os que o pensam e o decretam, já colocaram como encerrado. O desejo de arquitetura é um mal do século passado – a não ser que tentemos repensa-lo como algo atávico, essencial, uma parte profunda do ser humano, ora pulsante e brilhosa, ora moribunda e apagada. E acho que é nesse labirinto de palavras cruzadas que nos perdemos – perdemos nossos corações: conceitos não resolvem nada, tudo existe, e pulsa. Queremos sim arquitetura, queremos sim não ser somente o coro de um slogan auto-laudatório de uma personalidade que eventualmente conseguiu driblar um ou dois decretos e se afirmar enquanto um mini-símbolo disso que chamamos de geração. O problema é que esse nosso querer é tão inútil e inócuo quanto um conceito que nos protegesse dele. O jeito é mudar, se mover, e aprender a curtir a onda em que estivermos enquanto ela estiver de pé – sempre atentos para outros movimentos. Arquitetura é também o prédio que desaba.

Por outro lado, essas edificações interessam pouco, quero crer, a nós todos, ou teríamos trabalhado especificamente nessa direção. Porque elas exigem isso: atenção e dedicação total, para além de qualquer outro propósito mais nobre (oh, quanta nobreza, quanta nobreza, quanta pobreza, meu deus. Haja saco).

A primeira parte dessa dissertação estranha a que me propus, sua introdução, parte da voz de um morto, e de uma espécie de volta no tempo – repetindo diferente, como diria Nietzsche, e como disse Manoel de Barros. Depois, mandei todos pra fora do Rio ou do Brasil, como emissários que olham de longe pra descobrir o detalhe de si, e assim, de nós todos. Curiosamente, agora que chego ao fim, através da voz da Amora, retomo um pouco os mortos, e um silenciosa melancolia toma parte desse processo. Talvez uma melancolia enquanto um diagnóstico; um certo sentido de desistência até.

Pode ser que essa desistência seja sinal dos tempos, de maturidade (naquele aspecto de maturidade não referente a quanto tempo passou, mas sim a quantas

porradas já se tomou em determinada natureza de vivência), de desejo de novos horizontes – novas arquiteturas. E então essa melancolia se torna sopro de vida (toda melancolia é sopro de vida?), mesmo que seja um sopro mais duro do que desejavam nossos sonhos vãos. Ser prisioneiro daquilo que um moleque pensou que deveria sua vida ser é, no entanto, atestado de insalubridade mental. O mínimo que espero de mim mesmo é o oposto do mínimo de mim mesmo. E pra todos nós.

Tenho a impressão, por fim, que meus camaradas querem pouca coisa hoje, quase nada. Estamos só tentando outros jeitos. No mesmo passo, queremos tanta coisa – tudo ou nada – e, aos tropeços, estamos mais felizes assim. Daí a melancolia dessa parte final não se dissolve, pelo contrário; ganha espessura, corpo, grossa como fumaça, e é nela que nos apoiamos pra abrir caminho e deixa-la não pra trás, mas ao lado, com carinho. Escrever todas essas coisas em primeira pessoa, para outras primeiras pessoas, é duro, dói e edifica – o que não deixa de ser uma bela amostra de uma outra arquitetura possível.

Você começou sua carta dizendo que não estamos nos vendo tanto. Desde que sua carta chegou, nos vimos diversas vezes. Nesse encontro não há mais espaço pras ausências, meu caro amado Pedro; a gente já é isso aqui, esse eu no qual você sempre esta e estará. Até já. Todo amor que sou.

Vitor.



Fonte: Acervo pessoal do autor

A carta de Pasolini termina e culmina com o contraste violento entre essa exceção da alegria inocente, que recebe ou irradia a luz do desejo, e a regra de uma realidade feita de culpa, mundo de terror concretizado aqui pelo raio inquisidor de dois projetores e o latido assustador de cães de guarda na noite:

Assim estávamos, naquela noite; escalamos em seguida os flancos das colinas, entre os arbustos que estavam mortos, e sua morte parecia viva; atravessamos pomares e bosques de cerejeiras carregadas de gínjas e chegamos ao cume. De lá, viam-se claramente dois projetores muito distantes, muito ferozes, olhos mecânicos aos quais era impossível escapar (*due riflettori lontanissimi eferoci, occhi meccanici a cui non era dato sfuggire*), e então fomos tomados pelo terror de sermos descobertos; enquanto os cães latiam e nós nos sentíamos culpados (*e ci parve dessere colpevoli*), fugimos deitados, escorregando pela crista da colina. Encontramos então uma outra clareira coberta de relva, em círculo tão reduzido que apenas seis pinheiros dispostos a pouca distância uns dos outros bastavam para cercá-la; nós nos deitamos lá, enrolados em nossos cobertores e, conversando agradavelmente, ouvíamos o vento soprar com força no bosque, e não sabíamos onde nos encontrá vamos nem que lugares nos cercavam. Aos primeiros clarões do dia (que são uma coisa indizivelmente bela), bebemos as últimas gotas de vinho de nossas garrafas. O sol parecia uma pérola verde. Eu me despi e dancei em honra da luz (*io mi sono denudato e ho danzato in onore delia luce*); eu estava completamente branco (*ero tutto bianco*), enquanto os outros, envolvidos em seus cobertores como pedões, tremiam ao vento. (Didi-Huberman, 2011)


Eu criei uma porção de coisas para o céu aberto: todas elas reagem ao vento, e são como uma embarcação navegando, no sentido de que reagem melhor a um tipo de vento. É impossível fazer algo funcionar com todo tipo de vento. (...) Com um impulso mecânico, você pode controlar a coisa como em uma coreografia de balé e sobrepor diversos movimentos (...) Combinar um ou dois movimentos simples em diferentes períodos, no entanto, oferece o efeito mais fino, porque, ainda que simples, eles são capazes de alcançar combinações infinitas. (Alexander Calder, “Móviles” [tradução do autor])

Fiquei muito honrado de poder estar falando com vocês e espero continuar esse diálogo, esse papo, por muito tempo. A gente sabe que não tem como escapar.
(...)

O que fica pro final são aqueles dois papos que vocês mandaram pra gente um dia desses nas paradas da vida: por um lado, da adversidade viemos; e por outro, a casa é o corpo. Esses são papos fortes. É aí que a gente sabe que as coisas continuam. Fortes e diferentes.

Um grande abraço/beijo mundo desse que
joga essa garrafa no mar,

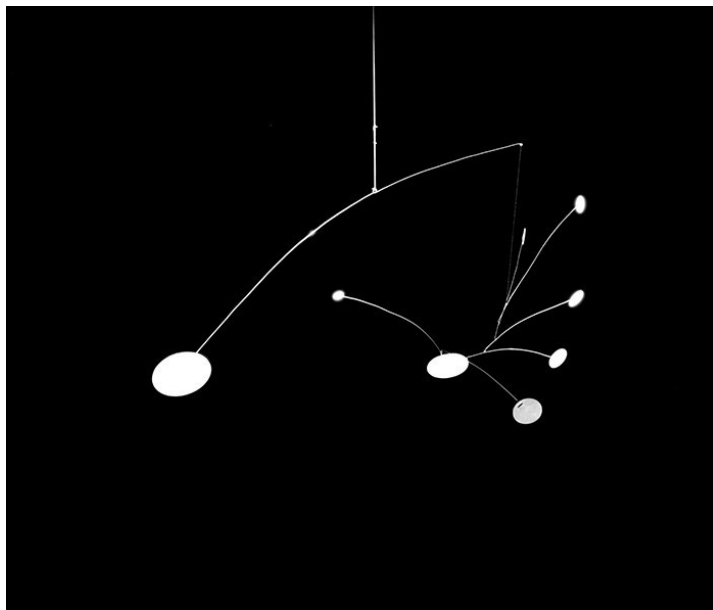
Ericson Pires

Recibo de Telegrama	Data	Hora	MB155409804BR 74101
	Nome Legível do Recebedor		
União dos Correios	Rubrica do Carteiro	Matrícula	Tipo/Serviços Adicionais DHP 15/06/2015 17:00 TCC

Correios TELEGRAMA Para enviar telegrama ligue 3003 0100 (capitais e regiões metropolitanas), 0800 7257282 (para demais localidades) ou acesse correios.com.br

CONTEÚDO DA PENLUGEM

<<A poesia tá aí, em tudo, disponível, um não-objeto bruto pendurado no vento, deitado no asfalto, brilhando no reflexo do retrovisor do ônibus refletindo a janela espelhada dum prédio que redirecionou o sol e cegou sua vista um instante e processou um sentimento com isso. A tradução dessa cegueira que te fez ver ou sentir outra coisa é que é o poema. O poema é a subversão da realidade e da linguagem. A poesia é que trabalhou dentro do ser pré- humano para que ele se proclamasse então humano. Ela é a matéria prima do humano, do sonho. O pré-humano percebe a poesia, traduz em poema e assim começa a história. É a base de toda sociedade, de toda organização. Mitologia, ciência arado religião um banco o telegrama: são todos poemas.>>



Fonte: <http://www.calder.org/>

4

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AMARAL, Luiz Eduardo Franco do. *A voz do boato: poesia falada, performance e experiência coletiva no RJ dos anos 90*. 2014. 298 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2014.

ANDRADE, Mário de. *Cartas a Manuel Bandeira*. São Paulo. Ediouro. 1958.

_____. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1982.

_____. *Tudo está tão bom, tão gostoso: postais a Mário de Andrade*. São Paulo. Hucitec, 1993.

ASSIS, Machado de. *22 de novembro*. In: _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2015.

BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II – Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

BLANCHOT, Maurice. *A Conversa Infinita: a ausência de livro*. São Paulo: Escuta, 2010.

BOLAÑO, Roberto. *Os Detetives selvagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CABRAL, Simone Garrido Esteves. *Correspondências Poéticas: Vida cultural e criação poética nas cartas de Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade*. 2010. 171 f. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2010.

CASARES, Adolfo Bioy. *A Invenção de Morel*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

CHACAL. *Uma História à margem*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

COHN, Sérgio (org.). *Nuvem Cigana: Poesia & delírio no Rio dos anos 70*. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.

_____. (org.). *Encontros - Maio de 1968*. Rio de Janeiro: Azougue, 2008

COHN-BENDIT, Daniel. *Ornitorrinco entrevista Daniel Cohn-Bendit*. [29 de julho de 2014]. Rio de Janeiro: Ornitorrinco (site – em www.ornitorrinco.net.br) Entrevista concedida a Vitor Paiva, Gabriel Pardal, Domingos Guimaraens e Júlio Reis

CORTÁZAR, Júlio. *Histórias de Cronópios e de Famas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1998

- DELEUZE, Gilles. **Os intercessores**. In *Conversações 1972 - 1990*. São Paulo: Ed. 34. 1992.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A Sobrevivência dos Vagalumes*. Belo Horizonte: UFMG. 2011.
- FANTE, John. *Pergunte ao Pó*. São Paulo. José Olympio, 2015.
- GINSBERG, Allen & KEROUAC, Jack. *As cartas*. Porto Alegre: L&PM. 2012
- GINSBERG, Allen. *Uivo e outros poemas*. Porto Alegre. L&PM. 2005
- GUIMARAENS, Domingos; GUIMARAENS, Augusto; MAROVATTO, Mariano. *Amoramérica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- KEROUAC, Jack. *On the road – Pé na estrada*. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- LEMINSKI, Paulo. *Vida – Cruz e Sousa, Bashô, Jesus e Trotski*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- _____. *Distraídos Venceremos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MELO, Christina Fuscaldo de Souza. *Eu, ele e a escrita (auto) biográfica*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015.
- MILLER, Henry. NIN, Anais. *A Literate Passion: letters of Anais Nin & Henry Miller, 1932-1953*. Harcourt Brace & Company, 1989.
- PARDAL, Gabriel (org.). *Ornitorrinco*. Rio de Janeiro: Oitoemeio, 2012.
- PEREC, Georges. *Vida: Modo de usar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- PIRES, Ericson. *Cidade Ocupada*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- _____. *Pele Tecido*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- ROCHA, Pedro. *Ogivas de Urgência*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- _____. *Chão Inquieto*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- _____. *Experiência do Calor*. Rio de Janeiro: Lábia Gentil, 2014.
- SANTIAGO, Silviano. **Eu e as Galinhas d'Angola**. In *O Cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: UFMG. 2004.
- _____. *Mil rosas roubadas*. São Paulo: Companhia das Letras. 2014
- _____. *Histórias mal contadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- TAVARES, Gonçalo. HISSA, Cássio E. Vianna (org.). **O golpe decisivo com a mão esquerda**. In *Conversações de artes e de ciências*. Belo Horizonte: UFMG, 2011
- THOMPSON, Hunter S. *Vale a pena largar o que tenho para buscar algo melhor? – uma reflexão de Hunter Thompson*. In: USHER, Shaun (org.). *Letters of Note: An Eclectic Collection of Correspondence Deserving of a Wider Audience*. São Francisco (EUA): Chronicle Books, 2014 (Tradução: Fred Di Giacomo).
- VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia das

Letras, 1997.

_____. **Diferentemente dos americanos do norte.** In *O Mundo Não é Chato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WHITMAN, Walt. *Folhas da Relva*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

WILLER, Claudio. *Os Rebeldes: geração beat e anarquismo místico*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

ZARVOS, Guilherme. *Branco sobre branco: Centro de Experimentação Poética 20.000: Centro de experimentação Pensamento: Uma possível rota*. Rio de Janeiro: NONOAR, 2009.